

## **Reflexões sobre o País**

### **Nota n.º 1**

Um país divide-se em estado e cidadãos.

O estado é constituído pelo Presidente da República, Assembleia Nacional, Governo, Administração Pública.

A Assembleia Nacional é formada por partidos políticos e estes por cidadãos.

Governo por sua vez é constituído pelo chefe de governo, ministérios e outros órgãos.

A função governamental é distinta da actividade civil.

Compete ao governo zelar pelo bem-estar dos cidadãos, cuidar da sua saúde, educação e segurança.

As actividades económicas competem aos cidadãos; isto não quer dizer que não possa haver empresas públicas, quando não existam empresas privadas. Existirá um banco central e a inspecção bancária.

O banco central, os órgãos de inspecção bancária, os hospitais e as escolas de todos os níveis, a segurança como a polícia, o exército e outros órgãos afins são actividades que competem ao estado ou ao governo. Cabe aos cidadãos toda a actividade económica.

Duma maneira geral toda a nossa economia está entregue a não são-tomenses: os bancos estrangeiros e outras empresas, parece-me que mesmo as actividades agrícolas, a distribuição de água e fornecimento de energia que actualmente são exploradas por empresas públicas, deviam ser entregues a actividade privada.

Por isso, que tal constituir uma grande empresa só de são-tomenses que poderia ser como se indica a seguir:

Denominar-se-ia Companhia Geral do Golfo da Guiné (STP) que pode ter como sigla “ 3Gs”. Seria uma holding que poderia ter várias empresas em todos os sectores tais como:

- Agricultura
- 1 Banco
- Comércio por grosso e a retalho
- Energia eléctrica; energias renovadas
- Pesca
- Pecuária
- Transportes
- Serviços – sobretudo petrolíferos

Fundamentalmente seria constituída a grosso modo por dois grupos: 1 banco e outras empresas

- O capital da empresa mãe seria de 1 0. 000. 000 de Euros e mais tarde poderia ser elevado a 20 ou mais milhões. O valor de cada acção seria de 250 Euros. Assim seriam 40 000 acções que se dividiriam em 3 lotes A, B, C para que as acções sejam acessíveis a todo o povo.

O lote A comportaria 20 000 acções que seriam subdivididas em 80 “sub lotes” e os restantes 4 000 teriam aplicação posterior.

O lote B que comporta 10 000 acções seria subdividido em “sub lotes” de 50 acções.

O lote C será vendido entre 1-5 acções por cada indivíduo, isto é, destina-se a população de menos recursos de modo que os resultados da empresa se difundam por toda a população.

A ideia é de criar um grupo de indivíduos que se poderá associar a indivíduos ou empresas que entrem no país. Entretanto o banco criado ou a criar, tentará substituir provisoriamente se for necessário, os eventuais parceiros são-tomenses das empresas estrangeiras, porque o banco entrará logo com 49-51% percentagem a estipular posteriormente. Este mesmo banco apoiará financeiramente qualquer iniciativa de participação.

- O capital da empresa Companhia Geral do Golfo da Guiné seria de 10 000.000 de Euros. Em princípio começar-se-ia por organizar a agricultura para produzir alimentos não importados (fruta-pão, banana, todos os tubérculos, o milho, ovos, frangos, leite de vaca, fruta, legumes e hortaliças) a pecuária para a criação de aves, frangos e produção de ovos, aproximadamente 50 000 ovos por dia e 2.000.000 de frangos anuais e outras carnes como sejam de ovinos, caprinos, coelhos, etc.

Quanto ao comércio criar-se-ia uma grande empresa para distribuição em armazéns situados nos distritos, de todos os produtos importados especialmente arroz, farinha, açúcar, e óleos.

- O estado concederia à empresa exclusividade da pesca de alto mar, na zona económica exclusiva, (ZEE).
- Há que ter desde já muita atenção na formação de pessoal nas empresas petrolíferas. Aqui em Angola um técnico estrangeiro licenciado ganha cerca de 75 000 dólares mensais com casa e transporte, férias bianuais para si e para sua família, ao passo que um Angolano com a mesma habilitação ganha 15 vezes menos., isto é, apenas cinco mil dólares.

- A Noruega é hoje o único país da Europa que não sofreu com a crise económica, ela tem neste momento um fundo de petróleo no valor de 270.000.000.000 de Euros disponíveis. A Noruega está a ajudar Timor-Leste a organizar a sua indústria de petróleos; será que São Tomé e Príncipe está a tentar fazer a mesma coisa? A verdade é que daqui a 5 ou 7 anos estaremos a produzir petróleo. Segundo os conhecimentos, as reservas de São Tomé e Príncipe eram estimadas em 2.000.000.000 de barris, admitindo que se extraía por dia 200.000 barris, temos ao fim de 1 ano aproximadamente 73.000.000 de barris que vendidos a cotação actual de 78 dólares por barril dariam um valor que multiplicado 0,55 (que é a parte do país em poços novos corresponderia aproximadamente a 2,9 mil milhões). Isto quer dizer que durante os próximos 30 anos, teremos um rendimento anual de 2,9 mil milhões de dólares, isto quer dizer que se nós criarmos um fundo igual ao da Noruega poderemos ter 60.000.000.000 de dólares, um dinheiro fabuloso.
- Vamos entregar a administração dos nossos bens a estrangeiros? Isto vai depender de vós.
- Por hoje é tudo. Irei sugerindo ideias até que, na primeira semana de Janeiro possa fazê-lo pessoalmente.

### **Nota n.º 2**

Podemos acrescentar à nota anterior o seguinte: em vez de serem dois sectores, agrícola e pecuário, pode ser apenas um agro-pecuário para facilitar a organização do sector.

As empresas agrícolas actuais serão reorganizadas em cooperativas ou empresas autónomas e auto-suficientes. Isto é: os trabalhadores deixarão de ser funcionários e as roças, sedes ou dependências produzirão o que lhes oferecer melhor rendimento. Por exemplo, Diogo Nunes poderá criar gado bovino leiteiro ou de carne, castanha de caju e qualquer outro produto para o qual a terra tenha vocação. Rio do Ouro produzirá cacau, eventualmente criará vacas leiteiras, produzindo leite manteiga e queijo. Quero dizer com isso que as roças actuais terão como prioridade a obtenção do maior rendimento possível de modo a que possam fixar os seus residentes. Isto tudo para evitar que as cidades de S. Tomé, e S. António se transformem em pequeníssimas cidades como Luanda, S. Paulo e Rio de Janeiro as modernas El-Dourado para muita gente.

Além dos sectores já indicados na nota anterior temos o turismo, as energias renováveis e investigação.

Todas as empresas das 3Gs (Companhia Geral do Golfo da Guiné) são independentes e até concorrentes se necessário.

Em vez de haver um único banco como eu disse na nota anterior deve haver dois bancos: o Banco do Comércio de S. Tomé e Príncipe com o capital de quatro milhões de euros que fará todas as operações bancárias e pelo qual se farão exclusivamente todas as operações relativas ao petróleo (pagamentos, recebimentos etc.).

O outro banco Banco Popular de S. Tomé e Príncipe terá um capital de um milhão de euros e destina-se exclusivamente a pequenos empréstimos (mini-créditos) de 500-5000 euros.

Uma coisa importante é que aos accionistas das 3Gs é permitido garantir os seus empréstimos com acções nos 3Gs, do seguinte modo. Aos accionistas dos grupos A e B até 50% do valor das acções já liberadas. Aos accionistas do grupo C a totalidade, mas, neste caso estes pagarão 2% do valor concedido para o fundo de garantia.

Ainda aos accionistas do grupo A e B é permitida a aquisição em parte ou na totalidade das participações adquiridas pelas 3Gs noutras empresas se houver concordância da direcção.

Ao Banco do Comércio é atribuído o exclusivo da gestão do fundo do petróleo que o Estado criará e todos os outros recursos do estado.

Falámos acima da pecuária. Temos a seguinte ideia. A produção de:

50.000 ovos ou mais, diários.

2 milhões anuais de carne de frango.

E os pintos do dia são importados ou produzidos internamente?

Mil casais de coelhos para distribuição pelas roças às mães com mais filhos pequenos como complemento e a obrigação de restituírem em dobro no prazo máximo de seis meses.

Os suínos, caprinos e ovinos podem ser criados com autorização dos dirigentes das roças. Os animais podem ser vendidos às empresas negociadoras destes tipos de produtos As vacas serão quatro mil sendo três mil para S. Tomé e mil para o Príncipe.

O Banco do Comércio poderá financiar a compra destes animais e o equipamento industrial necessário para a transformação.

O Turismo oferece largas possibilidades. Vamos preparar-nos para receber, 300 mil/400 mil/500 mil turistas?

Há enormes possibilidades noutros campos.

Vamos criar um casino?

Vamos criar uma clínica de nível internacional, como na Índia?

Uma Universidade a nível internacional, para estudos económicos e financeiros?

Vamos criar um banco offshore?

Vamos criar uma empresa grossista capaz de fornecer prontamente cereais e farinha em milhares de toneladas?

Vamos criar uma empresa de reparação de petroleiros no Golfo da Guiné?

São opções possíveis mas não fáceis de realizar. Todas elas sugeridas por técnicos estrangeiros que em 76/77 visitaram S. Tomé e falaram comigo.

Voltemos a realidade. Que podemos fazer sobre energias limpas. Temos vento, a luz solar e rios, porque não aproveitar desde já estas fontes energéticas?

Ocorre-me a ideia do estado propor às empresas petrolíferas estabelecidas ou a estabelecer em S. Tomé a preparação do pessoal que possa necessitar, despesas estas que serão amortizadas com os outros custos. Isto quer dizer que poderão sair desde já 2 ou 3 centenas de alunos ou técnicos.

O fundo Monetário Internacional ou a Noruega, no caso de entregarmos a este país tal como Timor toda a nossa futura indústria petrolífera.

Não seriam capazes de pôr à nossa disposição 500 milhões de euros?

### **Nota n.º 3**

Antes de mais devo uma explicação às pessoas que lerem estas notas. A minha mulher disse-me que eu repetia muitas vezes a mesma coisa e que andava para trás e para diante. O motivo é simples: o facto é que estou praticamente cego; não vejo absolutamente nada do olho direito, e do olho esquerdo apenas 10 a

15%. Mal consigo distinguir as pessoas, mas não interessa, vamos ao nosso trabalho.

Como disse as 3Gs (Companhia Geral do Golfo da Guiné) é uma holding. Elas compõem-se de uma Direcção Geral chefiada por um PCA (Presidente do Conselho de Administração) e tem os seguintes órgãos:

Um Secretário-Geral que o liga a todos os outros órgãos que são os seguintes:

Gabinete de Estudos  
Instituto de Investigação  
Inspeccção-geral  
Bancos  
Direcção Executiva  
Fundação Esperança

A Direcção Executiva que é dirigida pelo Director Executivo subdivide-se em Departamentos: Departamento de Finanças, Departamento de Contabilidade, Tesouraria, Departamento de Coordenação, que coordenaria as actividades das várias empresas que constituiriam o grosso da actividade das 3Gs, etc., etc...

Que é a Fundação Esperança? Eu entendi que para além dos grupos A, B, C, de accionistas existe um grupo enorme de são-tomenses que não têm possibilidades de adquirir uma simples fracção de uma acção. A Fundação Esperança é um meio de eles poderem beneficiar de umas migalhas. É o caso por exemplo dos nossos velhos, doentes, e crianças desamparadas. Poderão estes velhos comprar uma acção alguma vez? Mas também são deles os bens administrados pelos bancos das 3Gs. Assim acho que seria justo que os mais beneficiados pelas actividades pagassem uma taxa de inscrição que seria de 5% para o grupo A, isto é, para cada lote de duzentas acções adquiridas, doaria dez ao fundo; o grupo B entregaria uma acção pelas cinquenta, e assim a fundação Esperança passaria a ser accionista das 3Gs com mil e duzentas acções. Caber-lhe-ia ainda como complemento uma participação nos lucros numa percentagem a estipular.

#### **Nota n.º 4**

Estranho que os telefones de certas pessoas nunca possam atender às chamadas. Será por economia?

Pedi ao meu colega Eugénio Tenjua que convidasse todos os licenciados em Economia, Finanças, Contabilidade e Gestão para que pudéssemos constituir

uma associação, academia e não Ordem porque é muito pomposo e não se justifica para 20 ou trinta pessoas o máximo.

Passados dias disse-me ele que tinha falado ao Dr. Agostinho Rita que em tempos se propusera a constituir uma Ordem de economistas ideia que não chegou a concretizar-se.

Ficaram ambos de falar mais profundamente sobre esta ideia.

Propus à Dra Milú Aguiar através de pessoa amiga a ideia de coordenar o ciclo de palestras que o grupo organizaria.

Os temas compreenderão para além de Economia, Finanças, Contabilidade, Gestão, outras matérias. Palestras estas que serão proferidas por gente convidada e mais capaz em cada área.

Para começar poderíamos, desde já marcar uma data, próxima de 3 de Fevereiro, para uma palestra a ser proferida pelo Sr. Quintero Aguiar sobre o tema “1953, depoimento de um sobrevivente da Praia de Fernão Dias”. A palestra pode ser lida por um dos filhos: Milú ou Tony.

Conviria que pelo menos houvesse uma conferência mensal. Os conferencistas podem escolher temas propostos pela organização ou por sugestão dos próprios.

Eu gostaria que o Dr Agostinho Rita falasse sobre ”A depressão de 1929 e a grave crise financeira actual, semelhanças e diferenças. A desregularização da economia mundial actual”.

Com os colegas Eugénio Tenjua, Milú Aguiar, Anastácio, não me lembra bem o seu nome, chefe do departamento de contabilidade do Fundo de Acção Social? E ainda a filha do Ariosto Castelo David e da Piedade, que trabalha num banco, gostaria de constituir um grupo de trabalho quando aí chegasse.

Para além das pessoas indicadas queria convidar o meu amigo, primo, sobrinho por afinidade e neto adoptivo, Dr. Adelino Amado Pereira, para desde já se juntar ao grupo de trabalho e ir preparando toda a legislação necessária a propor aos órgãos competentes para concretização das nossas ideias.

Resta-me agora ir pensando no futuro da nossa juventude. A sua organização, a elevação da escolaridade mínima, até à 12.<sup>a</sup> classe, a alfabetização de toda população. E até por que não uma organização juvenil designada ”Os Voluntários de STP” que compreenderia todos os jovens dos 10 aos 35 anos. Após atingirem a idade máxima passariam à categoria Veteranos. Os voluntários

compreenderiam três categorias: cadetes, candidatos e voluntários. Gostaria de propor para o patrono dos voluntários um nome mas poderão ser escolhidos outros.

Tenho perguntado a mim mesmo se não haverá um meio de obter recursos através da 3Gs (Companhia Geral do Golfo da Guiné). Acho que sim. Eu creio que o resultado líquido, isto é, as receitas menos as despesas necessárias para obter estes resultados, que estimo possam atingir 50 milhões de Euros anuais. Mas as possibilidades de concretização são ténues, vagas e muito difíceis de atingir. Direi mesmo frágeis. Obtêm-se uma vez, se não houver o cuidado necessário. Mas, esse rendimento pode estender-se por várias dezenas de anos.

Espero poder em Janeiro explicar de viva voz. Agora é tudo.  
Saudações e até breve.

### **Nota n.º 5**

Ouvi duas vezes a entrevista dada pelo meu colega Jorge Santos. Estou em desacordo com muitos pontos, mas acho a entrevista boa e gostaria de conhecer o entrevistador.

Pergunto a mim mesmo que estudos se fizeram até agora. Estudamos o “projecto exploração conjunta Noruega -Timor Leste”?

Ouvi no princípio do ano salvo erro, aquando da visita do 1.º Ministro de Timor, Xanana Gusmão a Portugal, numa entrevista que deu à SIC, que a parceria Timor Leste - Noruega sobre o petróleo ia muito bem e que em 2010 começariam a obter resultados.

Como se procede em Angola na industria petrolífera? Há conhecimento aí em S. Tomé e Príncipe dum projecto chamado “Angolanização”? Consiste este projecto num conjunto de acções que conduzirão à substituição de trabalhadores estrangeiros por quadros angolanos superiores. Em Angola há cerca de vinte mil estrangeiros a ocupar lugares a nível superior, na indústria petrolífera. Como já referi atrás a diferença de ordenados é enorme e varia entre 15-30 vezes, isto é, enquanto um estrangeiro ganha 2.500 USD/diários, um angolano com a mesma capacidade técnica ganha 2.500-5.000 USD por mês. São dezenas de biliões de dólares anuais a mais. Vocês acham que alguma vez as companhias petrolíferas estrangeiras vão permitir que este caudal de dinheiro deixe de correr para os seus bolsos ou para o dos seus compatriotas? Eu não acredito?

O que se passa na Nigéria, onde há 60 anos se explora o petróleo. Se bem percebi os quadros superiores são todos americanos ou ingleses. E como se resolveu este problema no Brasil, no Panamá, Venezuela e nos países Árabes de pequena dimensão, etc...? Deveríamos sabê-lo; daí que eu continue a pensar que se envie alguém, uma delegação ministerial a Timor Leste para estudar tudo e colher experiência.

Pôs-se o problema da formação dos quadros superiores e o entrevistado disse salvo erro que era seu parecer que só a partir do momento em que se encontrasse petróleo ou este começasse a ser extraído é que se deveria iniciar a preparação dos quadros superiores. Ora, daí até lá, na melhor das hipóteses decorrem quatro anos. Isto quer dizer que os primeiros licenciados ou parte deles só seriam formados em 2019.

Vamos todos analisar três hipóteses:

- 1.<sup>a</sup> a formação dos quadros superiores começaria em 2014.
- 2.<sup>a</sup> a preparação dos quadros iniciar-se-ia a 1 de Janeiro de 2010
- 3.<sup>a</sup> a preparação dos quadros começaria em 1 de Janeiro de 2010, mas verificar-se-ia que contrariamente ao que se esperava, não há um barril de petróleo na nossa zona exclusiva. Todas as pesquisas ficaram goradas.

Fica assente que pela 1.<sup>a</sup> hipótese só se começaria a formação a partir de 2014.

2.<sup>a</sup> hipótese: Por esta hipótese vamos desde já começar a preparar os quadros superiores para que eles possam em 2014 começar a trabalhar. Admitamos que são 5 as companhias, ou melhor que são cinco empresas: Exxon-Mobil, Chevron-Texaco, Total, BP e mais uma.

A área conjunta Nigéria – S. Tomé e Príncipe é avaliada em 32 mil km<sup>2</sup>. Apraz-me referir que não pode haver áreas conjuntas. Há fronteiras. Aqui imperou a lei do mais forte. Mas, passemos adiante.

Toda a área compreendida entre a costa de S. Tomé e Príncipe e a costa do Golfo da Nigéria ao Gabão deve ter petróleo. Assim, supúnhamos que São Tomé e Príncipe explore em comum com os seus parceiros do Gabão à Nigéria uma área que podemos estimar em cem mil Km<sup>2</sup>. Como se referiu na entrevista, a área conjunta com a Nigéria necessitaria de dois mil técnicos. Assim seriam cerca de seis mil quadros para a área de cem mil Km<sup>2</sup>, e como São Tomé e Príncipe tem direito a ocupar 50% destes lugares seria necessário formar 3 mil técnicos superiores são-tomenses para a indústria. Atendendo a que muita formação se faria internamente haveria necessidade de professores para leccionar nos liceus e escolas técnicas que se criassem. Arredondemos então as nossas necessidades

até 2015, 2016, em cinco mil técnicos superiores. Admitamos ainda que a parte dos quadros a ser preenchida pelos estrangeiros nossos parceiros possa ser ocupada por nós, na hipótese de não haver candidatos. Isto quer dizer que haverá no mínimo quatro mil lugares a serem preenchidos. Seriam formados em que disciplinas?

Fala-se muito em engenheiros de petróleos. Que significa isto? Engenheiro de petróleos é uma forma lata de designação que inclui todas as disciplinas. Engenheiros propriamente ditos, licenciados de toda sorte, homens e mulheres formados em Direito, Biologia, Ciências, Médicos, Gestores, Contabilistas, com curso superior.

Tomemos um exemplo: admitamos que se decida criar uma única clínica para todas as empresas pois não se justifica que haja uma clínica para cada empresa. Seria um desperdício de recursos. Uma clínica sim mas de mais alto nível com todas as especialidades. Com quantos médicos? Quarenta, trinta médicos? Haverá tantos médicos são-tomenses? Onde ir buscá-los. O mesmo se passa com as outras categorias de especialistas.

Feito o inventário de formados que existem e estimando-se as nossas necessidades, como concretizar os nossos desejos. Primeiramente os órgãos legislativos ou o governo deverão condicionar a admissão obrigatória. Desse modo, 60% dos quadros necessários a cada empresa deve ser preparada de antemão de modo a estarem disponíveis no primeiro dia da extração. No máximo cinco anos depois do início dos trabalhos essa cota deverá ser elevada para 80%. Dez anos depois a totalidade dos quadros será são-tomense. Isto quer dizer que toda a direcção salvo um ou outro funcionário superior será são-tomense. O custo total, no país ou no estrangeiro da formação deste pessoal, será por conta inteira do Estado, incluído nos custos de investimentos em investigação e abertura dos poços, podendo entretanto o seu valor ser amortizado como qualquer outro investimento inicial, ou mesmo amortizado mais rapidamente.

Espero chegar a S. Tomé se não houver contratempas a 7 de Janeiro

Por hoje é tudo. Darei mais explicações em notas seguintes.

### **Nota n.º 6**

Hoje venho desfazer um mal entendido que pode afectar a colaboração e entreadjuada dos são-tomenses na concretização dos nossos sonhos. Trata-se do seguinte: estive em S.Tomé várias vezes, de 1975-1981, no Gabão a pedido do

Governo de 1985-1988, de novo em S.Tomé em 1988 e 1989, de 1993-1997 e por último de 1999-2001.

Em Dezembro de 1996, estando a trabalhar na SOCOP e por que queria regressar a Angola, convidei o meu amigo Sr. Eugénio Tiny a tomar conta da gerência da empresa.

E na sequência da conversa, disse-lhe a brincar, pois que não tinha poderes para isso, que quem poderia comprar a empresa era o seu patrão Sr. Fradique de Menezes, homem empreendedor e com recursos. Ele respondeu-me, que lhe parecia que ele poderia fazê-lo, mas que a seu ver por muito bom que fosse o negócio, ele nunca por nunca negociaria comigo. Disse isso com tanta convicção que me espantou.

Declaro sinceramente que nunca, nunca houvera entre nós qualquer diferendo que pudesse ter levado a tanta animosidade. Trabalhámos juntos em 1975-1976. Lembra-me salvo erro, que em Março de 1989 a convite do Chefe da Missão das Nações Unidas em S. Tomé, facto ocorrido aproximadamente há 20 anos, nos encontramos no gabinete do Chefe da Missão o qual nos convocara, para nos convidar a colaborar na criação da Câmara de Comércio de S. Tomé e Príncipe. Colaboração que me era impossível pois que estava decidido a regressar a Angola. Teria eu dito, nessa altura inadvertidamente qualquer coisa que pudesse magoar o senhor? Não creio. Repito, nunca entre nós houve troca de palavras, ou qualquer acto meu que possa ter dado lugar a isso. Se foi, eu que não tenho pretensões nenhuma quer políticas quer económicas, não tenho a mínima dúvida em pedir sinceras desculpas. Não quis magoá-lo, não quis feri-lo. Digo-o sinceramente.

Aliás em 1996, constatei com agrado através de amigos que ele era muito bem quisto na Trindade. Louvavam a sua afabilidade e com a sua eleição para o cargo de presidente de S. Tomé e Príncipe com que eu me congratulei, espero que ele possa prestar óptimos serviços ao País. O meu propósito ao fazê-lo é evitar que um simples mal entendido a meu ver possa prejudicar uma colaboração que certamente será benéfica para S. Tomé e Príncipe.

Sinto-me quase como o meu compadre Jones, (tinha eu apenas 13 anos, quando ele trabalhador emigrante da Costa do Ouro hoje Gana, velho, doente e alquebrado, me disse com os olhos cheios de lágrimas que tinha vergonha de regressar a terra porque não queria mendigar o seu sustento junto da família). Tive eu um pouco mais de sorte, mas muito pouquinho. Meu Deus! Quantos Jones vi eu na minha vida!!!

## Nota n.º 7

Há vários dias que eu penso em descobrir uma maneira de resolver o seguinte problema:

Como vamos nós conseguir formar três mil, quatro mil ou mesmo cinco mil indivíduos para as nossas necessidades?

Três mil quadros, isto é, indivíduos com habilitações superiores estrangeiros que certamente não ganhariam menos do que ganham em Angola, isto é, setenta e cinco mil dólares mensais, duzentos e vinte e cinco milhões de dólares, pouco mais de dois biliões de dólares anuais, como vemos, uma quantia fabulosa. Há pois que fazer tudo o que esteja ao nosso alcance para que esse dinheiro reverta a nosso favor. Certamente que alguma parte seria para o salário dos são-tomenses e outra muito maior, pois que nós são-tomenses, não podemos nem devemos ter a veleidade de pretender ganhar o ordenado de setenta e cinco mil dólares mensais, dinheiro que nem provavelmente o presidente dos Estados Unidos ganha, reverteria para acorrer a outras despesas do Estado.

Chamo vivamente a vossa atenção para questões referentes a remunerações pois que é um domínio melindroso. Estas são díspares e diversificadas em qualquer lado e de relatividade muito variável. Exemplo: quanto ganha um juiz do supremo tribunal no Brasil? Quanto ganha um médico? Quanto ganham na Suécia os indivíduos com a mesma categoria? Quanto ganham os motoristas? Os criados? É um problema vital. É preciso ter muito cuidado. Há uma necessidade absoluta de equidade. Diz-se que na Suécia os vencimentos de um licenciado excedem em muito pouco os de um motorista de autocarro por exemplo. Na Europa salvo em determinados sectores não se praticam essas remunerações; fazem-no em África simplesmente para justificar o saque.

Voltemos à nossa conversa. Eu dizia que, há que arranjar uma maneira ou um meio de o fazer e ocorrem-me duas ideias. A primeira é a de S. Tomé e Príncipe arranjar um parceiro fiável. A segunda é a de encontrar um aliado confiável. Mas parece-me que a primeira prioridade seria preparar gente que possa entrar para as universidades. Ora como aumentar progressivamente o número de finalistas que estejam capacitados a frequentar cursos superiores. Devemos em primeiro lugar elevar a escolaridade mínima para doze anos. Devemos alfabetizar toda a população se possível, começando pelos VOLUNTÁRIOS, gente da faixa etária que vai dos 7 aos 35 anos. Vou dar um exemplo. Suponhamos que um rapaz ou rapariga de 18 anos me vem dizer que pretende ser engenheiro ou médico, mas que no momento em que me fala nem sabe ler. Eu volto-me para ele e digo-lhe basta que tu o queiras, mas o esforço será grande. Em quinze anos podes ver o teu sonho realizado se quiseres trabalhar

para isso. Tu já és um homem, podes bem, fazer a quarta classe em três anos. O primeiro ciclo em dois anos, o segundo em um ou dois anos, o sexto ou o sétimo em dois anos, que correspondem hoje 11.<sup>a</sup> e 12<sup>o</sup> classes e os cinco anos da faculdade fazê-los em 5 anos. Como vês, é possível consegui-lo basta que se tenha coragem e apoio necessário. A coragem és tu que deves tê-la, o apoio S. Tomé dar-te-á a partir de agora.

Antes de prosseguir por que não esboçar, como antevejo os VOLUNTÁRIOS de STP. São uma estrutura de forma piramidal, com um Mestre e seu adjunto Coordenador geral, 8 Coordenadores distritais, Agentes em cada uma das escolas, um para cada uma, coadjuvados por Delegados, um Curador de bairros que coordenaria Monitores, indivíduos que teriam como incumbência contactar directamente com o povo.

Isto são ideias que devem ser aperfeiçoadas e melhoradas. Fundamentalmente é a ideia de que a educação dos filhos se difunde por toda a família. Admitamos que 30-40 mil jovens fazem parte dos 170 mil são-tomenses, isto quer dizer, que haverá um VOLUNTÁRIO para cada 4 indivíduos. Quanto mais conhecimentos se conseguir difundir na educação e na cultura mais rapidamente se instruirá o povo.

A propósito, por que não generalizar o dialecto que passaria a língua oficial obrigatoriamente falada por todos. Ela segundo especialistas seria falada no parlamento, seria veículo de instrução até a quarta classe e meio de comunicação normal, que não deveria envergonhar ninguém por ser a nossa língua. Eu quando aí chegar voltarei a este assunto.

Voltemos às duas opções referidas atrás. Comecemos pela primeira esta diz que S. Tomé e Príncipe deve arranjar um parceiro fiável. Mais uma vez quero sugerir a conveniência para o país de se estudar a parceria Noruega - Timor Leste quanto ao petróleo e ver se deveríamos negociar com esse país uma parceria idêntica ou melhorada. Das três opções para a exploração do petróleo que consistem em concessão, partilha de produção e exploração directa, a que mais nos convém devido aos nossos meios técnicos, financeiros e os próprios de um pequeno país como o nosso, seria o de partilha de produção a mais conveniente tal como se faz no Médio Oriente. Se fosse possível a concretização de uma parceria deste tipo teríamos os nossos problemas resolvidos em grande medida. A Noruega é um país de homens honrados que jamais explorariam um país pequeno como S. Tomé e Príncipe e sobretudo, por que não precisam.

O Brasil poderia oferecer-nos as mesmas possibilidades mas tenho medo. O Brasil é grande demais e tenho medo dos tubarões. Uma cláusula do contrato de produção poderia ser a Noruega proporcionar-nos todas as possibilidades de

formação enviando se necessário os nossos rapazes para Houston e Texas, nos Estados Unidos, Aberdeen na Inglaterra, Oslo e Brasil. Os nossos jovens iam gradualmente preenchendo todas as nossas necessidades.

Agora vamos ver o que me sugere o segundo ponto, que é arranjar um parceiro fiável. Que país no mundo nos pode merecer mais confiança? Um país grande que poderia eventualmente absorver-nos ou um país pequeno em que essa absorção não ocorresse? Um país longínquo ou próximo. Se grande essa absorção não estaria coarctada. Depois de muito pensar optei pela Guiné Equatorial. É um país pequeno embora maior que o nosso, tem uma população cinco vezes maior que a nossa, é mais rico que nós, fala uma língua entendível, mais próxima do Português. Suponhamos que um deputado de qualquer dos partidos apresente a seguinte proposta de decreto-lei:

Meus caros colegas e compatriotas:

Eu estive a pensar maduramente e ocorreu-me que S. Tomé e Príncipe deveria pela sua pequenez territorial e populacional, é o mais pequeno país do Golfo da Guiné, por isso deveria arranjar um país amigo confiável. Parece-me que nenhum outro oferece mais garantias que a Guiné Equatorial. Com ele um TRATADO DE AMIZADE, COOPERAÇÃO E SEGURANÇA por 99 anos seria benéfico para nós pois alargaria consideravelmente o nosso mercado, o que daria maiores possibilidades as nossas empresas quer comerciais quer industriais, tornaria grande parte do Golfo da Guiné zona económica exclusiva dos dois países, possibilitaria a constituição de empresas de envergadura internacional, como sejam: Banco offshore, doca de reparação de navios petroleiros, uma companhia de navegação, uma companhia de aviação, casino, clínica a nível internacional, uma faculdade de Economia capaz de como na Índia formar indivíduos muito procurados nos Estados Unidos, Inglaterra, etc..., fazer conjuntamente o estudo da fauna em todo o Golfo da Guiné, etc, etc, etc...

Quantas embaixadas necessitariam os dois países separados ter? O simples facto de haver esta união reduziria esta necessidade a metade. Como vêm talvez obtivéssemos vantagem nessa união.

Por hoje é tudo.

### **Nota n.º 8**

Vimos nas notas anteriores que deveríamos preparar o pessoal qualificado necessário às nossas necessidades; que podíamos fazê-lo a partir de 2014, ou como me parece preferível a partir de 1 de Janeiro de 2010. Pusemos também a

hipótese de eventualmente esse pessoal preparado a partir de 2010, poder não ter onde trabalhar se as pesquisas não proporcionarem petróleo e o gás, que já se sabe existir, não for rentável.

Estudamos a segunda hipótese, isto é, começar a preparar pessoal a partir de 2010. As conclusões a que chegamos constam da nota anterior, que para facilitar grandemente a resolução do problema, deveríamos arranjar um parceiro fiável e uma nação com a qual faríamos um tratado de Amizade, Cooperação e Segurança.

Os parceiros escolhidos foram a Noruega e a Guiné Equatorial, que a nosso ver podem ser substituídos por PETROBRAS e o Estado Brasileiro de preferência. Mas, há um problema vital que é o de saber, ou ver como custear as despesas. Os parceiros custearão as despesas necessárias sendo reembolsados posteriormente? Não teremos nós dinheiro para isso? Acho que sim. Mas, é um assunto que trataremos adiante.

Vamos agora à terceira hipótese que é a de, chegados a 2014, constatarmos que não há petróleo. Que fazer, então com três, quatro ou cinco mil técnicos qualificados? Em meu entender três mil, quatro mil ou cinco mil técnicos são uma riqueza incomensurável. Valem o seu peso em ouro. Senão vejamos:

O Japão é a segunda potência mundial economicamente falando. Comparemos o seu tamanho, população, o rendimento per capita e os outros dados relativamente ao bem-estar, com os da Inglaterra, França, Alemanha, China, Rússia, etc. O Japão não tem petróleo, diamantes, ouro, nem qualquer minério. Tem apenas a capacidade dos seus cidadãos.

Um outro exemplo é a Coreia do Sul que é a terceira potência económica mundial e que a um ou dois anos, trocou de posição com a China, isto é, passou para quarto lugar. A Coreia do Sul faz parte da Coreia colonizada pelos japoneses antes da segunda guerra mundial. É um território pequeno relativamente aos outros, sem petróleo, ouro, ou qualquer outro minério. Vejamos ainda, ou melhor, comparemos os seus dados económicos e de bem-estar com os dos seguintes países: Suíça, Finlândia, Suécia, e Dinamarca.

A capacidade técnica de que o país poderia dispor nessa altura permitir-lhe-ia, conseguir tal como os países atrás referidos rendimentos suficientes, quanto mais não fosse através de parcerias com o Brasil noutros campos que não o petróleo.

S. Tomé e Príncipe pela sua situação geográfica no centro do golfo poderia introduzir os produtos brasileiros de toda a sorte em todo o Golfo da Guiné. E os nossos mares? E as empresas que nós antevimos anteriormente: doca, grande empresa grossista, clínica. Aliás temos uma fonte provável de rendimentos que é o turismo com as possibilidades desportivas conexas.

Vejamos o caso do Iraque: há dois ou três dias ouvi na Euronews a notícia que nesse país se tinham descoberto colossais reservas de petróleo, cuja exploração se estimava em doze milhões de barris diários, coisa fabulosa, só comparável à

Arábia Saudita. Vocês acham que eu aceito a ideia de que, foi por suspeita, de que Sadahan Hussein pretendia construir uma bomba atômica, que o Iraque foi invadido? Não.

A família Bush tem uma empresa petrolífera no Irão e faz parte, portanto, do lobby petrolífero mundial, daí que tenha arranjado a cumplicidade de Tony Blair para invadir o Iraque. Mataram com a invasão milhões de pessoas, alguns americanos, milhões de iraquianos e vão ficar impunes. Sempre fizeram isso e continuarão a fazê-lo, porque têm a força bruta, que aplicarão sem hesitações sempre que a corrupção não puder fazer o trabalho.

A Euronews, disse há tempos, dois anos ou menos, que era política do governo de Bush, transferir parte das suas importações do Médio Oriente para o Golfo da Guiné. Ora, Angola produz um milhão e novecentos mil barris diários aproximadamente, a Nigéria dois milhões, a Guiné Equatorial segundo me disseram recentemente produz cerca de um milhão de barris diários. Se acrescentarmos a produção do Congo, do Gabão e de outros países, admitamos, mesmo um milhão, isto é, a região tem disponíveis neste momento seis milhões de barris diários, o que é uma quantidade irrisória para as necessidades dos Estados Unidos, o maior poluidor do mundo tal como a China.

A mesma notícia dizia que os Estados Unidos pretendiam instalar no Golfo da Guiné um radar que pudesse controlar toda a circulação marítima nesse mesmo golfo. Fizeram-no em S. Tomé, como sabem. Pagam alguma coisa por isso?

Eu com isso quero dizer que não tenham a mínima dúvida quanto a existência de reservas colossais no golfo. Vocês terão ocasião de ver.

Pelo que eu disse atrás acho que justifiquei suficientemente que devemos desde já começar a preparar os nossos homens e mulheres.

E dinheiro para começar? Também existe. Pensando nisto ocorre-me a seguinte pergunta: porquê que nós não procedemos da mesma maneira que os Camarões? A história é simples. Há uma disputa até hoje de definição de fronteira entre os Camarões e a Nigéria que resulta da existência de petróleo na Península de Kumaci, não me lembro bem do nome, muito rica em petróleo que sempre foi considerada território camaronês e que a Nigéria ocupou militarmente a partir dessa descoberta. Claro que aos Camarões não lhe convinha de maneira nenhuma um confronto militar daí que resolvesse recorrer ao Tribunal Internacional de Justiça. Ao que me parece, não obstante os Camarões terem ganho a causa, o exército nigeriano mantém-se no local. Não posso garanti-lo, mas parece-me que assim é. Por isso eu não aceito a zona conjunta imposta pela Nigéria. Para mim é inaceitável qualquer imposição pela força, qualquer que ela seja, daí que seja minha convicção que mesmo agora devíamos questionar num Tribunal Internacional de Justiça. É um assunto para que chamo vivamente a especial atenção dos deputados; de todos os deputados. É que eu entendo que tudo o que pertence a S. Tomé e Príncipe deve ser dividido igualmente pelos cento e setenta mil são-tomenses. É direito inalienável de cada um de nós. Os governantes, a Presidência da República, a Assembleia Nacional com todos os seus deputados, o Governo, são órgãos

formados pela vontade do povo. São seus representantes e portanto defensores dos seus direitos e têm como dever primeiro defendê-los como cada um de nós deve fazê-lo. Eu sou absolutamente apertado. Sou um Homem livre e independente e acho que é meu dever não escamotear verdades. Eu pergunto por que foi que se constituiu uma zona conjunta? Conheci muitos nigerianos e verifiquei com satisfação que eram tal como os ganenses homens cultos, o orgulho de África. Será que eles não conhecem a lei internacional? Não, conhecem-na muito bem. Aqui imperou a ganância, a lei do mais forte. Aqui imperou a disputa entre o leão e o fíngui. Devemos aceitar isso, eu digo que não, não e não. Mas para que serve o Tribunal Internacional de Justiça? Então porquê que os nigerianos quiseram impor-nos a zona conjunta? Porque sabem que ali há petróleo. Tanto mais que existe um poço aberto há muitos anos e que está totalmente amortizado, pois que, a amortização faz-se apenas em cinco anos. Há um poço, que anteriormente à definição da zona conjunta já era explorado pelos nigerianos há muitos anos e que eles altruisticamente nos concedem 40%. Isto é, 30.000 barris diários. E o tempo todo que eles exploraram sozinhos não é contado porquê? Se é zona conjunta no entender deles. Nós temos direito a 40% de todo o produto produzido desde o primeiro dia de exploração até ao dia em que ficou definida a zona conjunta, ou não? Em Direito parece-me que é assim, ou não? Isto é assunto que deve ser definido pelo Tribunal Internacional.

A minha mulher diz que eu tenho o vício dos números. É uma doença que contraí desde pequeno, e não tem cura. Mas, passemos adiante.

Como vêm se calcularmos apenas o tempo decorrido desde que se encontrou petróleo na zona conjunta até ao dia em que se definiu essa zona, devemos receber da Nigéria biliões e biliões, mas calculemos apenas o valor, a que temos direito dos rendimentos que devemos receber ou poderíamos ter recebido. A zona conjunta foi definida quando? Em 2000, 2003? Admitamos que foi em 2003 há aproximadamente sete anos. Que dinheiro é que nos cabe desde essa data? Desde o início da definição da zona conjunta até hoje.

Trinta mil barris diários a 78 dólares que é o preço actual, dão 2.340.000 dólares diários, que multiplicados por 365 dias perfazem 854.100.000 dólares anualmente. Se admitirmos que a zona conjunta está estabelecida há sete anos, então vamos multiplicar este valor por sete e obtemos 5.978.700.000 dólares. Mas, feitas as correcções, pois ao longo destes sete anos o preço do petróleo não foi certamente sempre de 78 dólares o barril podemos obter três biliões, dois, ou mesmo cinco biliões, qualquer que seja este valor, é um valor avultadíssimo.

Cadê, como diria o brasileiro, quê dele? Ou melhor, onde está esse dinheiro?

Voltarei.

## **Nota n.º 9**

Eu quero chamar a vossa especial atenção para esta nota, que em certa medida, é resposta a uma questão levantada por uma pessoa que leu as anteriores.

Deu-me a entender ela por escrito que as minhas contas estavam muito longe da realidade pois que ela tinha visto algures que o lucro de um barril de petróleo era de dez cêntimos. Fiquei simplesmente boquiaberto. Ao que parece os trinta mil barris de petróleo diários a que S. Tomé e Príncipe tem direito na zona conjunta rendem um milhão de dólares ao país. Isto quer dizer que, o rendimento de cada barril seria cerca de dez cêntimos. Não, não pode ser. Será que eu não percebi bem o que ele quis dizer?

Em primeiro lugar, quero dizer que, eu baseei-me em dados que me foram fornecidos por um funcionário superior de uma companhia petrolífera, cuja capacidade intelectual e técnica está acima de qualquer dúvida. A minha estranheza levou-me a junto de pessoas entendidas na matéria procurar saber qual seria o preço de produção de um barril de petróleo comparado com o preço de venda. Disseram-me o seguinte: que numa certa companhia grande, das maiores de Angola, o custo variava entre quatro e seis dólares por barril. O funcionário de uma outra companhia, também grande, disse-me que era de dez dólares o barril. Como na sexta-feira, dia 24/12/2009, o barril de petróleo estava cotado internacionalmente a setenta e três dólares, pedia ao meu amigo que fizesse as contas, tomando para o país a percentagem que quisesse. Apenas devo dizer-lhe que essa percentagem, segundo a pessoa que me deu os dados de que me servi, varia entre, 55% no começo da exploração e 90% depois que as despesas estiverem todas amortizadas.

Tomemos dois exemplos: Angola e Noruega.

Comecemos por Angola. Como disse nas notas anteriores, Angola tem uma reserva estimada em trinta e um biliões de barris e produz diariamente um milhão e novecentos mil barris, cerca. O Senhor já esteve alguma vez em Angola? Venha ver como ela progride a olhos vistos. O senhor acha que é lucrando dez cêntimos por barril, que ela teria a situação tão próspera de que goza? É simples. Divida as receitas provenientes da venda do petróleo angolano pelos barris vendidos anualmente.

Passemos ao caso da Noruega.

Fala-se muito agora com a crise internacional que a Noruega é o único país europeu que nada sofreu por causa do seu petróleo, que a fez dispor neste momento de um fundo de petróleo avaliado em duzentos e setenta mil milhões de Euros disponíveis. Agora divida o valor anterior pelo número de barris vendidos desde o primeiro dia da extracção do seu petróleo. Garanto-lhe que o quociente não será de certeza absoluta de dez cêntimos. Faça o mesmo em relação à Guiné Equatorial.

Depois de fazer os seus cálculos diga-me a que resultados chegaram por escrito ou verbalmente, pois conto estar em S. Tomé a partir de 9/01/2010.

Vocês os mais novos têm a facilidade de obter mais facilmente através da Internet todos os dados disponíveis.

Ora há dias, uma pessoa conhecida minha telefonou-me a solicitar autorização para publicar no FORUM de S. Tomé e Príncipe, uma página na Internet, as sugestões ou notas que tenho elaborado e perguntava se eu não queria retirar algumas partes relativas à minha vida pessoal. Respondi-lhe imediatamente que não, pois eu estava convencido de que a minha vida podia ser exposta a toda gente. Que eu julgo que ela não está manchada por qualquer acto de que me possa envergonhar.

Eu queria pedir a todos que leram as minhas sugestões ou reflexões que as estudassem e que pudessem no dia 23 do próximo mês estar habilitados a opinar para melhoria delas, pois que, duas mil cabeças pensam melhor que uma.

Gostaria de aproveitar a oportunidade para esclarecer alguns pontos que me foram levantados, como sejam, o de haver já uma escolaridade mínima melhorada, que a Noruega presta serviço na zona conjunta, que a minha nota número seis parece, ou melhor leva a crer, que eu procuro benefícios: honrarias ou monetários.

Eu que praticamente não lido com são-tomenses aqui em Angola; sei pouco sobre o que se passa em S. Tomé, daí que tenha certamente que rever muita coisa do que disse. Mas, que eu pretenda benesses ou compensações monetárias acho demais. Não, eu não mereço que façam este juízo a meu respeito. Honrarias? Quais? Ser Primeiro-Ministro, ou Presidente de S. Tomé e Príncipe? Os únicos cargos que eu não exerci? Evidentemente que seria loucura da minha parte pretender isso. Não sendo militante de qualquer partido, atingir essas funções seria improvável. Pretender dinheiro? É certo que diz a voz popular que todo o homem tem o seu preço. Daí que eu diga – pode ser? - Quem sabe o que a vida lhe pode reservar!

Peço-vos que estejam atentos e ponham em funcionamento os vossos olhos e ouvidos, para que possam controlar todas as minhas atitudes.

Eu mal vejo. Oiço a televisão, pois que não vejo as imagens. Para telefonar ou escrever preciso que me marquem os números. Para me deslocar preciso duma bengala e do amparo de alguém. Que país queria um Primeiro-Ministro, ou Presidente, neste estado? Deste modo sou facilmente controlável e peço a todos que o façam.

O que me levou a fazer a nota número 6 foi apenas o desejo de apaziguamento, conciliação fraternidade e a procura de uma maneira que evitasse a que um simples mal entendido pudesse prejudicar a colaboração necessária para obtenção do nosso propósito que é o bem-estar dos são-tomenses.

Voltarei

## Nota n.º 10

Meus caros compatriotas e primos.

Primos, porquê? Porque há pouco tempo festejou-se o centésimo quinquagésimo aniversário da morte de Charles Darwin o homem da teoria da evolução, a qual nos diz que todos os homens têm a mesma origem. Teoria que coincide com a Bíblia, pois esta diz que Adão e Eva é que são os pais da Humanidade. Daí, que sou primo como vós, da rainha Isabel 2.<sup>a</sup> da Inglaterra, do Obama, de Krutchev, Nasser, N'Krumah, Mao Tsé Tung, Lumumba, Presidente Neto, etc., etc.

Lembrou-me agora o meu primo Sílvio Berlosconi que tratou por “bronzatos” os Obamas, e se diz com todo o desprante o maior Primeiro-Ministro da Itália dos últimos 150 anos.

Ele tem razão. Cada um de nós é livre de ter a prosápia que quiser.

Na minha última nota referi-me a uma dúvida que se me pôs levantada por um jovem, suponho eu. Como teria sido bom que os nossos sabichões, tivessem levantado outras tantas! Melhorariam com certeza o nosso trabalho. Ontem à noite, dia 28 de Dezembro, cerca das 20 horas de Lisboa foi passada na SIC uma entrevista com um alto funcionário de Timor Leste. Entrevista essa na qual segundo a minha mulher se tratou entre outros dos problemas ligados ao sector petrolífero desse país. Segundo ela focaram-se pontos muito similares aos focados nas nossas notas, por isso me sugeriu que procurasse tomar conhecimento do conteúdo dessa entrevista. Peço a todos que possam ler esta nota o favor de me chegar se possível.

Aproveito a oportunidade para exortar todos quantos leram as notas anteriores a procurarem melhorá-las lendo tudo o que for possível em relação ao sector petrolífero, tanto mais que hoje com a Internet é mais fácil.

Que tal se me fizeram o favor de enviar aquelas mais importantes?

Leiam por favor os três artigos que nos interessam e que vem na revista Veja número 45 de 11/11/09.

Lamento sinceramente que a Milú pessoa da minha muito estima, pessoa a que me ligam laços antigos, pois que considero como irmã sua mãe, não tenha tido um minuto para me dizer qualquer coisa. Não me venham dizer que não tiveram tempo. A mim que chegava do trabalho, era professor, a meia-noite e no dia seguinte às seis horas da manhã em pleno Inverno estava a apanhar o barco para Lisboa.

Diz o ditado que presunção e água benta cada um toma a que quer. Será isso que acontece aos nossos sabões?

É pelos nossos filhos e netos e até por alguns de nós. Desçam dos vossos pedestais e procurem todos que possamos dizer no fim que cumprimos o nosso dever, que fizemos tudo que esteve ao nosso alcance para o bem do nosso povo.

Termino desejando a todos” bonzuano ouí, boas festas, ano moládo cumo axi., nem guê mu”

Voltarei

### **Nota n.º 11**

Tal como o meu primo Mário Soares Ex-Presidente de Portugal entendi fazer umas notas sobre o futuro de S. Tomé e Príncipe. Evidentemente que não tenho a pretensão de ter a veleidade de me comparar a tais aves raras.

Um político mesmo quase analfabeto como acontecia no tempo da velha senhora era um sabichão. Creio que continuam a ter a mesma presunção. Homens dotados por Deus de uma sabedoria ímpar. São todos uns sabões, ou sabichões se quiserem. Bem, deixemos isso de lado.

Eu gostaria que fizéssemos uma reunião dia 23 ou 30 de Janeiro como melhor vos parecesse que poderia ter a seguinte ordem do dia:

1º- Introdução. O interventor, o autor das reflexões apresentava-se. Focava o assunto a tratar, aludindo a ordem do dia. (1 hora)

2º- Como proceder nos próximos trinta / quarenta anos. Na primeira hora exporiam dez indivíduos no máximo cinco minutos cada um sobre os trabalhos apresentados.

(Um intervalo de 15 minutos), Retomar-se-iam os trabalhos com as conclusões a que se teria chegado, constituindo-se uma comissão encarregada da elaboração de um relatório a apresentar aos órgãos de soberania. (2 horas)

3º- Seria de apreciação da possibilidade de concretização, da maneira da sociedade civil contribuir para criação de riqueza e seu usufruto. (1 hora e 20 minutos).

3.1- Discussão de como concretizar a ideia das 3Gs. Intervenção de quatro indivíduos (dez minutos cada).

3.2.-Conclusão da discussão. Eleição de uma comissão para elaboração de um relatório e apresentação de propostas. (20 minutos).

A minha ideia é que se escolham: um indivíduo capaz de dar seguimento aos trabalhos, o Agostinho Rita, por exemplo. Um outro indivíduo que poderia conduzir os trabalhos do segundo ponto e presidir a comissão a criar. Lembrei-me de alguém que poderia fazer o trabalho e cujas características principais indico a seguir: é baixinho, inteligente, viajado e homem que supõe saber tudo,

ministro, dançarino, vaidoso, sobrinho meu por afectividade. Não me digam que ainda não sabem quem é.

A comissão referida no ponto 3.2 seria constituída por mim, pelo Francisco Rita e mais quatro pessoas da vossa escolha. Assim estando presente poderia esclarecer as minhas ideias, e até melhorá-las.

Não se esqueçam de introduzir senhoras.

### **Nota n.º 12**

Hoje decidi fazer uma trégua e vou manifestar as minhas ideias em relação à juventude.

Como se diz normalmente os jovens são o futuro de qualquer nação. Considero os da faixa etária que vai dos 10 aos 35 anos, isto é, homens e mulheres que daqui a quarenta anos terão de 50-75 anos. Com isto quero dizer que esta faixa etária é que será a mais beneficiada por tudo o que se fizer hoje, como disse atrás, nas notas anteriores, que eu vivamente recomendo que leiam e melhorem.

Os Voluntários são para mim os melhores são-tomenses, o escol, a fina flor. Homens e mulheres que são o exemplo. Mas, será possível que 35-40 mil indivíduos que constituem hoje a juventude possam ser os melhores? Certamente que não. Então como escolher os melhores? Eu creio que seria uma tarefa impossível e injusta. Assim sendo, acho que todos os jovens compreendidos na faixa etária entre os 10-35 anos são todos Voluntários. O tempo e o convívio separarão os melhores. Esses, sim, serão os Voluntários que eu gostaria de ter.

Então, vamos começar.

Quero antes de mais saudar toda a juventude e também todos os meus compatriotas, onde quer que eles estejam por este mundo fora e desejar-lhes a todos sem excepção, Bonzuono oú! Boas festas. Ano moládu como axi. Muita saúde e que vejam todos os seus desejos satisfeitos em 2010.

Quem sou eu? Perguntarão quase todos vós.

Chamo-me Teotónio Ângelo d'Alva Torres, filho de Teotónio José Martins Torres e de Antónia Angelina d'Alva Torres, nascido em 23 de Agosto de 1927 na rua Garret no edifício ligado á firma Manuel Roque.

A minha vida reparte-se em dois períodos. O primeiro que vai do meu nascimento a 8 de Setembro de 1953, aproximadamente 26 anos, e um segundo período que vai dessa data a um de Janeiro de 2010, momento em que vos escrevo estas notas, 57 anos.

Os meus primeiros 26 anos têm poucas coisas de realce salvo os trágicos acontecimentos de 3 de Fevereiro de 1953. Essa data modificou muitas mentalidades e levou a população são-tomense a pensar que a instrução era

mais valiosa que o dinheiro. Todos verificámos, que o Governador Carlos Gorgulho não se atreveu a enxovalhar o engenheiro Salustino Graça do Espírito Santo, porque ele sabia que este não lho permitiria.

Então que terá acontecido nesse dia 8 de Setembro para que eu o considere dia tão importante? Eram cerca de 13 horas, quando a sirene de um navio que partia para Portugal soou e eu estava nesse momento com o meu pai; e disse-lhe: o pai sabe quem segue nesse navio? È o Ohnet, amigo do Gastão que vai estudar. Ele parou; e após alguns minutos de silêncio, diz-me. Se eu pudesse mandava o Gastão para Portugal. Respondi-lhe a brincar: o pai não pode mandar o Gastão a parte nenhuma, pois ele é maior e só irá se quiser. Ele daqui por dez minutos aqui estará. Pergunta-lhe? Efectivamente dez minutos passados chegou o meu irmão e o meu pai fez-lhe a pergunta. Oh Gastão, o teu amigo Ohnet seguiu hoje para Portugal. Tu gostarias também de ir estudar? Ele boquiaberto disse que sim. Ficou desde logo assente que ele seguiria um mês depois. Ele foi almoçar e eu ao despedir-me do meu pai ele volta-se para mim e diz: e tu também se quiseses poderás ir daqui a um ano. Eu não queria acreditar. Era uma coisa com que eu nunca sonhara. Não era possível, era um sonho.

Só são coisas possíveis com os pais. O meu ainda não recomposto de uma doença grave se propunha gastar os poucos recursos que esperava com a nossa educação. E nós, como todos os filhos, que somos egoístas não quisemos ver a sua saúde precária e o nem sempre compensado sacrifício a que ele se submetia por esses anos todos. Quantas vezes hoje eu penso nas angústias por que ele terá passado. De certo modo culpo-me de o ter sacrificado e vêm-me lágrimas aos olhos como neste momento.

Levei dez anos a fazer os estudos em Portugal do 3.º ano liceal ao quinto e último ano da faculdade de Economia. Gastei quatro anos a procura de recursos para poder continuar, fiz os dois últimos anos da faculdade em quatro anos pois tive que trabalhar como professor durante três e, como dava aulas chegava a casa a meia-noite e no dia seguinte às seis da manhã, em pleno Inverno, lá estava eu a apanhar o barco para a faculdade, para ir às aulas práticas. Daí que eu não dê muito valor quando me dizem que não têm tempo.

Cheguei a Luanda licenciado em Economia no dia 16 de Janeiro de 1969. Quisera ir para S. Tomé, mas ofereceram-me um lugar cuja remuneração seria apenas ligeiramente superior a que eu tivera em 1954. Talvez mil escudos a mais. Voltei para Angola, pois estava muito endividado e com aquela remuneração não podia pagar aos meus credores. Aqui dei aulas nocturnas durante dois anos e conversando com os meus alunos, sempre lhes disse da conveniência de estudarem, pois as independências não estavam longe e convinha que se preparassem para governar o país.

Tive a satisfação de constatar que pelo menos três dos meus alunos fizeram curso superior.

Os meus últimos 57 anos foram consumidos do seguinte modo: dez anos nos estudos em Portugal, 17 nas minhas idas e vindas a S. Tomé, os restantes 30 em Angola. Trabalhei neste país 7 anos. Estive desempregado 7 e nos últimos 13

anos estive a aguardar que a minha mulher se aposentasse e ela conseguiu-o ontem. Devia-lhe isso. Ela esteve comigo em S. Tomé nos 17 anos que ali passamos depois da independência. Como podia eu fazer-lhe perder tantos anos de serviço quando eu sei que não conseguimos acumular nada. Achei que era meu dever primeiro e assim procedi.

Estou a preparar-me para ir para S. Tomé onde devo chegar no dia nove deste mês.

Mas quem são os Voluntários? São jovens cuja faixa etária vai dos 10 aos 35 anos, divididos da seguinte maneira. Dos 10 - 15 anos denominam-se Cadetes; dos 15- 25 são Candidatos; por último dos 25- 35 anos são os Voluntários. Os indivíduos com mais dessa idade serão Veteranos. Com o tempo daqui há 10 anos por exemplo, os voluntários distinguir-se-ão da população. São homens e mulheres devotados ao seu povo, homens dignos. O voluntário é um homem exemplar, fraterno, protector do povo, dedicado especialmente aos velhos, doentes, crianças sobretudo as desamparadas e grávidas.

A Organização da Juventude dedicar-se-á especialmente ao bem comum, à educação do povo, promoverá a cultura e a instrução tendo como sua incumbência principal a alfabetização do povo. O menino ensinará a ler a sua avó, mãe e outros familiares. Os mais adiantados puxarão pelos mais atrasados.

Dois exemplos do que deve fazer um voluntário de S.T.P

Uma vez encontrei-me com um amigo em Luanda que me disse o seguinte: que ele me conhecia desde aquele dia que ele ia morrendo afogado na velha piscina municipal junto à fortaleza. Contou-me ele que tinha sido enviado ao mercado pelo pai, que chegado à cidade acompanhado por um amigo resolveram ir até à piscina pois nunca lá tinham ido. Ora ocorrera que ele resolvera tomar banho pois que vira muitos meninos da sua idade a fazê-lo. Lá se despiu e entrou na água; e na brincadeira apercebeu-se a certa altura que não tinha pé. Ia afogar-se mas um menino da sua idade, vestido e calçado lançou-se à água e foi salvá-lo. O menino não sabia nadar, estava todo molhado e os irmãos diziam-lhe que iam queixar-se à mãe pois que o menino como não sabia nadar não devia ter feito uma coisa destas. Ele não sabia o que teria acontecido ao seu salvador ao chegar a casa. Mas continuava-lhe grato até àquele momento. Perguntou-me se não me lembrava deste caso pois eu estava presente.

O segundo exemplo é o seguinte. Ia a entrar numa rua, quando irrompe um grande caminhão. Neste preciso momento a dez metros ou quinze adiante atravessava uma senhora atrás da qual vinha uma criancinha de 4 ou 5 anos. Certamente a mãe não se apercebera disso e a criança não conhecia o risco que corria. As pessoas levaram todas as mãos à cabeça. Nisto surge um rapaz que corre, corre, e só teve tempo de agarrar a criança e saltar para o passeio. Por pouco não eram colhidos os dois. É gente desta que deve constituir os Voluntários de S. Tomé e Príncipe que cumprem a divisa: POR STP, TUDO, TUDO, (mesmo que isso leve à sua morte).

Por hoje é tudo, vou prosseguir, entretanto, não se esqueçam que a nossa língua é o Forro e todos devemos falá-la sem vergonha e os do Príncipe a língua Moncó, o que não deve envergonhá-los. Não a conheço bem mas vou tentar aprendê-la.

### **Nota n.º 13**

Vamos escrever a nota 13.

Finalmente chegou o dia 9 de Janeiro de 2010. O avião está atrasado e eu ansioso por partir para iniciar a terceira etapa da minha vida. Eram 15 horas locais quando o avião aterrou. Esperavam-me alguns amigos e familiares. Eu disse de mim para mim, como já o fizera Júlio César, que estava lançada a sorte, seria o que Deus quisesse.

Nesta minha primeira semana em S. Tomé apesar de quase completamente cego pude aperceber-me que nestes últimos nove anos, houvera um desenvolvimento aparente pois que havia muitas casas novas e algumas luxuosas, o que me levou a crer que por S. Tomé e Príncipe devia ter passado o Ali Babá ou o Aladino com a sua lâmpada.

Lembrou-me o sonho que uma vez tivera no Waco, antiga Cela em Angola, quando acordei a soluçar convulsivamente pois me encontrava sozinho no sopé duma grande montanha correspondente mais ou menos ao triplo das Neves sem ninguém para me amparar salvo a bengala em que me apoiava daí que chorasse por me sentir sozinho naquela situação. É como me sinto hoje. Tentarei fazer o que poder.

Dêmos seguimento à minha visão sobre os voluntários.

Os voluntários serão dirigidos por um mestre, coadjuvado por um coordenador geral que o substituirá nas suas ausências e impedimentos. Haverá oito coordenadores distritais que coordenarão as actividades em cada distrito; um agente por escola ou grupo e escolas secundado por delegados de turma. Não devem confundi-los com os delegados de turma das escolas. Os distritos serão divididos em bairros e zonas que terão um curador secundado por monitores. Eu não tenho conhecimentos suficientes nesta matéria como aliás em qualquer outra daí que devamos estudar mais profundamente esta estruturação. Fala-se muito em organizações similares existentes nos Estados Unidos, países escandinavos, Coreia do Sul, etc.

Chegado à S.Tomé, tomei conhecimento que tinham chegado de Cuba 200 jovens formados naquele país e que 82 foram formados na UCAI. Ocorreu-me então realizar uma reunião onde pudéssemos analisar não só as perspectivas quanto ao futuro como também a melhor maneira de organizar os voluntários de S. Tomé e Príncipe.

Por hoje é tudo.

## Nota n.º 14

Como disse cheguei a São Tomé no dia 9 de Janeiro de 2010 estiveram algumas pessoas no aeroporto a receber-me. Em direcção à cidade notei asseio a que já não estava habituado. Muitas casas novas, cuidadas e grandes o que muito me admirou. São Tomé e príncipe prosperara de 2001-2010. Mas, como se o cacau quase já não existe. Que novas actividades haverá? O certo é que algumas pessoas minhas conhecidas têm um ar próspero de quem vive bem. Algumas até acho com excesso de peso o que não é saudável. Nos primeiros dias falei a velhos amigos e conhecidos e cheguei à conclusão de que a melhoria era para os mais grados. Os pequenos ficaram talvez mais pequenos. Saltava à vista que a população mais desprovida era explorada pela outra. Os políticos e os partidos dominavam. O governo era o dono de tudo e de todos. Era o manda chuva. Como se diz em Luanda, o boss, o patrão. Quero render aqui a minha especial homenagem aos trabalhadores da câmara aqueles que trabalham na limpeza da cidade que têm feito um trabalho irrepreensível. Oiço a rádio poucas vezes e algumas vezes que o faço, oiço coisas horríveis. O mesmo acontece com a televisão. Fala-se em subornos de partidos, discute-se no parlamento dizendo coisas horríveis. Por vezes eu comparo o nosso parlamento com uma creche em que dezenas de crianças simultaneamente precisam de mudar os seus cueiros É um fedor horrível. Causa nojo, causa repugnância. 55 homens desvairados digladiando-se para escárnio do povo e nossa vergonha. A que chegamos. Não lhes importa o juízo que os estranhos possam fazer de nós. Fala-se em 500 mil euros recebidos de um partido estrangeiro para distribuir por partidos deste país. Fala-se da venda de terrenos e até das pontes de todas as roças à Sonangol, que adquiriu também a ENCO a única distribuidora de combustíveis. Fala-se em financiamentos diversos para o desenvolvimento do país num momento em que chegamos à nova era do petróleo. Estão a vender o país por uma bagatela e ninguém diz nada. Cada um quer o seu bocado e não quer saber do resto. É sempre o mexilhão coitado que sofre as consequências.

No dia 20 de Janeiro foi cena inaceitável no parlamento e no dia 27 do mesmo mês o nosso Primeiro Ministro acochado confirma que ele também conhece casos de indivíduos que entraram para altos cargos do governo com uma mão a frente e outra atrás e saíram de lá provavelmente com elas cheias de ouro ou dólares que compraram carros, edifícios e vivendas.

Mas não se faz nada para se pôr cobro a isso. Diz-se que os franceses ironicamente referem-se ao campo de milho como sendo o espelho da cooperação internacional. Querendo dizer com isso que as vivendas luxuosas que ali estão são todas ou quase todas provenientes de desvios ou roubos. Eu conheço os políticos dos mais velhos aos mais novos, conheço os seus pais e até avós e não acredito no que se diz por aí que os ex- presidentes são milionários que figuram nas listas dos mais afortunados do mundo. Eu não acredito. Querem como o Bongo, e Denis Sasunguesso como diz a má-língua da Euronews possuir bairros em Paris?

Apraz-me registar com agrado que de uma maneira geral a vida é duas vezes mais barata, mas noto também que os produtos da terra são mais caros que os importados.

Eu aproveito esta ocasião para reflectir convosco um assunto: o domínio do Golfo da Guiné. A Nigéria tem uma superfície de 900 mil km<sup>2</sup>, uma população de 151 milhões de habitantes e uma industria petrolífera mais desenvolvida e uma reserva petrolífera calculada em 37 mil milhões de barris e Angola por sua vez tem uma superfície de um milhão e 200 mil km<sup>2</sup>, é maior portanto; uma população de 17 milhões de habitantes que é nove vezes inferior, reservas petrolíferas avaliadas em 20-31 mil milhões de barris. É evidente que a Nigéria que está a 250 km de São Tomé e Príncipe está em vantagem e todos os dias desembarca a sua 5.<sup>a</sup> coluna ocupará São Tomé dentro de 30 –

50 anos. Pelo menos entre 30-50% da população terá sangue nigeriano. Eles estão a fazer por isso. Angola é um país quase desértico. Não tem gente. Deveria ter pelo menos 100 milhões de homens. É falta de visão. Estão a desperdiçar o seu dinheiro. Não ganharão esta batalha. São Tomé e Príncipe só tem uma saída. Fazer uma lei que exija que o Presidente da República e o Primeiro-ministro sejam descendentes de três ou quatro gerações de são-tomenses.

### **Nota n.º 15**

Reservei a nota 14 para descrever as minhas impressões nas três semanas após a minha chegada. Espero poder apresentá-las brevemente

Hoje 6 de Fevereiro quero referir-me à conversa que tive com alguém recentemente e que a meu ver poderia modificar completamente a situação de S. Tomé e Príncipe. A pessoa não me pareceu muito receptiva, pelo que me parece que foi tempo perdido. Disse-lhe que me parecia que conviria esclarecer o caso dos 30 mil barris de petróleo, pois julgava que o país estava a perder diariamente mais de dois milhões de dólares. Pergunto a mim mesmo de que derivam estes trinta mil barris de petróleo. É dádiva? Ou será a parte que nos cabe de um poço existente na zona conjunta aberto há anos atrás? O poço produziria 75 mil barris diários? E os 40% de todo o petróleo extraído diariamente, é que correspondem a 30 mil barris a que temos direito ou que nos foram concedidos?

Fala-se que a venda dos mesmos 30 mil barris foi entregue a uma firma pertencente a uma primeira-dama. Porquê?

Ouvi dizer que quando da definição da zona conjunta a delegação angolana que acompanhou os negociadores São-Tomenses não foi autorizada a participar das negociações. Porquê?

Constou-me também que os generais garantiram que a zona conjunta não existiria se a delegação são-tomense quisesse, dando com isso a entender que era um problema que podia ser negociado com eles. Será que todas as zonas conjuntas, se eventualmente existirem, são partilhadas a 40 60 conforme o tamanho das nações. Daí que eu fique na dúvida de que as leis internacionais permitam um gesto generoso da Nigéria? Este ponto deve ser plenamente esclarecido pois ele pode dar origem a outras perguntas como seja: se o poço já

existia e a partilha se faz, porquê que S Tomé e Príncipe tem direito a 40%? Porque assim o entende a Nigéria? Será que a Nigéria só reconhece esse direito a partir da assinatura? Qual foi o critério adoptado? A população ou o território? As leis internacionais não podem definir isso? Seja como for acho que São Tomé e Príncipe tem pelo menos direito a 40% do petróleo extraído desde o primeiro dia.

Seja como for é da responsabilidade da Nigéria pagar esse valor até à definição da zona conjunta.

Perguntei á pessoa a que me referi atrás porquê que o Estado São-tomense não procurava mesmo agora levar este problema ao Tribunal Internacional de Justiça. Acho que há gente graúda a impedir que a coisa avance por estar envolvida na tramóia. Peço a todos que leiam esta nota o obséquio de as comentarem exprimindo o seu parecer pois para S. Tomé e Príncipe representa biliões e biliões de dólares.

Há dias estive no enterro da pessoa mais idosa da minha família. Passei pela campa do meu pai para lhe dizer que já tinha voltado. Fui à da minha mãe e ali pus-me a chorar, lembrado daquele dia da primeira semana de Fevereiro de 1953, quando desesperado saí de casa a chorar e dizendo, meu Deus, é demais! Estava já a alcançar a estrada quando alguém me faz sinal a indicar que alguém que vinha atrás de mim me queria falar. Voltei-me e deparei-me com a minha mãe, já velhinha pois tinha cerca de 52 anos lavada em lágrimas que junto de mim, ajoelhou-se, abraçou-me e disse lavada em lágrimas: oh meu filho, oh meu filho, por favor tem paciência, tudo isso vai passar, por favor, não aumentes a nossa desgraça. Já temos muito sofrimento. Abraçados choramos ambos e eu que não podia vê-la chorar apressei-me a enxugar as lágrimas e pedi-lhe carinhosamente que regressasse, pois que tudo se iria passar bem.

Lembranças que me vieram a memória, não tendo eu contudo, deixado de saudar mais uma vez o meu **herói Ferreira**, soldado são-tomense das FAPLA, morto aos 27 anos, em combate pela Libertação de Angola.

Voltarei

### Nota n.º 16

Estou simplesmente furioso. Então eu devia vir mais cedo? É que alguém me perguntou sábado numa reunião que tive, porquê que só agora, ou melhor porquê que só vim agora? Perguntei-lhe se tinha lido as minhas notas, disse-me que não. Referi-me às razões que me levaram a chegar a São Tomé só no dia 9 de Janeiro. Mas, é que eu até agora não entendo. Será que eu sou o pai de todos os são-tomenses? 149.999 pessoas precisam que uma as defenda? Se não qual a estranheza de eu só chegar agora!

Lembra-me a conversa que tive com alguém sobre a viagem do nosso Primeiro-ministro a Portugal. Pelo que eu percebi ele tratou de muitas coisas com o seu colega Sócrates, falou de muitas coisas com muita gente e até convidou a Galp,

se bem percebi a notícia, a vir a São Tomé e Príncipe. Até fiz a pergunta ao representante da Agencia Nacional de Petróleos. Será que um Primeiro-ministro quase demissionário terá o direito de se comprometer com alguém relativamente a um concurso próximo? Eu acho que não. Quanto mais não seja por decência não vá alguém pensar que ele pretende algum financiamento especial para o seu partido. No fundo no fundo, cheguei a perceber que a outra parte está convencida disso. Eu não quero saber. Nisso de partidos eu não quero saber. Eles que se entendam.

Gostei imenso do seminário realizado há dias no Miramar. Pedi que me explicassem que era isso de zona conjunta. A explicação não me convenceu. Perguntei porque a partilha era 60-40. Era o que eu já imaginava. Pedi esclarecimentos sobre os trinta mil barris e nada. Não me disseram nada. Continuo na dúvida. Será que nós perdemos 2 milhões de dólares diários? Pediram-me que escrevesse uma carta neste sentido. Vou fazê-la.

No último dia do seminário falou-se sobre “Negociação, Advocacia e Mídia”. Foi o meu amigo e companheiro Afonso Varela. Gostei da exposição. Ele bem me conhece e sabe que eu não diria que gostei se não gostasse. Pela primeira vez nos quarenta e um dias que estou em S.Tomé alguém disse que eu tenho o direito de questionar quem quer que seja, todos e todos são-tomenses sem excepção, sobre os bens do país. Os bens do país também são meus e como coproprietário tenho o direito de saber tudo que diga respeito à sua utilização. Tomei conhecimento da existência de um Comité para defesa dos interesses dos são-tomenses, mas pareceu-me tão fraquinho, tão fraquinho!! Pergunto: porque não ajuda-lo, porque não fortalecê-lo. O Comité pode ser um auxiliar poderoso para a melhoria da governação deste país. O Comité é o contrapeso da balança. O Comité pode convencer os governantes de que quem manda somos nós o Povo.

Aliás eu quero dizer-vos que esta pouca vergonha em que vivemos deriva da corrupção do povo. Se nós não vendêssemos os nossos votos à boca da urna, os partidos não teriam necessidade de vender-se para obter dinheiro para comprar os votos no dia da votação. Fala-se abertamente e com uma indiferença que me espanta, que os partidos montam barracas com sacos e sacos de dinheiro para aliciar os votantes. Eu pergunto a mim mesmo porque é que um punhado de homens decentes não registam e denunciam essas pessoas que entram nas barracas. Garanto-vos que ninguém gostaria de ver o seu nome exposto mais de uma vez. Vamos falar de outra coisa.

Ninguém até hoje me falou acerca do pessoal técnico necessário às empresas que vão explorar o nosso petróleo. Não interessa? É coisa de somenos importância? Vocês estão enganados. É através da remuneração do pessoal técnico estrangeiro que sai a maior parte do dinheiro resultante da venda do petróleo.

Como disse atrás nas minhas notas a diferença de remunerações entre o pessoal nacional e o estrangeiro é de 15-30 vezes sem contar os extras. Hoje em dia São Tomé e Príncipe já é tido em conta como um dos países promissores no campo do petróleo, daí que poderá dispor de fontes de financiamento para a formação

dos seus técnicos. Timor Leste lamenta o facto de previamente não ter pensado nisso. Agora, um a parte. Queria lembrar a conveniência dos bosses estudarem tudo quanto diga respeito à exploração petrolífera na Noruega e Timor Leste pois me pareceu entender no seminário a que assisti recentemente, que as pessoas achavam que estavam muito dentro do problema por terem passado alguns meses com os noruegueses. Como dizia, porque não criar um gabinete independente do Ministro de educação, autónomo financeiramente e gerido por uma comissão de cinco membros onde apenas dois seriam funcionários públicos ou indigitados pelo Estado. Imagino um financiamento de um bilião de dólares. O país pode paga-lo não tenham receio. Gabinete esse que teria estudantes ou casa de estudantes em Minas Gerais no Brasil ou outra cidade qualquer sossegada, em Houston, Texas, ou outra qualquer nos EU, no Canadá, em Aberdeen na Inglaterra, em Oslo ou em qualquer outra cidade na Noruega. Porque não encarregar uma firma estrangeira de preferência inglesa para estudar este assunto a fundo e apresentar uma proposta de como proceder? Porque não convidar todos os técnicos do país a inscrever-se. Não importa a idade que tenham. Não importa que sejam casados, que tenham filhos. Procurar-se-á acomodar tudo da melhor maneira. O que importa sim é poder dispor nos próximos anos do maior número de são-tomenses capazes. Mas a meu ver a primeira coisa a fazer desde já, é legislar sobre este ponto. Não se esquecendo desde já também, ter em conta os salários aplicáveis nos outros países. Volto a dizer que as pessoas não podem ter a veleidade de pretender os salários que se pagam agora aos técnicos estrangeiros. A mim tanto se me dá. Infelizmente não conto entrar na lista. Mas, por um dever de lealdade, acho que devo chamar a vossa atenção para este facto.

Voltarei

### **Nota n.º 17**

No dia 13 de Fevereiro último, passou-se um facto que muito me desagradou. Perguntei a alguém se era verdade como se tem dito, que a cúpula posteriormente MLSTP teria entrado em choque, sobre a partilha da aplicação dos recursos obtidos dos países africanos. Esta pessoa, após um gargalhar inexplicável afirmou que eu dissera em 1961, que não iria para o estrangeiro juntar-me “a grupos que nem existiam”.

Eu disse que era impossível que isso acontecesse, pois que eu partira de Portugal para S. Tomé em 1 de Fevereiro de 1959 e só regressara a Portugal em 10 de Outubro de 1962. Portanto era impossível que eu estivesse simultaneamente em Portugal e em Angola.

O mesmo indivíduo disse que se tinha enganado e que eu fizera essa afirmação em 1958. Voltei a dizer a pessoa que não era verdade, pois que eu em fins de Setembro de 1957 partira para o Porto para frequentar o primeiro ano de Economia, donde só regressei em Julho.

Aliás quero dizer-vos que a primeira vez que alguém me falou sobre independência foi no Porto, salvo erro em Janeiro de 1958, em casa do Eurico Graça do Espírito Santo, numa reunião presidida por Amílcar Cabral. Nesta reunião estiveram vários indivíduos das colónias entre eles o meu amigo e

colega Victor Monteiro. Éramos ao todo cerca de 15 indivíduos. O engenheiro Amílcar Cabral que eu conhecera em Lisboa na Rua Actor Vale n.º 37, casa da Tia Andreza, mandara convocar esta reunião para falar com os estudantes das colónias portuguesas sobre o início em 1960 da luta das colónias portuguesas pela independência. Ele convocara-nos para nos avisar da conveniência de deixarmos Portugal até essa data, para prevenir represálias afirmando-nos que poderíamos contar com bolsas no estrangeiro. Que ele próprio ia para Angola onde arranjava um emprego e esperava contactar as possíveis organizações que eventualmente existissem. Soube mais tarde que ele ali teve um comportamento exemplar.

Um dia chefiando ele um grupo de capatazes portugueses e tendo necessidade de atravessar um riacho, ele negou-se a ser levado às costas por um trabalhador, afirmando que ele não cavalgava homens. Sentou-se no terreno, descalçou as botas atravessou o riacho, voltou a calçar-se na outra margem e seguiram viagem. Era assim Amílcar Cabral, um homem grande se quiserem um grande Homem. Amílcar Cabral não humilhava ninguém. Amílcar Cabral era o maior de todos. Um grande Africano.

Mas voltemos atrás. Será que eu não podia dispor de mim? Tinha que pedir autorização a alguém? A quem? Eu decidira já em 1956 que não sairia de Portugal pois que a minha idade avançada já não me permitiria recomeçar em qualquer outro país, sem ter a certeza de poder regressar, pois não queria prejudicar os meus filhos nem o meu pai que era doente e já fazia o favor de cuidar deles.

De toda esta conversa ouvi uma coisa que me assombrou: que o meu filho Teotónio tinha sido preso em 1975, eu soubera e que mesmo assim tinha aceite trabalhar com as pessoas que o mandaram prender e que as divergências tinham sido causadas pela divergência da dissolução da cívica ou não. Eu nem podia acreditar no que ouvia, ter sido enganado por todos desta maneira! Como os homens são falsos!

É provável que eu até pudesse continuar. Vim espontaneamente oferecer os meus serviços, eu e o Victor Correia.

Em Outubro ou Novembro de 1974, ouvindo falar do trabalho da cívica enviara a S. Tomé a minha mulher com os nossos dois filhos para ver pessoalmente o ambiente pois eu queria regressar ao país. Ela ficou encantada com o trabalho da cívica. Conheceu a rapaziada e tudo ficou decidido entre nós, sem comunicação prévia aos futuros dirigentes. Não tinha havido acertos, nem conversações prévias com ninguém. Vim espontaneamente oferecer os meus serviços. Achei que poderia ser útil e fui, durante seis anos até ser despedido vergonhosamente, sem uma palavra de agradecimento nem uma razão plausível. Simplesmente o Presidente achava que eu era homem do Miguel e queria pôr um homem da sua conveniência. Naquela altura faziam-se comícios e uma senhora, fez-me acusações ridículas e infundadas e eu que não tenho papas na língua, nem medo de ninguém, disse que o Presidente era mentiroso. Como é que depois de uma afirmação dessas publicamente, o mesmo Presidente em 1985 me convida a vir a S. Tomé para me pedir que fosse preencher o lugar

de Agent Comptable na CEAC? Porque os Torres eram pessoas sérias e ele, à solicitação dos seus pares que queriam uma pessoa séria para o lugar, queria que eu aceitasse essa indicação. Permaneci ali cerca de três anos e não concordando com os termos em que o Secretário-geral e os seus adjuntos pretendiam elaborar o regulamento financeiro, tive uma ligeira crise cardíaca

Manifestei ao Presidente de S. Tomé e Príncipe o desejo de deixar o lugar, ele aceitou e o Primeiro-ministro seguinte, convidou-me para ocupar o lugar de Ministro de Economia e Finanças.

Permaneci neste lugar desde 3 de Março de 1988 a 17 de Novembro de 1988. Foi uma demissão que me surpreendeu. O que me estranha e até hoje não consigo perceber é que ela coincidiu tão estranhamente com a partida da delegação portuguesa de visita ao País naquela altura. Ou será que eu não sei a razão da demissão? Julgam que eu não sei, mas qualquer dia direi. Aliás o meu amigo Faria de Oliveira pode dizê-lo.

Qual a razão de eu ter dito tanta coisa. É que eu pretendo que em relação a mim tudo seja claro, claro, que não subsista a mínima dúvida a meu respeito. Desafio os 149.999 são-tomenses a apresentarem um caso, um caso apenas que seja em que eu tivesse um comportamento reprovável.

Não julguem que me suponho um anjo, longe disso.

Uma vez, estando eu na gerência da SOCOP vi-me coagido a despedir mais de noventa trabalhadores. Tive de escolher entre pagar um salário superior à capacidade da empresa ou aceitar a demissão colectiva do pessoal. Eu não aceito compromissos que não possa cumprir. Tirem todos o cavalo da chuva que eu não aceito.

Eu quero dizer-vos uma coisa que sempre me admirou. O MPLA que controlou tudo e todos em Angola a partir de 1960, nunca desconfiou de mim, pôs-me a viver no Futungo durante trinta dias, admitiu-me como Assessor do Ministro do Comércio permitiu que eu trabalhasse no gabinete de Estudos do Banco Nacional de Angola. Os homens de Catete que são todos do MPLA e que apadrinharam a minha candidatura a trabalhador do Estado Angolano, nunca tiveram um acto de desconfiança a meu respeito. Porquê? O meu sogro que era conhecido como o terrorista mor, dizia a meu respeito o seguinte: o “Torres é um Homem” e eu orgulhava-me disso.

Por hoje é tudo. Voltarei.

### **Nota n.º18**

Hoje vamos falar de heróis. Este tema me é caro pois que, quanto a este ponto sou um felizardo. Tenho um primo célebre o Amador. Tenho um bisavô, muito célebre dentro da minha família que se chamava Sum Zon Mon Limpo, nome por que era conhecido. De seu nome português João Ferreira de Alva, filho de um português de Setúbal e de uma são-tomense. Fora para Portugal muito jovem e ali permaneceu até a idade adulta, regressando a S. Tomé, ao que

parece, com muito dinheiro onde chegou a possuir ao que se diz, 27 lojas. A má língua diz que ele em cada loja tinha uma casa e nessa uma dama. Mas são boatos não confirmados. Chamavam-no Sum Zon Mon Limpo porque ele gostava de brincar com raparigas jovens a quem ele dizia – tu tens a mão suja - assim ele foi levando a vida até que um dia se soube que ele se tinha suicidado. Porquê, porquê? Perguntavam todos. Veio a dizer-se mais tarde que o nosso amigo encomendara armas para expulsar os portugueses de S. Tomé e Príncipe. Era um crime gravíssimo, era um crime de lesa-majestade; ele devia ser preso, julgado e enforcado. O meu bisavô ao que parece não quis sujeitar-se a essas humilhações. A minha mãe delirava quando contava isso. Era o homem extraordinário da família. Nos tempos modernos tive dois irmãos que foram salvadores da pátria. E, então primos uma caterva deles!! A única ovelha ranhosa da minha família sou eu infelizmente. Mas que fazer o mundo é assim para uns tudo e para outros nada. Peço-vos que me desculpem esse desabafo que me veio à mente quando o que eu queria era contar-vos a minha versão dos acontecimentos de 1953. Que é que aconteceu afinal e porquê? Em fins dos anos quarenta chegou a S. Tomé um oficial português Carlos de Sousa Gorgulho para exercer o cargo de Governador de S. Tomé e Príncipe por quatro anos. A população foi induzida a pedir a sua recondução.

No seu regresso foi recebido com grandes festejos e até lhe ofereceram uma espada com punho de prata. Mas ele trazia a sua fisgada. Pretendia ser nomeado Governador de Angola ou de Moçambique e ainda, levar o forro ao contrato nas roças para substituir os trabalhadores vindos de Angola e de Moçambique. Diziam eles que os pretos de S. Tomé eram vadios e não trabalhavam, daí a necessidade de trazer homens de Angola e Moçambique as duas colónias para as quais Salazar decidira enviar o maior número de portugueses possível. O nosso amigo tinha pressa daí que a partir do seu regresso ele queria fazer muitas obras simultaneamente para provar a sua capacidade de governante. Os trabalhos nas estradas e nas obras públicas tornaram-se num inferno. As pessoas trabalhavam noite e dia. Em todas as datas festivas havia inaugurações. A vida dos trabalhadores era um inferno. Saíam de casa às quatro da manhã para chegar aos pontos de recolha às cinco da manhã e só regressavam a casa às 8- 9 da noite e isso continuamente. O trabalhador estava cansado e farto desta vida e não compreendia a razão de tanta pressa e tanta urgência. Os trabalhadores paulatinamente foram deixando de comparecer até que um dia se acertou no seguinte. Que cada uma das freguesias, Trindade, Santana, Angolares, forneceria rotativa e mensalmente o número de trabalhadores suficientes para as obras em curso. Entretanto o Governador prevenira-se mandando vir de Angola um contingente de soldados indígenas cerca de 90 indivíduos. Para quê? Coubera a vez à Vila da Trindade no mês de Janeiro de 1953. Do dia um a 31 de Janeiro a Trindade forneceu cerca de 150 homens para a execução dos trabalhos. Os mesmos partiam dos pontos ajustado às 5 da manhã e regressavam às 8 horas da noite. Fizeram-no sempre até ao dia aprazado 31 de Janeiro. No dia seguinte, um de Fevereiro, contra tudo o que tinha sido estabelecido os camiões das obras públicas vão recolher trabalhadores. Claro que ninguém lá se encontrava. No dia seguinte, 2 de Fevereiro, os mesmos camiões voltam aos locais habituais e não encontram ninguém. O Governador vai aos arames. É um abuso, esses pretos andam a brincar comigo? Comigo, Carlos Gorgulho? Quem manda nesta colónia os pretos ou eu? Ao anoitecer o

contingente da policia indígena Angolana foi enviada para Trindade e na vila prendeu todos o caixeiros, a família Alfredo, inteira e outros comerciantes da vila, Todo o homem que circulasse na vila a essa hora era preso e enviado para a cidade de S. Tomé. Calhou que um grupo de vinte e nove presos foi encerrado num compartimento exíguo donde pela noite fora foram pedindo que se lhes tirassem dali pois sentiam-se mal. As queixas foram diminuindo de tom no decorrer da noite até que pela manhã se verificou um silêncio total. Ao ser aberta a porta do compartimento verificou-se com espanto que tinham morrido vinte e oito presos. Comunicaram imediatamente o facto ao Governador. O Governador entrou em contacto com o Ministro das Colónias e este pôs Salazar ao corrente, tendo eles decidido que se devia dar uma cor política ao acontecimento para bom nome de Portugal. Iam transformar um trágico acidente, pois que não me passa sequer pela cabeça que a morte dos presos tenha sido intencional. Inventou-se então a história do levantamento popular para justificar que a morte tinha sido causada pela repressão a um levantamento popular. Ia montar-se a máquina repressiva. Começaram as prisões. A partir de 3 de Fevereiro de 1953, prenderam-se centenas e centenas de indivíduos a começar pelos funcionários públicos. De um modo geral todos os funcionários públicos foram presos. Alguns indivíduos embora não fossem funcionários públicos também o foram como é o caso do engenheiro Salustino Graça, os dois irmãos Aragão, o meu pai e outros mais. Coisa estranha! A nós empregados das empresas comerciais, eu, Olinto Medeiros, Filipe Gomes, Celestino Costa pai e o irmão Ruben, os Ceitas, o Sr. Costa pai do Pinto da Costa, o Posser tio, o Sr. Lourenço Trovoadá, e outros empregados de Despachantes, o Felisberto Costa do Banco e tantos outros empregados pretos das roças não o foram. Porquê? Havia o interesse de não prejudicar os portugueses.

Os funcionários públicos poderiam eventualmente ser substituídos por funcionários vindos de Portugal. Ia começar a repressão, em Fernão Dias. Os presos ali amontoados foram acorrentados de mãos e pés e ligados dois a dois. O trabalho deles consistia no seguinte. Tiravam as pedras do mar e levavam-nas até ao lugar da praia em que a maré chegava a praia mar e dali voltavam a conduzi-las ao mesmo local. Esse trabalho exaustivo era feito debaixo de um sol abrasador acompanhado de pancada se necessário fosse. Estes homens não tinham cometido nenhum acto ilegal eram inocentes e tratados desta forma desumana. À tardinha, os portugueses armados pelo governo iam caçar os pretos à Trindade. Iam aos magotes. Formavam grupos. Um dia, já quase noite uma mulherzinha com o seu filhinho ao colo viu o mesmo ser alvejado friamente por um rapazola chamado Amaral, o qual queria mostrar a sua perícia como caçador. No mesmo momento ia a passar um trabalhador emigrado de Angola, de seu nome José Cangolo, que vendo tal barbaridade, qual justiceiro, cortou o pescoço ao desalmado, matando-o. Todos os outros valentões dispersaram-se embora armados. Quantos dos nossos libertadores actuais teriam feito o mesmo sabendo das consequências. Não creio que um só o fizesse. Ele podia ser morto no momento ou vir a ser preso como foi. Este Herói nunca viu a sua heroicidade recompensada por S. Tomé e Príncipe. Assisti ao seu funeral no cemitério da Trindade, a mando do governo. Éramos apenas duas pessoas. Mandaram-me a mim que não sou político. Mas, como era de esperar, com a morte daquele facínora os maus tratos aumentaram. Foram mortas mais pessoas.

Um dia, dos muitos em que o Governador fardado a rigor, como era seu costume, pavoneando-se pela praia deparou-se com Joaquim Tiny. Vocês não sabem quem era Joaquim Tiny. Ele era um dos muitos funcionários públicos que foram presos. Ele era zelador. A sua função era zelar pelo asseio da cidade, dos mercados e tudo que fosse necessário reparar ou modificar. Era pessoa afável no trato, cordial, gentil, pessoa de contacto muito agradável. Eu tive especial estima por esse senhor. Era amigo de meu pai e ao que dizem nosso parente. Tratava-me a mim e aos meus irmãos com especial carinho. Quando soube da sua morte, fiquei consternado e perguntei qual seria a razão. Não souberam dizer-me. Vim a saber mais tarde que no dia da sua morte, ou melhor horas antes, ele encontrara-se com Carlos de Sousa Gorgulho e que este acompanhado do seu séquito de algozes lhe dissera o seguinte. Então Tiny, tu também estás cá, quiseste matar os brancos? Nós os portugueses não somos como os outros, o Joaquim Tiny perdeu a cabeça. Ouviram-no a murmurar frases e frases, com os olhos esbugalhados como um louco, parecendo dizer o seguinte: é comigo que estás a falar, a mim Joaquim Tiny, seu cão mentiroso, isso tudo é falso, para mim não passas de lixo, para mim és menos que “merda” e despejou-lhe o maior escarro da sua vida em cima do boné na cara e no fato. Carlos de Sousa Gorgulho, o todo poderoso estava estarecido, estupefacto. Como era possível. Ele não sabia o que fazer. Lavar-se no mar para provocar mais risos, enfiar-se pela terra dentro? Resolveu fugir, mas ainda teve tempo de dizer aos seus sequazes. Levem-no. Todos os presentes ficaram mudos, sabiam que iam matá-lo. Os algozes quiseram agarrá-lo e ele que era um homem possante olhou-os de tal maneira que se tocassem nele ele matava o primeiro. Soltaram o companheiro e ele altivamente caminhou para a morte. Aqui está um dos meus heróis. Mas nunca ouvi ninguém falar dele. Para mim é um dos maiores são-tomenses. Vale mais do que qualquer um dos nossos libertadores. Como vêm eu tenho uma forma diferente de apreciar as pessoas. Avalio-as pela grandeza da sua alma. Joaquim Tiny vingou-nos; humilhou Carlos Gorgulho, o Governador, humilhou Salazar e o seu Governo, humilhou Portugal. O Gorgulho nunca mais pôs os pés na Praia de Fernão Dias. É o que dizem. Não sei.

Constou por essa altura que de Lisboa para S. Tomé vinha o Dr. Palma Carlos, tendo como por arte mágica as prisões cessado e a vida dos presos conheceu um certo sossego. É que a mulher do Engenheiro Salustino Graça a caminho de Lisboa telefonara à família do marido a contar as ocorrências de três de Fevereiro e esta contactara o famoso jurista para vir a S. Tomé tratar do caso. As coisas foram-se apaziguando a pouco e pouco.

Chegado a S. Tomé, Palma Carlos dirigiu-se de imediato às autoridades a quem queria apresentar a procuração que lhe fora passada pela família Graça para defender os seus, tendo sido informado que não havia processo nenhum formado a correr contra os presos, ao que respondeu que não compreendia como tanta gente tinha sido presa sem culpa formada. Os presos começaram a ser soltos à medida que passavam procuração ao advogado e este requeria a sua soltura à medida que os presos pagassem uma certa quantia, quantia essa que divergia de preso para preso. Porquê, não compreendo. Eu que trabalhei no Tribunal, como escrivão e como ajudante servindo de escrivão durante dois anos e conheço a grave consequência para o escrivão da permanência dum preso um dia de prisão a mais que seja, não vejo por que razão os presos não foram soltos no dia seguinte ao reconhecimento de não haver culpa formada contra eles.

Quero dizer com isso, que a meu ver, não havia necessidade dos presos passarem uma procuração ao advogado para serem soltos. É que assim até pode parecer que houve entre as autoridades e o advogado um entendimento para que este pudesse receber dos presos uma certa quantia pela sua soltura.

Assim terminaram os acontecimentos de 3 de Fevereiro e dias subsequentes. Muitas pessoas morreram e muitas outras mais sofreram prisões e sevícias e tudo ficou impune.

É esta a minha versão dos acontecimentos que tiveram início no dia 3 de Fevereiro de 1953.

### **Nota n.º 19**

Vamos falar hoje das próximas eleições, da inflação e também da cooperação entre a África, Europa e os Estados Unidos.

Os meses que vão decorrer daqui até Julho são os meses da abundância da desvergonha e da corrupção.

No outro dia um motorista, meu amigo, disse-me o seguinte:

Para mim deveria haver eleições todos os meses. Vive-se bem. Come-se do bom e do melhor e bebe-se o que se quiser se fizermos parte do pessoal de um partido.

Eu trabalhei nas duas últimas eleições como motorista, e tive uma vida regalada, nunca em minha vida tinha visto tanto dinheiro. Malas e malas. Lembra-me uma vez que fomos a praia Gambôa; digo praia Gambôa como poderia dizer um qualquer outro lugar, como Madalena, Santana, Angolares, não importa onde.

Puseram-se várias malas no carro e seguimos viagem até à praia Gambôa. Fomos eu como motorista, o chefe da comitiva e mais dois outros indivíduos. Para ser mais claro um “chefinho”, porque os chefões, esses não se deslocam, ficam na sede do partido.

Chegados lá dirigimo-nos a casa de um senhor que me pareceu importante no bairro. Recebeu-nos muito bem, com muito sorrisos, via-se na cara dele felicidade.

Começaram a falar em surdina, mas tive ocasião de ouvir que falavam de dinheiro, muito dinheiro. Pareceu-me ouvir-lhe dizer que ele precisaria de 1.000.000 de dobras pois era muita gente a convencer. Recebeu um milhão e disse que ele só trataria com homens e que para convencer as mulheres poderia servir a irmã, a mulher ou as duas. Lá saíram mais dois milhões um para cada uma. Ao fim e ao cabo, ao todo só para aquela casa ficaram 6 milhões.

Nunca tinha visto tal coisa; dali fomos a uma segunda casa no mesmo bairro e aconteceu o mesmo. Perguntei a mim mesmo, disse ele donde é que saía tanto dinheiro. Onde é que os partidos iam buscar tanto dinheiro, e para maior pasmo meu ao percorrer o bairro deparou-se-me um carro grande com um porta-bagagem enorme cheio de dinheiro, a transbordar e donde o chefe, ao que me parece tirava dinheiro às mãos cheias, que distribuía às pessoas que iam a passar, mas não era o nosso partido era o partido dos chineses.

Partido dos chineses disse-lhe eu? Em São Tomé há partido dos chineses perguntei eu?

O meu amigo ficou perturbado. Olhou para mim de tal maneira que me deu a entender que eu era da Pide e não voltou a falar.

Mas essa do partido dos chineses é que não me sai da cabeça. Que quis ele dizer com aquilo. Será que haverá partidos de chineses aqui em S.Tomé e Príncipe, tudo é possível.

Falando disso as pessoas confirmaram que era verdade e que neste momento mesmo a coisa já começara para as próximas eleições.

E disseram-me isso com tanta indiferença como coisas que não tinha remédio; era uma fatalidade. Os partidos falsificavam moedas ou vendedores da pátria? De algum lado lhes tinha de vir o dinheiro.

Eu pergunto a mim mesmo o quê que já venderam ou estão a vender.

Se adicionarmos a isso o que nós ouvimos a pouco tempo sobre a partilha dos 500 mil Euros vindo de um partido estrangeiro, que os membros de um outro partido que recebeu o dinheiro, do que disse ainda hoje a rádio sobre o livro da secretaria de Estado dos Estados Unidos sobre a corrupção do governo de STP vejo que estamos perdidos. É afinal de contas como dizem e o próprio relatório da Universidade de Colômbia afirma, que o governo de STP é tão corrupto como os outros.

As dádivas oferecidas aos partidos não são controlados dai que eles procurem vender o país a quem oferecer mais.

Que lhes importa a inflação de isso resultante? Dai que todos achem natural que uma fruta-pão se venda a 15 mil dobras, ao passo que com o mesmo dinheiro se compram 15 pães e mais do que 1 kg de arroz, produtos importados que para além do custo de produção desses produto tiveram que pagar o seu transporte ate S. Tomé acrescido do lucro normal.

No meu tempo de miúdo os porcos dos meus avós alimentavam-se de fruta-pão e hoje vejo que é preferível dar-lhes rações importadas. Meus caros onde que vocês querem chegar?

Falemos agora da cooperação.

No dia 6 do corrente salvo erro, por acaso ouvi parte de uma transmissão da RTP no quadro dos programas semanais que dão. Era entrevistado o professor catedrático Reginaldo de Almeida de uma Universidade de Comunicações portuguesa, que falou de vários assuntos entre eles o seguinte:

Que Africa era o continente mais rico do mundo. Que a corrupção e o desgoverno eram comuns em toda a Africa.

Perguntado sobre a cooperação Europa -Africa respondeu:

Que se a cooperação Europa-Africa era cooperação entre amigos era preferível que fossem inimigos.

Lembrou-me a história que um amigo meu me contou a dias acerca disso. Que a cooperação entre Portugal e STP lhe lembrava a historia do macaco, os gatos e o queijo. Os dois gatos pediram ao macaco que lhes partilhasse o queijo pois que eles os dois nunca chagariam a entendimento. O macaco aceitou logo evidentemente; pediu uma faca, uma balança e abriu o queijo de tal maneira que uma das partes teria de ser necessariamente maior do que a outra. Postos os dois pedaços nos dois pratos da balança verificou-se desde logo que um dos pratos baixou e o outro subiu e o macaco volta-se para os dois gatos e diz que não havia problemas, que ele ajustaria isso facilmente. E dá uma grande dentada no pedaço mais pesado. Há um novo desajuste; agora é o lado mais pesado que passa a ser mais alto. Foi fazendo isso com tal mestria que a certa altura só restavam dois pedacinhos, um em cada lado. E ele volta-se para os dois gatos e diz-lhes: eu tive tanto trabalho e vocês nem me agradeceram, portanto eu fico com os dois bocados. Os gatos tal como STP ficam a ver navios; nada, nada para eles.

### **Nota n.º 20**

Hoje vou utilizar outra tática. Vou me dirigir directamente aos ministros, pois que eu também fui ministro portanto aqui não há ofensas nenhuma porque fomos colegas. Eu cansado de pensar a melhor maneira de ser ouvido e cheguei a conclusão de que me devo dirigir directamente aos responsáveis.

Na educação do país está o ministro respectivo. Relativamente aos recursos naturais está o respectivo ministro e então porque não dirigir-me directamente e publicamente a ele. Ao menos alguém lhes chamará atenção para notas pois que até aceito que eles não se dêem ao trabalho de ler as minhas notas que não têm valor nenhum. Certamente que alguém lhes chamará atenção para esta pois que em STP haverá muita gente zelosa capaz de fazer isso. Têm-me referido com muita frequência a necessidade de preparar técnicos para o petróleo e outras actividades afins.

Mesmo, o alargamento da escolaridade para 12 anos é absolutamente necessária, pois que só assim é possível ter gente preparada para enviar para o estrangeiro para se formar em varias áreas técnicas.

Mas eu quero falar antes sobre dois pontos: o que se passa em Angola e o que ouvi sobre esse assunto a um alto funcionário do Timor-leste.

Antes de mais quero dizer-vos para que não restem duvidas, que a minha filha mais nova trabalha na industria de petróleo a mais de 10 anos. Primeiramente numa empresa de prestação de serviço durante 5 anos depois numa grande empresa petrolífera a mais de 7.

Em Angola esta a decorrer uma luta pela substituição dos estrangeiros por nacionais em toda área de trabalhos técnicos.

Os angolanos pretendem ocupar os lugares que estão entregues aos estrangeiros europeus ou não.

São cerca de 20000 mil lugares a serem ocupados.

Nas notas que escrevi disse que a diferença de ordenados é de 15-30 vezes, isso quer dizer que si um angolano ganha 2,5- 5, um estrangeiro europeu ou americano ganha 15-30 vezes mais sem contar casa, pessoal domestico, criada, choffer, lavadeira, duas viagens anuais para o seu país para o técnico e sua família, transporte, etc.

Pode-se afirmar sem grande erro que enquanto o angolano ganha 5 mil dólares o estrangeiro ganha cerca de 90 mil dólares.

Façamos as contas:  $90.000 * 20.000 = 1.800.000.000$

Si multiplicarmos por 12 =  $21.600.000.000$ .

São portanto 21600000000 que saem para o estrangeiro.

Eu não acredito que alguma vez Angola consiga recuperar esses lugares disse-o muitas vezes a minha filha, eles farão tudo para evitar isso.

Kissinger, antigo secretário de estado dos estados Unido e hoje professor em Havard dizia que os países europeus e americano deviam utilizar todos os meus possíveis e mesmo a guerra para manter a sua predominância.

As empresas petrolíferas angolanas como a de qualquer lado utilizarão os meus necessários quaisquer que eles sejam para manter esse predomínio.

Tudo serve.

Daí que eu pense que nós devemos condicionar o início das actividades petrolíferas a preparação dos técnicos necessário. O dinheiro é a coisas mais fácil de arranjar. Hoje STP tem créditos suficientes para qualquer financiamento.

Nós precisamos de 4 á 5 mil homens preparados e formados. Mesmo que venhamos só a ter a metade já é um grande ganho.

Como disse a traz um alto funcionário de Timor-leste afirmou que o seu país cometeu o grande erro de só agora preparar os seus técnicos quando deveriam ter feito 5 anos mais cedo.

Porque que é que STP não pede ao governo brasileiro ou a Petrobrás conselhos neste campo.

Já tive ocasião de debater esse ponto e pus mesmo a hipóteses de STP não vir a ter petróleo e possuir 4 á 5 mil técnicos formados.

Alguma vez passou pela cabeça do senhor ministro da educação o facto do Japão não ter outra matéria-prima e ser o segundo país economicamente mais desenvolvido do mundo. Passa-se o mesmo a Correia, os países do escandinavo. Aqui em STP o senhor ministro tem acompanhado o desenvolvimento da indústria brasileira. Sabe quantos bilhões gastou a Petrobrás para descobrir a Pré-sal, sinceramente como diria a minha neta, si com essas minhas palavras não si fizer nada é porque este país esta perdido.

Não se fiem nas ONGs isso não da nada, isto é só para nos enganar. Peço desculpas si me excedi meus caros colegas.

#### **Nota n.º 21**

Hoje vou falar de vários assuntos como sejam: do Novo Rumo, do banho, que nome estranho, do negocio Enco-Sonangol- S.Tomé e Príncipe e do colossal financiamento dos 5 biliões de dólares do Dubai.

Antes de mais quero dizer-vos que sou um pessimista. Atribuo isso a “sala-mon”, ao meu destino. Sou um frustrado, a ovelha ranhosa da minha família, nunca pude ser nada daí o meu pessimismo.

É como vos digo “sala-mon”, o meu destino. Portanto espero que me desculpem.

Sinceramente vos digo que fiquei impressionado com as entrevistas televisivas do engenheiro João Bragança Gomes e de sua Excelência o Primeiro-ministro. Conheço mal o engenheiro João Bragança Gomes. Fui colega e amigo do pai e também do irmão Ito. A verdade é que eu gostei da sua entrevista, mas confesso que não apreciei muito a sua desistência de dar seguimento ao Novo Rumo, pois é uma coisa boa e necessária ao país.

Há dias, melhor no dia 6 do corrente ouvi uma entrevista dada pelo Professor Reginaldo de Almeida na qual ele dizia, referindo-se á um país nosso amigo que só daqui a 25 ou 50 anos é que as coisas tomariam novo rumo.

Vejam lá 50 anos! O senhor engenheiro já me imaginou com 132 anos a espera;que as coisas se modifiquem?

Não é que eu não possa atingir essa idade, por que não? Se há uma russa com 130 anos lúcida, vendo bem, comendo pelas suas mãos. Como vê até eu posso atingir essa idade, por que não?

É que eu sou teimoso e burro, burro porque eu acredito em coisas em que outros não acreditam. Como vê acho que o Novo Rumo deve continuar. Três ou quatro meses de trabalho são poucos para os 50 anos necessários. O mesmo engenheiro falou de banho. Eu ao princípio não percebi do que se tratava. Foi pelo andar da conversa que eu entendi que ele se referia à corrupção. Que afinal eram os políticos e seus partidos que davam banhos a população. Fiquei triste e ao mesmo tempo pus-me às gargalhadas, banho, banho, nunca tinha ouvido falar. Meu caro, nós temos de conviver com isso se o Novo Rumo não der um novo rumo ao País.

Eu ia jurar que foi o homem das falinhas massas que introduziu este fenómeno no país. Que importa agora!

Agora vou referir-me á questão do dia; o problema Enco-Sonangol-S.Tomé e Príncipe.

Em Setembro do ano passado, 2009, alguém se referiu à dívida de STP para com Angola, dívida essa que diziam ser enorme e que S.Tomé não pagava.

Fui aos arames. Disse inconveniências e até me referi ao facto de durante os anos de 1975 a Março de 1979, Angola ter ajudado deveras STP, eu fui testemunha durante esses anos todos da generosidades do presidente Neto para com STP. Daí que não compreendia que agora que Angola é um país riquíssimo, e a Sonangol superentende nos petróleos e que a dívida de S.Tomé é ao meu ver tão insignificante esteja tão preocupada.

A Sonangol que é um estado dentro de estado, que tem dinheiro em quase todos os bancos do mundo, que nem sabe onde o tem, está, tão preocupada com alguns milhões de dólares quando sabe que S.Tomé está em véspera de grandes descobertas de petróleo.

Disse para comigo que aqui havia gato, havia qualquer coisa que eu não descortinava. Chegado a S.Tomé tome conhecimento de que a Enco fora vendida á Sonangol, que a Sonangol comprara dezenas de casas e terrenos; que a Sonangol comprara todas as pontes das roças; que a Sonangol iria vender petróleo ao navios que passassem pelo Golfo, que a Sonangol fazia isso e mais aquilo, etc, etc.

Eu que sou calmo lancei a mão à cabeça, meu Deus estão a vender o país. Perguntei a mim mesmo como é que é possível que tantos economistas em STP não tenham dito aos governantes que entregar a nossa única distribuidora a uma empresa estrangeira seria pôr todo o país a mercês do gerente da Enco. Suponhamos que o nosso amigo fique doente ou finja que está doente e tenha de ser evacuado de emergência e deixe a empresa entregue a um subalterno. O governo poderá intervir? Tratando como se trata de um país amigo? Neste caso temos um monopólio interno e outro externo. Evidentemente que a Enco, sendo empresa angolana, não vai comprar combustível ao outro país mesmo que este seja mais barato.

Meus caros nunca se esqueçam deste provérbio: “Amigos, amigos, negócios a parte.”

Daí que eu diga que a Enco não tem preço, que a Enco é a nossa vida.

Mesmo que ela desse prejuízos e uma gasoleira só dá prejuízos quando há roubos, ou os membros do partido governante tomam a empresa como empresa do partido e venham buscar combustível e não paguem. O mesmo aconteceu com o Fundo de Comercialização nos primeiros tempos. Ali toda a gente se abastecia e ninguém pagava. Era da Joana.

Esta afirmação pode ser comprovada. As roças recebiam as mercadorias, para vender e como os encarregados dessas lojas eram do partido utilizavam o dinheiro em seu proveito. Portanto não colhe o facto da Enco dar prejuízos, é muito mais grave que o País corra o risco de asfixia. Daí que eu ache que é urgente que o País possua uma nova gasoleira e que essa não se abasteça em Angola.

Não quero deixar de referir aqui a um facto que me mereceu uma grande estranheza. Porque será que os combustíveis em STP custavam 5 vezes mais caros que no continente?

Será que os governantes de STP, os economistas e técnicos de toda a sorte não leram o relatório da Universidade de Columbia? Lá fala-se nisto com toda a clareza, fala-se nos juros bancários que são 3 vezes superiores ao praticados nos países mais próximos e que ainda a classe política é corrupta, tal como de resto o afirma o relatório da secretaria de estados dos Estados Unidos de 2009. Porque será que os governantes de STP não processam esses detractores?

Por último quero referir-me aos 5 biliões.

Eu quero dizer-vos que não me impressiona esse valor. Os investimentos vão ser duas, três, quatro, dez vezes superior a isso. Sempre vos disse nas minhas notas, que STP é um país com possibilidades fantásticas.

Que me importa a mim 5 biliões que me vêem tirar a mim e aos são-tomenses o sangue.

É depois de estar tudo acordado que nós vamos sabe-lo ou antes? Os governantes, volto a dizê-lo não são para mim os donos do país.

Imaginem que eu tenho uma empresa, grande ou pequena, e o gerente vem me dizer que ele chegou a um acordo com uma outra empresa e eu sem conhecimento nenhum do facto constato que o acordo é lesivo dos meus interesses. Eu só não o mato porque não é permitido. Mas vamos analisar este facto.

Alguns engenheiros com quem eu falei, disseram-me sempre que STP deveria ser um país prestador de serviços. Será que a prestação de serviço é a única forma dos são-tomenses poderem ganhar a sua vida?

Num livro recente a que já referi nas notas anteriores, falava-se no Porto de Aguas Profundas, que poderia dar emprego a 15 mil são-tomenses.

Ri-me, ri-me até mais não. Será que os são-tomenses não têm trabalho? Basta andar por aí para se ver que muita gente não trabalha. Não é por não haver trabalho. Há muito trabalho e o governo deve estudar meios para levar os são-tomenses a trabalharem normalmente.

Perguntem aos cantores? O que fazem muitos jovens? Passam vida na bebedeira.

Será que os 15 mil trabalhadores seriam bem pagos? Não acredito, pois que os 15 mil lugares são dos estivadores homens que trabalham por uma “tuta e meia”, pois que os seus colegas estrangeiros ganharão trinta, quarenta até 100 vezes mais.

Quero dizer-vos que os quadros estrangeiros de todas as empresas que se criarem ganharão cada um o equivalente a 100 são-tomenes, tal é desproporção em vencimentos.

Como vêm todo o interesse é deles, são os lucros para os capitais, e os bons empregos para seus conterrâneos. Com a agravante de para além de sermos enxovalhados na nossa terra perpetuar-se essa dependência no nosso próprio país.

É certo que como sempre acontece, alguns poucos receberão pequenas comissões.

Tenham fé meus amigos, primeiro preparem os vossos homens e mulheres, para que eles (a) sejam os técnicos necessários. Eles (a) não precisam de ganhar trinta, quarenta ou 100 vezes mais, a diferença de ordenados servirá para outras coisas.

Eu em verdade vos digo que não acredito no que me dizem sobre o capital estrangeiro. È tudo falácia. Lembram-se das minhas primeiras notas em que eu me referia a conferências, vamos organiza-las brevemente para ouvirmos a opinião dos defensores dos pontos de vista contrários e o povo escolherá, pois que é ao povo que deve caber a escolha depois de esclarecido.

Convido os intelectuais de STP a pronunciarem-se. É a altura dos trutas mostrarem a sua truteza.

### **Nota n.º 22**

Quero contar-vos o que me ocorreu há dias.

Um amigo meu, me procurou todo indignado. O homem bravava.

Bravar em Angola significa estar louco de raiva, perdido.

Eu estranhei pois tratava-se de uma pessoa calma e pensei: que terá ocorrido a esse senhor para que ele ficasse desta maneira? Deve ter sido uma coisa bem grave.

Fui falando com ele e a pouco e pouco ele acalmou-se e contou-me o seguinte: Que dias atrás ele fora ao enterro de um amigo, que foi colhido mortalmente por um carro. Chegado o defunto ao cemitério, consternados contactaram que não estava aberta a cova, estavam sim três coveiros a quem um membro da família do defunto se dirigiu, perguntando onde se faria o enterro. Um dos coveiros ao que parece o chefe respondeu com ar de desafio, que era ali mesmo mas que a cova só seria aberta si os familiares pagassem 1.500.000 dobras.

Ninguém acreditava no que ouvia. É que a família tinha pago todos os encargos necessários ao enterro a Câmara Municipal e não compreendia a razão de tal exigência.

Houve durante cerca de meia hora discussão acesa.

Os coveiros mantiveram-se na sua, só abririam a cova se recebessem previamente 1.500.000 dobras.

Os presentes que sabiam que não podiam voltar com o defunto para casa, conformaram-se e começaram juntar o dinheiro.

Os coveiros receberam o dinheiro, fizeram a cova e se processou ao enterro. Mas o meu amigo não conseguia dissipar a sua raiva, ele não compreendia como isso era possível. Ele soube que a família apresentou queixa na Câmara Municipal e os funcionários que a receberam limitaram-se a dizer: estes coveiros, estes coveiros e tudo deu em nada.

Ao que o país chegara. A corrupção tinha chegado ao cemitério.

Tive de acalmá-lo de novo. O tipo pulava.

De repente ele sai-me com esta: este país está perdido, como todos outros países de Africa pois não somos os únicos.

Como eu gostaria que em STP aparecesse um Tomás Sankara e Blaise Campaore, talvez Hugo Chaves para pôr essa gente na linha.

Um desses duros, não militares pois que estes açambarcam tudo para si.

Mas um revolucionário puro, genuíno, aquele que quer o bem do seu povo.

Chegado ao poder fazia a seguinte proclamação: Nos próximos 5 anos vou limpar o país dos sanguessugas. Os três primeiros são para pôr a casa em ordem consistindo essa fase em averiguar a origem dos bens de todos os cidadãos quaisquer que eles sejam.

Desde logo, todos aqueles que possuam fortunas que não possam justificar são presos e postos a trabalhar nas estradas. Às mulheres e aos filhos dá-se o mínimo indispensável.

Os partidos políticos são todos interditos e os seus bens confiscados. Nenhum político poderá vir a vê-lo nos próximos 10 anos sob pena de 10 anos de prisão.

Os corruptos serão tratados com a máxima dureza. Passados esses três anos começar-se-á a dar ao país uma administração normal. Criar-se-á novos partidos que terão em cada eleição de definir o seu programa de governo. A fiscalização aos escurtineos será máxima, todos os casos de banho serão levadas ao julgamento e as penas duras, assim teremos um novo país, uma nova África. O homem estava mais calmo, e eu disse-lhe isto nunca acontecerá é sonho.

### **Nota n.º 23**

Pus-me a pensar e cheguei a conclusão, de que os acontecimentos de 1953 tiveram e têm ligação na minha vida com os de agora 2010. Cá estou eu a lutar com todas forças minhas para convencer os são-tomenses de que eles podem também ser donos das riquezas do seu país, podem ser milionários, que se juntarem e procurarem através do estudo, a qualificação necessária para ocuparem os bons lugares serão donos do seu país e não criados de capitalistas. As pessoas não acreditam, ele é um visionário. Mas, perguntar-me-ão: Que tem isso a ver com 1953?

Leiam esta nota ate ao fim e verão.

Como vos disse atrás referindo-me a 1953, não sofri nenhum dano com os acontecimentos ocorridos naquele mês fatídico de 1953.

Não sei porque quis aferir da veracidade dos factos contados por mim na nota anterior; daí que eu procurasse alguém que a meu ver teria vivido os acontecimentos, querendo eu dizer, quem tivessem sido protagonista desses acontecimentos para verificar a veracidade da minha versão, com o que efectivamente tinha acontecido.

Desde logo constatei que a pessoa não vivera inteiramente os factos ocorridos nessa altura e tal como eu falava por ter ouvido dizer. Do confronto da versão dessa pessoa com a minha, registei o seguinte: que contrariamente ao que eu dissera, não tinha sido morta nenhuma criança pelo Teixeira do Amaral, mas ocorrera um crime horrível, hediondo, selvático.

Aconteceu o seguinte: um rapazola filho de um padre português e de uma são-tomense em companhia de outros portugueses enviados para Trindade pelo governador Gorgulho para reprimir os supostos comunistas e revolucionários, para mostrar o seu portuguesismo e talvez a sua heroicidade não faz menos que isso, mata friamente uma mulher em trabalho de parto. Em trabalho de parto significa que a senhora ainda não havia dado à luz. Seria este o caso? A ser verdade morreram a parturiente e o filho que estava a nascer. Eu nem tive a

coragem de perguntar se efectivamente a criança não chegou a nascer. Estava completamente arrasado. Como é que é possível que um homem em seu pleno juízo cometa um crime desses. E a pessoa disse-me isso tão normalmente que eu não soube o que lhe dizer.

Pela conversa com o mesmo indivíduo, eu tomei conhecimento das atrocidades exercidas sobre os presos. Foi uma coisa horrível. O racismo levado à loucura levava os portugueses a cometerem crimes abomináveis. Massacravam as pessoas sem uma razão minimamente desculpável. Era uma carnificina que sabiam ficar impune. Disse-me ele uma coisa que me deixou estupefacto. Que o Zé Cangolo matara o Teixeira do Amaral não como um acto heróico mas sim quando este passava junto com todos outros perto do seu esconderijo. Surpreendera-o dando-lhe duas machinadas no pescoço. Claro que fiquei decepcionado.

Matar um inimigo em combate é uma coisa; surpreendê-lo e matá-lo é uma coisa bem diferente.

Daí que talvez algumas pessoas chamem a isso guerra da Trindade. Mas eu nas minhas notas anteriores referi-me ao funeral do Zé Cangolo e disse que apenas eu e mais uma pessoa muito considerada politicamente estivéramos presentes.

A pessoa com quem falei disse-me que não; que ela própria assistira ao funeral desse mesmo Zé Cangolo com honras militares e que a pessoa a que me referia a pouco também estivera. Eu disse logo que era impossível. Mas a pessoa insistiu e indicou-me uma terceira pessoa que também estivera no funeral pelo que eu me dirigi a essa pessoa que me confirmou que efectivamente tiveram lugar as pompas e a presença da tal individualidade a que me referi atrás.

Então pus-me a pensar, que terá acontecido? Certamente que não havia dois Zés Cangolo. Que teria acontecido afinal? Aqui acho que são ideias minhas que só poderiam ser confirmadas pela pessoa a que me referi atrás e que já morreu.

Alguém ligado aos donos do país de então, avisara-me que eu devia ir ao funeral de Zé Cangolo. Não me disseram que haveria pompa nem onde deveria encontrar o cortejo. Fui para o cemitério da Trindade, e ali encontrei a pessoa a que me referi atrás, entramos pelo cemitério dentro, subimos uma escada, contornamos a esquerda, três a quatro metros adiante encontramos um caixão poisado no chão. E assistimos ao funeral eu e a pessoa a que me referi.

O que estranho é que a pessoa com quem assisti ao acto fúnebre era uma pessoa muito conceituada para não saber das pompas que estavam previstas. Fim do enterro, encaminhamo-nos para a saída. Eu regresssei à cidade e ela seguiu para cidade da Trindade.

O que provavelmente ocorreu é que essa pessoa terá ao chegar a cidade sabido do funeral pomposo que o governo queria proporcionar ao Zé Cangolo, foi para a igreja e acompanhou o funeral normalmente até ao cemitério.

Será que a pessoa terá assistido a dois enterros como sendo da mesma pessoa?

Para mim não pode ter sido outra coisa.

Quero referir-me agora a dois outros factos:

1º- É de ter-me encontrado em Portugal com o oficial general do exército Carlos de Sousa Gorgulho em 1956. É que o António Pires dos Santos me havia dito que ele vira o Gorgulho a entrar no café “Chave de Ouro”. Quem conhecer Lisboa sabe bem que o café “Chave de Ouro” fica precisamente na esquina da rua da Prata com a Praça da Figueira, do lado esquerdo.

Dissera-me ele que tinha visto o Gorgulho a entrar para o café. Mostrei-me logo interessado em voltar a ver esse “cara de pau”.

No dia e hora aprezados estávamos os dois a porta do café e não vimos como normalmente acontece na baixa qualquer sinal de vida no rés-do-chão. Vimos uma escada, subimo-la até ao primeiro andar. Vimos uma sala enorme com apenas um cliente Carlos de Sousa Gorgulho. Estava todo refastelado a tomar o seu a apenas três ou quatro metros da escada. Depois dirigimo-nos às janelas que ficavam seis a sete metros adiante. Chegados a janela olhamos para a rua e ao virarmo-nos verificamos com espanto que o oficial general das Forças Armadas Portuguesas, Carlos de Sousa Gorgulho arrumara as suas coisas e dirigiu-se para as escadas quase a correr. Nós corremos até ao cimo da escada e verificamos que ele virava a esquerda em direcção da Praça da Figueira. Descemos as escadas a correr e tivemos a ocasião de verificar que ele virara à esquerda de novo. Pusemo-nos a rir às gargalhadas e dissemos: quem diria, quem diria que um oficial general português estaria a fugir de dois rapazolas são-tomenses. Coitado do Camões! Se ele visse isso, que vergonha, que vergonha!

2º- Um outro facto em que eu estive a cogitar é o seguinte: é de como o meu pai sobreviveu a 1953. Ele que era um homem doente. Depois de sair da cadeia em Março ou Abril não me lembro bem, ele nunca se queixou dos maus-tratos, nunca falou da sua prisão. Porque seria? Juntando agora o que me disse Norberto Costa Alegre pai ao que me disse a minha mãe, pois ela nunca me falou em Fernão Dias cheguei à seguinte conclusão: O meu pai tal como o Engenheiro Salustino Graça foram os únicos presos que não sofrerão as sevícias.

O Engenheiro Salustino Graça pelas razões a que me referi na minha nota anterior.

O meu pai porque fora deliberadamente poupado por Zé Mulato.

É que a minha mãe me disse uma vez que o Zé Mulato, conhecia a minha família e que em pequeno ele era nosso companheiro de brincadeiras e muito amigo meu. Onde, em que sitio, é que não me lembra que tivéssemos convivido. Talvez do lado oposto à entrada para o bairro dos portugueses, onde vivemos numa casa, quando eu teria os meus 6 anos talvez. É que eu não me lembro verdadeiramente de onde teria sido essa convivência.

Lembro-me de João Mulato, será ele irmão dele? A verdade é que o meu pai não morreu em 1953 porque Zé Mulato o poupou. Ele não foi para Fernão Dias, ele não foi para o Príncipe e não sofreu as monumentais surras que todos outros apanharam. Se o Zé Mulato não tivesse poupado o meu pai e ele tivesse morrido, eu não teria tido oportunidade de hoje formado estar a incomodar-vos insistindo sempre que muitos de nós poderemos ser ricos e ocupar os bons lugares que se criarão neste país.

Se estudarmos e quisermos fazer por isso poderemos ser ricos e ter uma vida boa. É possível, não tenham dúvidas.

Quem diria que 1953 poderia ter alguma relação com 2010!

### **Nota n.º 24**

Vamos falar hoje sobre a corrupção e sobre as possibilidades de financiamentos pelos são-tomenses.

Pelo seu significado corrupção é: acto ou efeito de corromper; podridão, decomposição, putrefacção, devassidão, adulteração, suborno e prevaricação. Será que os povos, europeu e americano não são corruptos?

Vejamos os seguintes factos:

A invasão do Iraque, a carnificina se lhe seguiu, os massacres, a justificação infundada que se utilizou não são manifestação de corrupção?

O conluio entre Bush filho e Tony Blair, para invasão do Iraque e a cobertura dada pelos países da Europa não é criminoso?

A Euronews num inquérito feito aos 27 países da União Europeia chegou a conclusão de que 22% dos inqueridos na Dinamarca achavam que os seus políticos eram os menos corruptos dos 27. Em Portugal essa percentagem atingia 93%. No intervalo entre esses dois valores estavam a Inglaterra, a França, a Alemanha, a Áustria, etc. E nos países saídos da antiga Jugoslávia, a Roménia, a Albânia e outros, nesses, a corrupção atingia números mais elevados.

Que dizer das guerras do Vietname, da Correia e as actuais por exemplo do Afganistão são ou foram guerras justas? Como é que se explica que os Estados Unidos, a Rússia, a China, A Índia, a Inglaterra, a França, o Paquistão e até o estado minúsculo de Israel que não só fabricou bombas atómicas e possui quatro submarinos nucleares, possam dispor de armas atómicas e só o Irão não o possa. Porquê se é um país como os outros? É, porque temem que venha a utilizar as suas se se vir forçado a isso. O Irão tem o mesmo direito que todos os países do mundo. Para mim é um acto de corrupção. Querem-no fraco para poder usar e abusar das duas riquezas. Eu acho arriscada a política que está sendo seguida. Podem levar o país a utilizá-las.

A doutrina de Kissinger que preconiza a supremacia branca mesmo que seja necessária a guerra não é uma prova disso?

O escândalo com o governo de Gordon Brown com o dinheiro do parlamento, o caso Berlusconi dos subornos e as suas práticas imorais. O caso do senador Andreotti que alguns dizem pertencer à máfia italiana não são casos de corrupção? Porque será então que só os africanos e os seus governos são apelidados de corruptos? E o governo americano até tem a lata de fazer um relatório anual para indicar os países corruptos do mundo, claro que eles são os únicos de mãos limpas.

Eu confesso-vos que estou como Diógenes; não creio nos homens.

A corrupção é generalizada.

Agora vamos ver se nós precisamos de chamar o capital estrangeiro. Quando eu, às zero horas do 12 de Julho de 1975 na Praça da Independência ouvi que o nosso país era um país independente, senti-me o homem mais feliz do mundo. Vocês não acreditam mas eu digo-vos ainda hoje que considero o melhor dia da minha vida.

Não vou dizer-vos que me sinto pior hoje mas decepcionado. Que esperanças não concretizadas! Se o colonialismo era mau, brutal, esmagador, a mim me parece que o neocolonialismo não é melhor. E vejo com desgosto a ligeireza com que os nossos governantes dispõem de nós, das nossas vidas e dos nossos bens. Será que eles acreditam que o capitalista tem coração? Eles esmagarão tudo e todos por dinheiro.

É certo que muitos de nós, digo mesmo quase todos para recebermos apenas 5% sobre 5 biliões de dólares venderíamos os filhos, a mulher, a mãe, o pai, eu sei lá!

Será que não podemos esperar mais cinco mais dez anos? E mesmo agora não podemos começar? Claro que não vamos querer fazer tudo ao mesmo tempo. Eu nas minha primeiras notas, referi-me a constituição de uma empresa mãe, a Companhia Geral do Golfo da Guiné-STP, cuja a sigla é 3Gs, que essa empresa mãe seria constituída com um capital de 10.000.000 de Euros, valor esse que poderia ser elevado para 20, 30, ou 40 milhões. Essa empresa mãe seria constituída por empresas afiliadas nos sectores agro-pecuários, comércio, banca, energia, indústria, serviços, transportes, etc.

À empresa mãe, que seria constituída por accionistas são-tomenses poderia associar-se á outros são-tomenses já estabelecidos para formar outras empresas. Haveria áreas reservadas aos são-tomenses em que eles fariam parcerias com empresas estrangeiras.

Todos os recursos derivados do petróleo seriam depositados num banco absolutamente são-tomense a fim de evitar falências fraudulentas.

A Agência Nacional de Petróleo deveria depositar todos os seus recursos exclusivamente no referido banco, e ainda adquirir obrigações em valores elevados a fim de proporcionar recursos ao banco para diversas actividades. Por exemplo:

A Agência Nacional do Petróleo obtém com a venda dos blocos 40 milhões de dólares. Em vez de depositá-lo no BISTP por exemplo, depositava-os no banco do comércio pertencente às 3 Gs.

Esse dinheiro não seria enviado para exterior, para financiamento nos outros países, mas sim ficava aqui para financiamento interno. Isso quer dizer que o nosso Banco passaria a dispor de mais 40 milhões.

Suponhamos mesmo que as 3 Gs consigam um parceiro que entre com 30% do capital. Os restantes 70% seriam dos são-tomenses.

Se eventualmente viesse aos interesses do país que esse financiador subscrivesse 30% do capital de todas empresas que se constituíssem, financiando ele 70% da parte das 3 Gs, adquirindo para o efeito a obrigação da empresa teríamos uma repartição do capital de seguinte modo:

- 30% do capital das 3Gs para o estrangeiro
- 70% do capital dos são-tomenses, o mesmo se fazendo em relação a todas as empresas subsidiárias.

No cômputo geral teríamos o capital repartido da seguinte maneira:

- 51% para o capital estrangeiro
- 49% para o capital nacional.

A parte nacional fica ainda com a remuneração correspondente á remuneração dos trabalhadores, renda de casa, impostos, e outras despesas conexas.

Neste caso, se nós considerarmos os 5 biliões referidos a pouco, aos são-tomenses caberia 2. 450 000.000 e ao capital estrangeiro caberiam 2. 550.000.000 Euros.

Dir-me-ão que é um projecto irrealista. Será que a Líbia que dispõe de 100 mil milhões de dólares em bancos estrangeiros segundo as notícias ouvidas ontem não estaria disposta a isso? É certo que eu não gosto muito dos financiamentos árabes porque têm outras condições subjacentes. Será que temos tanta pressa que não podemos esperar 5 ou 7 anos tempo que se espera que seja suficiente para que o petróleo comece a jorrar em S. Tomé e Príncipe? Ou haverá outras razões que eu desconheço?

## Nota n.º 25

Vamos falar hoje da formação de quadros.

Há dias estive a ouvir ler a lei das receitas petrolíferas e num dos artigos falou-se no desconto às empresas petrolíferas das despesas com bolsas de estudo. Pedi que me lessem de novo o artigo e confirmou-se-me a ideia de que era possível o financiamento pelas empresas petrolíferas das bolsas de estudo para formação dos nossos quadros, isto quer dizer, que o legislador criou uma maneira fácil de financiar a formação dos quadros necessários às necessidades das empresas petrolíferas.

Então pensei: porque não aproveitar essa possibilidade?

A **Agência Nacional de Petróleos** a quem cabe a cobrança das receitas petrolíferas, podia engendrar o seguinte projecto de formação de três mil indivíduos para as nossas necessidades.

Primeiramente devíamos ver quantos homens e mulheres são necessários em cada actividade: geólogos, geofísicos, engenheiros de toda a sorte, médicos, todo o pessoal necessário para as primeiras necessidades. Inventariado o pessoal existente já formado, que queira aproveitar esta nova oportunidade, inventariar todos os alunos das faculdades são-tomenses que se possam aproveitar. Ir à Portugal fazer o mesmo, ir a Angola, a Londres ou a qualquer outro lado onde haja são-tomenses disponíveis e que queiram aceitar o convite, contando evidentemente com todo o pessoal aproveitável em São-Tomé e Príncipe, a **Agência Nacional de Petróleos** chega a conclusão que existe 2000 indivíduos interessados. Suponhamos 500 já formados ou que queiram mudar de curso. 1500 com a 12ª classe e prontos a entrar para as faculdades. Os já formados vão aperfeiçoar-se fazendo o Mestrado e até o Doutoramento no sector petrolífero. Não importa que sejam solteiros ou casados, pois aos casados é-lhes permitido levar os filhos e a facilitação ou formação do cônjuge em qualquer área. Todas as despesas com os filhos ficam a cargo da **Agência Nacional de Petróleos**.

A bolsa para os estudantes seria de USD 1.000 se assim fosse entendido, sendo esse valor mais ou menos repartido do seguinte modo USD 300 para alimentação, 200 para renda de casa, 200 para assistência médica, transporte e outras despesas, 300 para o bolseiro que com esse dinheiro deverá custear as propinas vestuário e as suas despesas pessoais. Acho conveniente que a **Agência Nacional de Petróleos** mande fazer um estudo prévio e aprofundado deste problema tendo como objectivo interessar ao máximo os são-tomenses. Para mim acho que os 1500 alunos referidos atrás podiam ser formados no Brasil. Supúnhamos um estado sossegado como o de Minas Gerais onde poderiam ficar 200 ou 300 ou até mais estudantes. Supúnhamos que os 1500 são repartidos por 5 cidades. Um exemplo.

400 alunos vão para Minas Gerais. Eles instalam-se em prédios de 10 andares com 200 alunos. Num andar de 4 quartos ficam 4 ou 6 alunos em beliches. Têm uma sala de jantar que é transformada em biblioteca. A sala de visitas em sala

de estudos. Haverá um restaurante pertencente a um ou uma são-tomense que possa servir as três refeições do dia a 200 ou 400 alunos. Haveria ainda uma lavandaria. De igual modo se procederia em todas as cidades em que tivéssemos estrutura semelhante. Todo serviço ou grande parte devia ser prestado por são-tomenses por duas razões: para que os alunos não estranhassem e para que os benefícios pudessem reverter para S. Tomé e Príncipe. Na proposta para abertura do concurso devia-se pôr como condição primeira a obrigação das pessoas que concorressem ou fossem seleccionadas para trabalhar nesses lares se dispusessem a frequentar cursos de aperfeiçoamento locais, em todos os níveis. Assim o país ganharia não só nos ganhos que a actividade poderá proporcionar mas também no aperfeiçoamento do seu pessoal. Em relação aos 500 indivíduos formados esses seriam encaminhados para os Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Noruega. Neste caso dever-se-á ter em conta os filhos, cabendo todas as despesas com estes à **Agência Nacional de Petróleo** devendo na medida do possível seguir o esquema anterior.

Deve acautelar-se, melhor procurar na medida do possível que os candidatos regressem ao país onde deverão obrigatoriamente prestar por algum período os seus serviços. Cabe agora à **Agência Nacional de Petróleos** procurar aperfeiçoar este projecto pois acho que ele pode ser útil para o país, uma vez que são milhares de indivíduos que podem ser instruídos sem imediatamente se despendem recursos.

Conviria que se recorresse a professores portugueses, brasileiros, cabo-verdianos ou outros para a preparação da entrada de novos alunos nas universidades.

Fico à disposição da **Agência Nacional de Petróleos** para todos os esclarecimentos que forem necessários.

#### **Nota n.º 26**

Hoje dia 4 de Abril de 2010, celebra-se com grande pompa e festejos os 50anos da independência do Senegal. Foram convidados vinte e tal chefes de estado para as cerimónias, mas a população e a oposição como seria de esperar dizem que não há motivos para festejar pois que os resultados até agora alcançados são insignificantes. Há dias ouvi na Rádio França Internacional que foi escrito em Paris um livro sobre as 50 mulheres mais famosas do mundo. Nele se refere a Michel Obama, Angela Mercuris e outras. De entre as restantes duas senhoras do continente negro. Uma delas é economista famosa, formada por uma Universidade excelente e também por Harvard, senhora de uma sabedoria incontestável, que diz nos seus livros que África recebeu nos últimos 50 anos, 50 biliões de dólares dos quais não tirou nenhum proveito ou quase nenhum. Disse ela que grande parte desse dinheiro foi desviado pelos políticos e a parte restante, muito mal aproveitada por falta de coordenação e administração convenientes. Eu ri-me e lembrei-me das nossas 100 ONGs.

Que interessa ter 100 ONGs que não dão nada, quando com apenas duas e a mesma quantidade de dinheiro gasto anualmente, se poderia fazer qualquer coisa. É tudo para

o inglês ver. Kissinger tem sempre razão. Espalhar-lhes areia nos olhos. Eles devem sempre fingir que fazem mas não fazem nada.

As Nações Unidas com o PAM, UNICEF, PNUD, FAO andam apenas a enganar-nos. 50% do pessoal desta organização é francês. Vocês acreditam que um funcionário francês desta organização, apresentaria um estudo que prejudicasse o seu País?

Toda a gente ouviu falar sobre a conferência de Copenhague sobre o clima. As mudanças climáticas afectam todo o mundo. Os Estados Unidos que são o maior produtor de CO<sub>2</sub> do mundo que tem influências nefastas sobre o clima, o maior poluidor do mundo e de todos os tempos, primeiramente não assinou o protocolo de KIOTO e agora sendo o país mais rico de todos, não quis arcar com as suas responsabilidades. Quer que a carga recaia sobre os outros. Claro que hoje as coisas são diferentes. Dantes a Europa e os Estados Unidos podiam impor a sua vontade; hoje já não o podem fazer. O Brasil, a Índia e a China não permitem que se lhes imponha qualquer coisa daí, que a conferência parisse um rato; um fingui, melhor um ratinho. A conclusão a que chegaram depois de muita discussão e de muitos apelos, foi que se daria aos países subdesenvolvidos, que têm pouco ou quase nada a ver com as alterações climáticas 21 biliões de dólares por três anos; um valor ridículo se atendermos a que pelo menos se trata de 3 biliões de indivíduos. Pouco mais de dois dólares por indivíduo. Ridículo, abjecto!

Um político europeu comentando esse valor disse uma coisa inacreditável, a maior desvergonha: que esse valor fora encontrado nos últimos momentos da conferência para que não se dissesse que dela não tinha resultado nada e que esse valor não era de nenhuma nova contribuição, mas sim restos de promessas não cumpridas cujos saldos foram juntos para perfazer este valor. Ao fim e ao cabo a Europa e os Estados Unidos não deram nada. Tudo falso.

Vocês já ouviram falar da crise que atravessou a Grécia recentemente? A Grécia esteve à beira da falência. A União Europeia reunida de emergência não se entendeu, pois a Alemanha se negava a contribuir para a sua salvação. A minha prima Angela Mercuris que tem eleições à porta não quis abrir o cordão à bolsa pois perderia votos. Perder eleições por causa da Grécia? Era o que faltava. Lá se encontrou a solução de se juntar ao FMI e a Grécia vai ser salva.

Mas, os maldizentes americanos dizem que à Grécia seguir-se-ão outros países como sejam Portugal, Espanha, etc.

Vamos agora falar de Portugal.

Vivi em Portugal dez anos. Fiz amizades e guardo boas recordações. Nos anos 1963-64 frequentei normalmente o 3.º e 4.º anos da Faculdade de Economia.

Naquela altura a faculdade de economia tinha fama de ser a faculdade dos ricos e das pessoas de bem. O curso tinha prestígio. Eu, o pobre pretinho, era o único que destoava. Os professores, Francisco Pereira de Moura, Jacinto Nunes, Paulo Teixeira Pinto, Murteira, eram trutas, ex-Ministros e Ministros, os assistentes João Salgueiro, Hernâni e muitos outros que mais tarde vieram a ser ministros, a fina flor da intelectualidade económica e financeira de Portugal.

Acabado o curso regressei à África. Fui como disse demitido das funções de Ministro de Economia e Finanças como disse nas minhas notas anteriores, durante alguns meses e fui demitido a 17/11/1988. Fiquei por cá alguns meses até meados de 1989. Um dia eram cerca de 12 horas quando eu ouvi essa notícia espantosa da BBC. Depois de muita conversa acerca da ideia dos portugueses elaborarem planos de desenvolvimento, um comentador diz essa enormidade a meu ver: que Portugal não tinha capacidade para fazer planos de desenvolvimento. Eu não podia acreditar no que ouvia. Com tantos trutas. Aliás se não me engano na altura estava a testa do governo um professor com Primeiro-Ministro. Passados cerca de vinte anos sobre isso, para ser mais preciso, a partir de 2004, com a minha quase cegueira, passei a ser ouvinte assíduo da SIC e da Euronews, as únicas maneiras de estar a par do que se passava no mundo. Desde então tenho ouvido sempre o meu amigo Mário Crespo a verberar contra o meu primo José Sócrates. Que ele é a causa do atraso de Portugal, que Portugal é o país menos desenvolvido da União Europeia. É agora os Estados Unidos a dizer o mesmo, a dizer mais: que embora Portugal tivesse sofrido menos que os outros países com a crise mundial recente, estava nos 4 últimos lugares dos 27 da União Europeia e corria o risco de vir a encontrar-se numa situação semelhante à da Grécia. Então o comentador de 1989 tinha razão. Se assim é, porque é que o meu amigo Faria de Oliveira e a Caixa Geral de Depósitos em vez de dispersar-se por S. Tomé e Moçambique não ajuda Portugal a desenvolver-se. É como o outro dizia “ aqui tem gato”.

Há presentemente em S.Tomé sete bancos estrangeiros ou semi estrangeiros. Em qualquer deles os são-tomenses não têm predominância; são simples cavalos mandados. Estão lá para o inglês ver. Supúnhamos que a Agência Nacional de Petróleos escolhe um deles para depositar as receitas do petróleo. Estão depositados ali 2, 3, 4,10 biliões de dólares, claro que esse dinheiro não está em S. Tomé pois aqui não há aplicação para ele. Estão em qualquer outro país. O referido banco abre falência. O que fazer? Nada, nada. Lá se perdem 2,3,4,10 biliões de dólares. Claro que o gerente foge a tempo. Que interessa emitir mandados de captura internacional? Que interessa condená-lo como fazem nos Estados Unidos a 140 anos de prisão a um homem de setenta. Nada, nada. Portugal deve procurar desenvolver-se, pois que ele não tem capacidade para ajudar os outros.

Antes de terminar quero dar-vos um exemplo de cooperação. Num livro que circula aqui dum Carlos..., diz-se que a União Europeia pesca na nossa zona económica 35 mil toneladas de peixe anualmente. Os pescadores artesanais vendem o peixe mais barato a 2 euros o quilo. Sendo a técnica de pesca europeia mais produtiva que a nossa eles podem pescar a um preço mais baixo. Admitindo que eles vendam na Europa as 35 mil toneladas de peixe a 10 dólares cada quilo, isto quer dizer que o produto seria 350 milhões de euros. Agora vejam quanto recebe S.Tomé. Quase que vos dizia kulu-kulu. Portanto não se cansem, vocês não chegavam lá. São dois milhões de dólares que eles pagam pela licença. Até podia ser menos! É assim a cooperação com a Europa. Recebem cem ou 200 vezes mais. Biliuêou

## Nota n.º 27

No dia 24 de Março se não me engano ouvi, pois como já disse não vejo quase nada, uma entrevista dada pelo engenheiro João Bragança Gomes à nossa TV em que ele se referia ao **Novo Rumo**, o qual era constituído por são-tomenses que queriam dar um novo rumo ao país.

Por que não conseguiram convencer os são-tomenses, eles desistiram da ideia.

Eu não concordo, como já tive a ocasião de dizer. É que para mim o **Novo Rumo**, ou melhor, aquele punhado de são-tomenses bem-intencionados poderiam ter um papel fulcral na criação da sociedade civil são-tomense, que parece não existir.

Que trabalho imenso de consciencialização deste povo! A maior parte da população ou quase a totalidade, salvo alguns privilegiados, não escutam a rádio porque não têm como comprá-lo, o mesmo acontecendo com a televisão.

Vocês que constituem esse punhado de são-tomenses que puderam fazer parte do **Novo Rumo** acham, que o povo são-tomense sabedor, porque instruído por vocês, que o banho é uma forma vergonhosa e infame de que se servem os partidos, para aliciar a população para votar a seu favor, entraria nesse jogo em seu prejuízo? Eu não acredito.

Oiço na rádio que os partidos se disputam para financiar festas de “santos e santas”, compram barracas inteiras de comidas e bebidas para oferecer gratuitamente ao público neste tempo de eleições. Nas proximidades das eleições estabelecem barracas perto das mesas de votos para banhar os votantes. Sem o **Novo Rumo** este povo está perdido.

Que se poderia fazer com um **Novo Rumo** actuante durante 4 anos, período entre duas legislaturas. Poderemos fazer imensas coisas boas para o povo de São Tomé e Príncipe como sejam:

- Controlar as acções dos partidos e denunciá-las.
- Examinar cada acção do governo.
- Inquirir sobre a veracidade dos factos.
- Promover melhorias no ensino de modo a virmos a ter os técnicos necessários para trabalhar nas empresas petrolíferas, em todos as actividades do porto de águas profundas, na melhoria dos serviços públicos, na promoção do sector privado são-tomense, ajudando-o nos termos dos artigos 56 e 57 da Lei-Quadro das Operações Petrolíferas, que expressamente exigem ao Governo legislar sobre as disposições legais para o efeito.

Vocês já viram se nós aplicássemos o dinheiro que até hoje foi depositado nos bancos estrangeiros ou quase estrangeiros, em promover a actividade privada são-tomense, em que condição nos encontraríamos?

Leiam as minhas primeiras notas e admitam por hipótese que o governo induzido pelo **Novo Rumo** compre 50 milhões de títulos de obrigações ao Banco de Comércio.

Assim fizeram os 7 países da Ásia denominados "os 7 Tigres da Ásia" que entre 25 e 40 anos passaram de um rendimento de 430 dólares anuais para um rendimento de 35 mil dólares como foi o caso de Singapura.

Tivemos ocasião de ouvir na cidade de São Tomé uma conferência proferida por um especialista de Singapura em que ele historia sucintamente o caminho percorrido nos últimos 30 anos pelo seu país.

Singapura tem apenas um porto e poucas terras. Não tem petróleo, diamantes nem qualquer outro mineral. Mas teve uma liderança e um apoio institucional que lhe proporcionou todo o sucesso alcançado.

São Tomé e Príncipe é um país privilegiado. Tem petróleo, tem um porto que vai tornar-se o maior porto do Golfo da Guiné mas falta-lhe a liderança.

Leiam a conferência pois que ela pode inspirar-vos.

O **Novo Rumo** poderia para a promoção das suas ideias ter um jornal que as difundiria; um espaço na rádio e na televisão onde poderia promovê-las.

Ouvi há dias falar sobre o Liceu Nacional, em que existiriam cerca de 5.000 alunos a frequentar aulas. Que felizmente hoje o ensino não era só para os filhos dos ricos o que muito me agradou, que as aulas estavam superlotadas, tinham cada uma 70, 80, até 90 alunos. Eu não acreditei, como era possível!

Os alunos não podem ter aproveitamento e os professores estão sobrecarregados. Eu tenho conhecimento de causa porque fui professor durante 5 anos, 3 em Portugal e 2 em Angola. As turmas devem ter 25 á 30 alunos no máximo. Estamos a deitar dinheiro fora. O não aproveitamento escolar é culpa do governo e não dos estudantes, que não cria as condições necessárias para o melhor aproveitamento. Atiram literalmente o dinheiro público pela janela, desperdiçam-no.

O **Novo Rumo** devia neste caso esclarecer o Governo que ele procede mal, que em vez de gastar 12 milhões de dólares ou coisa parecida no financiamento das eleições, pois que isso é só para o inglês ver, uma vez que não deixarão de pedir dinheiro aos outros parceiros, deveriam aplicá-lo no melhoramento do ensino, no abastecimento e melhoria do Hospital Central.

Como vêm meus caros amigos; há muito que fazer; o **Novo Rumo** deve e vai continuar, pois que eu ficarei muito desiludido se desistirem.

Já viram o que vocês do **Novo Rumo** com a ajuda da diáspora, pois esta com os recursos de que dispõe, falo dos membros do fórum, e outros poderiam adquirir acções das 3 Gs até ao montante de 40 milhões de Euros, acções e obrigações o que permitiria a constituição das 3 Gs. Eu tenho como propósito formar uma classe de empresários são-tomenses que poderia eventualmente emparceirar-se com indivíduos ou empresas estrangeiras.

Um são-tomense que viva no estrangeiro encontra alguém, espanhol, francês, inglês, holandês, ou empresas que queiram investir em São Tomé e Príncipe, se for uma empresa em que o capital tem de ser maioritariamente são-tomense esse individuo ou empresa terá 49% do capital. Os 51% serão a parte são-tomense, podendo ser um individuo ou a 3 Gs.

Um ponto em que eu faço exigência é que os cargos mais importantes da empresa sejam repartidos na mesma proporção, com direitos iguais.

Como vêem há muito trabalho para o **Novo Rumo** e todos sairíamos a ganhar.

### **Nota n.º 28**

Nestes primeiros meses do ano, São Tomé e Príncipe perdeu duas personalidades ímpares.

A Sra. D. Alda Graça do Espírito Santo pessoa minha conhecida desde menino, filha da Sra. D. Maria de Jesus das Neves do Espírito Santo, a minha querida professora. Pessoa que eu sempre estimei como minha própria mãe.

Quando a Sra. D. Alda regressou de Portugal eu, homem feito tive a oportunidade de ir estudar à Portugal.

Nos últimos 35 anos, estive durante 14 em São Tomé e Príncipe, mas como não sou político nem escritor, as nossas relações nunca foram muito próximas.

Sempre a tive como pessoa muito respeitável, amiga do seu povo e muito querida deste.

Gostei ao regressar definitivamente ao país de verificar que todos a tinham com a mãe dos são-tomenses.

Aproveito esta oportunidade para render-lhe as minhas homenagens, que descansa em paz.

Ontem tomei conhecimento do falecimento do meu amigo Dr. Francisco da Silva.

Não será ousadia da minha parte dizer amigo? Vou contar-vos como nos conhecemos.

Chegado a São Tomé estabeleci contactos com muitos amigos. Falei-lhes do meu propósito, das minhas notas, das minhas intenções relativamente a São Tomé e

Príncipe, dos meus pobres, dos doentes, das crianças desamparadas, do meu grande desejo de ver os são-tomenses donos das suas riquezas.

Um dia uma pessoa da minha família entregou-me um livro e sugeriu-me que o lesse. Curioso pedi a minha mulher que mo lesse. Leram-mo com sofreguidão minha. A dada altura comecei a chorar convulsivamente.

Acabada a leitura do livro perguntei à pessoa quem era o autor e porque mo dera a ler. Disse-me que o livro fora oferta da sua mãe e que pelas minhas palavras ditas na sua presença, ela achava que me poderia interessar.

Que a pessoa era o então Presidente da Assembleia Nacional e que estava muito e muito doente.

Tive medo de não o poder conhecer. Perguntei à pessoa como é que poderia cumprimentá-lo e ela disse-me, que ia falar à família.

Dias depois disse-me que a esposa achava-o tão doente que não tinha coragem de lhe falar isso. Fiquei desesperado e tive medo. Estando ele tão doente tinha eu o direito de o procurar?

Falei nisso a pessoas amigas e pedi-lhes muito encarecidamente que me proporcionassem uns minutos que fossem para lhe render a minha homenagem. Como eu depois disso o ouvi no Parlamento e na televisão insisti e por fim tive a sorte ou melhor a felicidade de poder ser recebido. Chegado a sua casa, tive medo de novo. Eu quero confessar-vos o seguinte:

Por vezes vou felicitar uma senhora parturiente e ela por gentileza pede-me que tenha o seu menino ao colo. Confesso-vos que tenho medo que ele caia dos meus braços ou que eu a aperte mais do que devo. Foi como me senti ao entrar em sua casa. Apresentaram-mo; ele estendeu-me a mão e com uma voz fraca disse-me que tinha muito prazer em me conhecer. Eu retribui-lhe o aperto de mão e não pude largá-la. Chorava convulsivamente. Estivemos assim cerca de 10 minutos. Pude balbuciar-lhe que o considerava o maior são-tomense que conhecera em toda a minha vida. Que eu gostaria de criar uma organização juvenil denominada “Voluntários de STP” na qual eu propunha difundir os seus ensinamentos. Que o seu livro seria a nossa bíblia e que ele estivesse certo de que enquanto vivesse, ele seria divulgado para que eles amassem STP como ele. Foi a primeira e última vez que nos vimos.

Como disse ouvi ontem a notícia da sua morte, aqui lhe deixo a imensa saudade de todos nós, que descanse em paz.

### **Nota n.º 29**

Por vezes sinto que me comporto como pai duma adolescente.

Vejo em tudo uma possibilidade de falta de respeito. É o que passa comigo em relação a São Tomé e Príncipe.

Coisas a que muitas pessoas não dão importância ferem-me. Talvez por ser natural de um país pequeno como São Tomé e Príncipe.

Lembra-me de um episódio que se passou no Níger numa conferência dos Ministros das Finanças em 1988.

Cada delegação podia trocar impressões com um funcionário do Banco Mundial. A nós de STP coube-nos um alto funcionário do Banco Mundial de nacionalidade americana.

No decorrer do encontro, pedi uns esclarecimentos ao funcionário e este respondeu-me desdenhosamente e eu fi-lo notar desabridamente, que ele era um simples funcionário e eu Ministro das Finanças de um país. O nosso homem corou como uma donzela portuguesa ao ouvir uma palavra inconveniente. Os membros da minha delegação acharam que eu me tinha excedido. Eu sou assim, quando se trata do meu país é como se fosse uma filha minha adolescente.

Toda esta conversa foi para me referir a dois casos que eu acho humilhantes para honra do meu país.

1º- É o facto de ver o meu Primeiro-ministro como licitador dos blocos do petróleo, quando me parece que é função do presidente da Agência Nacional de Petróleos.

Pergunto a mim mesmo qual dos dois chefia a delegação que se deslocou aos Estados Unidos? Pois que me parece que não há aqui hierarquia de subordinação.

2º- O segundo caso trata-se da entrevista dada há dias pela minha colega á TVS. Ao que percebi a Sonangol não tinha pago até essa altura os 960.000 dólares da transacção da Enco. Que esse pagamento fora solicitado pelas vias diplomáticas. Fico espantado, por ter sido pelas vias diplomáticas.

? Porquê? E o que no meu entender é mais grave ter pedido desculpas a Sonangol ao que me parece, por andar o seu nome na boca do mundo. Sinceramente, como diria a minha neta essa é demais.

Que quer que eu lhe diga minha querida amiga, as vezes a vida é dura. Agora um outro assunto.

Eu tenho falado muitas vezes que as ajudas internacionais são falácias para o inglês ver, promessas que os países desenvolvidos fazem e sabem que não vão cumprir.

Vejam vocês o que ouvi há dois dias na Rádio França Internacional. Uma alta funcionaria da OCDE disse numa entrevista à Rádio França Internacional que os países mais desenvolvidos tinham-se proposto dar 1% do seu rendimento anual aos países mais pobres do mundo e que o único país que excedeu esse valor foi a Suécia tendo os Estados Unidos e o Japão, a primeira e segunda

potencias mundiais mais desenvolvidas economicamente contribuído com apenas 0,2%. Ela foi mais longe e disse que para 2010 estava prevista uma dívida para África de 25 bilhões de dólares mas que lhe parecia que esse valor só atingiria 11 bilhões.

Que os países mais faltosos eram os seguintes: Grã-Bretanha, França, Alemanha e Portugal.

Como vêm confirma-se o que eu disse nas notas anteriores, é tudo falácia. Nós temos de procurar pela nossas mãos construir o nosso futuro.

O capital estrangeiro nunca nos beneficiará. Dão-nos com uma mão um, e com a outra retiram 100 vezes mais; Sempre foi assim e sempre será, não tenham duvidas.

### **Nota n.º 30**

Falaram-me sobre uma conferência proferida no dia 4 de Março por um especialista de Singapura. Como tenho referido sempre nas minhas notas anteriores o nosso País S. Tomé e Príncipe, deveria procurar estudar bem a maneira como os sete países da Ásia os conhecidos 7 tigres da Ásia conseguiram passar de países subdesenvolvidos como o nosso a países considerados desenvolvidos.

Não tendo podido estar presente na conferência por dela não ter tido prévio conhecimento procurei obter uma cópia da oração proferida. Achei-a tão importante e tão importante que me atrevo a difundir-la nas minhas notas incorporando-a.

Quero ressaltar de novo que a conferência não foi proferida por mim mas incorporo-a porque é uma lição de sabedoria e todos os são-tomenses sem excepção devem tomar conhecimento dela. Ela vai a seguir traduzida em português pois que foi proferida em francês:

# DESENVOLVIMENTO E LIDERANÇA

MODELO DE SINGAPURA

COMO OPÇÃO PARA  
S. TOMÉ e PRÍNCIPE

## SINGAPURA EM 1960

- SINGAPURA ERA APENAS UMA PEQUENA ALDEIA DE PESCADORES NO INÍCIO DOS ANOS 60
- O PAÍS CONHECEU GRANDES DESAFIOS DEPOIS DA INDEPENDÊNCIA E SUA SEPARAÇÃO DA MALÁSIA. FOI UM DESAFIO DE SOBREVIVÊNCIA ENQUANTO JOVEM NAÇÃO.

- A VISÃO E LIDERANÇA DE UMA PESSOA, LEE KUAN YEW, JUNTAMENTE COM UMA EQUIPA BRILHANTE, ASSÍDUA E PATRIÓTICA, PÔDE TRANSFORMAR A NAÇÃO INSULAR NUM PAÍS DESENVOLVIDO, APENAS NO ESPAÇO DE UMA GERAÇÃO.

- SEM NENHUMA RIQUEZA NATURAL O PIB PER CAPITA PASSOU

DE USD 500 EM 1965  
A  
USD 35.000 EM 2008.



Como foi que eles procederam  
?

## QUAL A CHAVE DO SUCESSO?

A TRANSFORMAÇÃO ECONÓMICA COMEÇA PELOS HOMENS E PELAS MULHERES

- A QUALIDADE DA PESSOA DETERMINA O DESTINO DE UMA NAÇÃO.
- COMO SELECIONAREM OS VOSSOS HOMENS E MULHERES?
- COMO FORMÁ-LOS?
- COMO ORGANIZÁ-LOS?
- E POR ÚLTIMO COMO GERI-LOS PARA QUE FAÇAM TODA A DIFERENÇA?

LEE Kuan Yew (1993)

## Governo e Liderança

- Segundo o Dr Goh Ken Swee, antigo Ministro das Finanças de Singapura,
- “O único factor e o mais importante que determina a taxa de progresso económico num país em vias de desenvolvimento é o GOVERNO

e

- ....e o investimento em capital no sector privado representa a determinante mais importante para o crescimento económico

# QUAL A CHAVE DO SUCESSO?

A TRANSFORMAÇÃO ECONÓMICA COMEÇA PELOS HOMENS E PELAS MULHERES

- Presume-se que o desenvolvimento sócio-económico se realiza quando o sistema económico e o Governo trabalham em conjunto sob a direcção de uma elite meritocrática rigorosamente seleccionada e bem formada.

• Bellows , sobre o modelo de desenvolvimento singaporiano(1989)

## Transformação económica de Singapura

2000 s	Conhecimento- intensivo	Conhecimento e actividades conduzidas <b>PI- Indústrias novas</b>
1990 s	Tecnologia intensiva	Centro de negócio total -sede social
1980 s	Capital -intensivo	Semi - condutor /petroquímica/ Engenharia
1970 s	Objectivos -intensivos	Aumento de empregos /escolas de formação
1960 s	Trabalho -intensivo	Criação de empregos /desemprego elevado

## Transformação Económica de Singapura

### Acordos internacionais

- Os FTAs com 60% do PIB mundial
- 52 Acordos de não dupla imposição
- 42 Acordos de protecção de investimentos

## Transformação Económica de Singapura

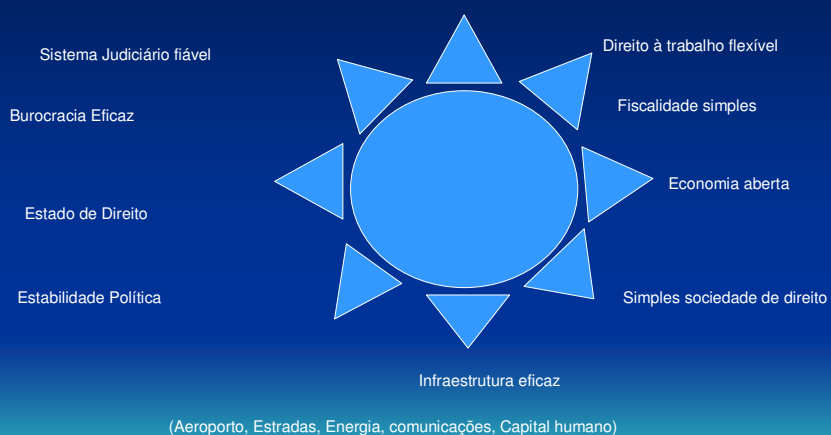
- Um sector privado dinâmico
- 7.000 MNCs, 25.000 sociedades internacionais
- 4.000 sedes sociais (60% pertencendo aos MINs)
- 100.000PMEs
- Milhares de sociedades novas

## CHAVE DE CONSTRUÇÃO DE BLOCOS DE DESENVOLVIMENTO BEM SUCEDIDO

VISÃO	TERRA PROMETIDA A VIA PARA A PROSPERIDADE
ESTRATÉGIA	COMO REALIZÁ-LA? COM QUE EQUIPAS?
POLÍTICAS	QUAIS SÃO OS MEIOS DE AS ATINGIR? SERÃO ELAS COERENTES?
EXECUÇÃO DE POLÍTICAS	ACÇÕES E RESULTADOS
AVALIAÇÃO DE PERFIS	O QUE TINHAMOS REALIZADO? O QUE TÍNHAMOS APRENDIDO COMO PODERIAMOS FAZER MELHOR? QUE CORRECÇÃO INTRODUIZIR?

## Criação de um Eco sistema propício

### Formulação e Execução de Políticas Pragmáticas



## LIÇÕES DE EDB SINGAPURA

- EDB possui o estatuto de uma sociedade pública e beneficia por este facto de uma flexibilidade administrativa, com as suas próprias grelhas de salários, podendo agir sem seguir os procedimentos governamentais.
- E.Schein, “pragmatismo estratégico”

## EDB

### “PRAGMATISMO ESTRATÉGICO

- Singapura teve sempre uma estratégia de desenvolvimento económico clara e bem articulada. Um dos aspectos salientes da EDB em particular e de Singapura em geral é o seu “pragmatismo estratégico”, a habilidade para resolver simultaneamente os problemas imediatos e inserir as soluções num plano a longo termo.

## Perfil do Pessoal da EDB

- Enérgico
- Intenso
- Entusiasta
- Com atitude positiva
- Com vontade de resolver não importa que problemas que se apresentem
- Estar muito bem preparado
- Fazer o trabalho eficazmente e em profundidade

## Imperativos culturais do EDB de Singapura

- Uma marca especial de liderança é possuir uma visão estratégica a longo prazo, capacidade de construir uma equipa, assim como extrair o que é de melhor em cada um dos seus membros.
- Lealdade total à missão de edificar a Nação.
- Um engajamento pessoal de 120%

## Imperativos culturais de EDB

- Profissionalismo excepcional com os clientes.
- Integridade total
- Regras claras e ausência de corrupção
- Força de carácter e capacidade para absorver os fracassos
- Uma organização interna sem fronteiras
- Trabalho de equipa e comunicação aberta
- Um guichet único para os clientes

## Como é que eles fizeram?

- O desenvolvimento de Singapura é único. E é devido ao exercício de uma verdadeira liderança a todos os níveis do governo.
- Lee Kuan Yew recorda sempre aos Singapurianos a realidade que os envolve e pede-lhes que adaptem o seu estado de espírito, os seus valores, os seus hábitos se querem progredir. O povo de Singapura teve muito que se adaptar, para sobreviver e ter êxito.

## Como é que eles fizeram?

- Como líder da nação, Lee Kuan Yem não olha para si mesmo mas para o progresso de Singapura e do seu povo.
- Aos 85 anos continua sempre activo , a aprender e a colocar questões sobre o tipo de liderança que a nova geração de líderes Singapurianos deve ter e o trabalho de adaptação que ainda resta a fazer para sobreviver e tornar-se reveladora na comunidade das nações.

- Qual a saída de liderança requerida para os governantes e para os governados?

# OS PERIGOS & A PROMESSA

Uma conversa sobre liderança

## A terra prometida

- Ameaças e perigos
  - Valores, hábitos, práticas
  - Prioridades das pessoas e da população
- 
- *Neste momento : onde se encontra o povo de S.Tomé e Príncipe?*

Que deveríamos fazer para ter sucesso nesta perigosa viagem?

## Porquê que não se consegue o progresso?

- As pessoas perderam a direcção, desviaram-se
- As pessoas cansaram-se
- As pessoas ligaram-se a falsas prioridades e a falsos trabalhos
- As pessoas lutam entre si
- As pessoas sucumbem aos seus desejos

- Em que consiste a verdadeira liderança?

## Distinguir liderança de autoridade

- Só porque você dispõe de autoridade não significa que seja um verdadeiro líder

## A autoridade e o reverso da moeda

- Dá a direcção
- Mantêm a ordem
- Protege o grupo
- É um símbolo de confiança

- A autoridade é importante para manter os recursos do grupo, mas requer-se liderança para melhorar os recursos existentes afim de criar e realizar o que falta

## O verdadeiro Líder

- É a utilização do poder, da influência e da autoridade para mobilizar as pessoas rumo ao progresso
- Ao contrário o falso Líder
- É a utilização do poder, da influência e da autoridade com o objectivo de desviar a atenção das pessoas para as coisas que não têm nada a ver com o progresso.

## A verdadeira liderança

- Ajuda as pessoas a fazerem face e reconhecerem a realidade
- Incita as pessoas a fazerem um esforço de adaptação que é requerido para progredir

## A realidade

- A realidade na liderança representa as informações e os dados que devem ser confrontados para que as pessoas possam progredir

## O trabalho de adaptação

- O trabalho de adaptação é o processo de mudança de valores, hábitos, práticas e prioridades das pessoas com a finalidade de que a via do progresso se possa abrir

## Façam face à realidade

- O trabalho do líder é fazer com que as pessoas:
- Ajam sobre a realidade executando acções apropriadas

## A que realidade as pessoas devem fazer face?

- Os perigos e ameaças ao grupo
- As oportunidades para o progresso e o crescimento
- As tendências a evitar o verdadeiro trabalho a fazer

## Trabalho de diagnóstico A finalidade é

- Descobrir a realidade das pessoas
- Descobrir o que as pessoas mais desejam
- Descobrir os perigos e as ameaças
- Descobrir as oportunidades
- Descobrir o que as pessoas evitam
- Descobrir como o sistema prepara armadilhas às pessoas

## Questões que deves considerar

- Será que é um problema técnico ou um desafio de adaptação?

## Diagnosticar

- Funcionários
- Liderança política
- Comunidade
- Financiadores
- Igrejas e ONGs
- Sector privado
- Determinar o que as facções têm necessidade de aprender para que o sistema possa progredir

## O líder deve tornar-se uma força que perturba

- Pôr a realidade face às pessoas
- Pôr questões difíceis
- Questionar as ideias recebidas

## O líder deve Gerar a Acção

- Obter o engajamento das pessoas
- Perguntar quais as suas necessidades
- Manter a sua promessa
- Reconhecer a contribuição das pessoas

## O líder deve Orquestrar a compreensão

- Levar as diferentes facções e partes a manterem-se juntas
- Permitir fricções para que se possa saber o que as pessoas têm no coração
- Questionar as verdades do grupo, as crenças e presunções

O líder deve

## Estimular a criatividade quando as pessoas se encontram bloqueadas

- Reconhecer o que não está bem
- Encorajar ideias novas
- Não ficar bloqueado por soluções passadas
- Estar pronto a experimentar

## O líder deve manter a promessa

- Lembrar às pessoas as suas possibilidades
- Inspirar as pessoas ligando-as às suas esperanças
- Utilizar os símbolos e as cerimónias para manter a promessa viva

## O líder deve Encontrar parceiros

- Encontrar parceiros nas diferentes facções
- Cooperar com os adversários
- Distribuir o peso das responsabilidades

## O desafio da liderança

- É uma actividade de risco
- O trabalho de adaptação é muitas vezes doloroso para o grupo
- As pessoas preferem evitar o verdadeiro trabalho ( criticar é mais fácil que se engajar: de fazer e de agir)
- Não existem soluções fáceis. Conduzir é sempre problemático

- Como levar as pessoas a mudar os seus valores, hábitos, práticas e prioridades para ultrapassar o desafio da adaptação e progredir?

## QUESTÕES ESSENCIAIS

- Qual a sua visão para S. Tomé e Príncipe?
- Porquê que ela é importante?
- Que diferença irá ela criar?
- O que quer que S. Tomé e Príncipe seja daqui por 5, 10, 20 anos?
- A sua visão e as suas acções são congruentes com o progresso e as expectativas do povo?

- Se o Estado continua a fazer o que faz, estará a medida de realizar a visão e os objectivos desejados?
- Qual o perigo, do progresso não ser alcançado? Quais serão as perdas para S. Tomé e Príncipe?

- Para transformar o sistema e progredir com que realidades culturais e políticas nos deveríamos confrontar?

A seguir perguntas e respostas  
Participe

- Muito obrigado pela sua atenção

### **Nota n.º 31**

Hoje dia 15 de Abril de 2010 quero chamar vivamente a vossa atenção para a nota n.º 30 anterior, portanto, a esta.

Nela limito-me a transcrever a conferência dada por um especialista de Singapura acerca das possibilidades de desenvolvimento de São Tomé e Príncipe.

Não sei quem o teria convidado. Seja quem for em boa hora o fez.

Estudem pois a nota n.º 30.

Hoje quero falar-vos da semana passada, os factos que ocorreram e que muito me sensibilizaram. Na segunda-feira 12 de Abril, a minha filha mais nova fez anos. Como presente tinha-lhe enviado dias antes o livro do Dr. Francisco da Silva, no qual lhe escrevi uma dedicatória. Ao falar-lhe nesse dia disse-lhe que o autor estava á morrer. Pedi-lhe que pela vida fora seguisse o seu exemplo e sugeri-lhe que desse a ler às suas amigas o mesmo livro. Passados dois dias morria o grande são-tomense, nosso amigo e que quiçá o pai de todos nós. São Tomé e Príncipe inteiro ficou de luto.

Na sexta-feira 16, celebraram-se os funerais jamais sentidos de todo São Tomé e Príncipe. Santana toda chorava e nós também. Dizer-vos que éramos amigos é mentira, pois que ele esteve comigo apenas 15 minutos. Que eu era seu amigo disso não tenham a mínima dúvida. Irmanavamo-nos no mesmo sentimento de amor por este país. Confesso-vos que não tive coragem de ir ao seu enterro. Tive receio de não me comportar á altura. Ouvi o relato por pessoas minhas amigas que foi não um enterro de Estado mas sim um enterro Real, de Rei, apenas com a diferença de que as lágrimas vertidas eram sinceras não de carpideiras.

O senhor Bispo proferiu na ocasião uma homilia, se é este o termo, em que se exortavam os são-tomenses a seguir o seu exemplo. Ouve elogios fúnebres em que algumas pessoas se propuseram seguir-lhe o exemplo. Ao ouvir isso até me ri. Eu tenho dúvidas, confesso. O tempo o dirá, mas digo sinceramente que eu não creio.

Assim morreram a Mãe e o Pai dos são-tomenses. Ficamos órfãos.

Oxalá sejamos capazes de seguir os seus ensinamentos para o bem de todos nós.

### **Nota n.º 32**

Hoje em dia com as novas tecnologias de comunicação, nós, qualquer de nós, pode entrar em contacto com pessoas em qualquer parte do mundo.

Vejam vocês que as minhas notas são conhecidas nos Estados Unidos, Canadá, Brasil, em França, na Inglaterra, Espanha, etc.

Um amigo meu, como aliás eu disse a tempos, pediu-me a permissão para editá-las no FÓRUM, uma página na internet editada por são-tomenses a partir de Barcelona. Disse-me a pessoa, que a página tinha 600 assinantes são-tomenses domiciliados em toda a Europa. Até me falam em comentários favoráveis. Mas a minha satisfação maior, e digo sinceramente até consolo, foi de ver que até os são-tomenses mais humildes as apreciam.

É que sentem que eu quero o bem deste país. Tenho falado a muita gente, com muitos intelectuais quase ou quase todos só me falam das dificuldades, das consequências que eu posso sofrer, das calúnias, e poucos ou quase nenhuns se prontificam a ajudar a superar as dificuldades que possam surgir pelo caminho. Desculpem esse lamento.

Tem-se falado muito ultimamente sobre o petróleo. Muita gente julga que é o petróleo que vai resolver os nossos problemas, não, o petróleo é um bem esgotável e normalmente ele deve gerar fundos que serão aplicados para que a geração vindoura possa ter um nível de vida não inferior.

Que eu quero dizer com isso? Eu quero dizer que das receitas do petróleo, vão tirar-se uma certa quantia, 10, 15, 20 % eu sei lá, mas o grosso dos rendimentos que possam resultar da aplicação das receitas acumuladas, servirão para aumentar mais ainda, esse acumular de rendimentos. Isso quer dizer que se o petróleo acabar daqui a 50 anos, pois que é um bem esgotável, os nossos filhos, netos e bisnetos poderão ter uma vida igual a nossa hoje, ou melhor quando o petróleo começar a jorrar. Se é assim devemos ter outras fontes de rendimento. Felizmente STP tem imensas possibilidades, temos o porto, o turismo, a pesca, frutas tropicais, especiarias, flores, etc, etc. Temos imensas possibilidades. É necessário pôr as nossas cabeças a funcionar, para termos novas fontes de rendimento.

Tem-se falado muito nas consequências para STP da autorização dada pelo congresso americano para explorar as zonas costeiras do Atlântico e Pacífico dos Estados Unidos. É que até a menos de dez dias as companhias petrolíferas americanas estavam proibidas de prospectar as zonas económicas exclusivas da parte costeira dos Estados Unidos para não causar danos as cidades ali situadas. Pensa-se que levantada essa proibição, as grandes companhias americanas que se interessam pelo Golfo da Guiné se deslocaram para os Estados Unidos abandonando por isso os seus interesses no Golfo da Guiné.

Eu não me preocupo com isso por duas razões:

1.<sup>a</sup>-É que para mim tanto faz que o petróleo permaneça nas suas jazidas como ter o valor correspondente em mão. Porque de qualquer maneira não vamos gastar esse dinheiro.

É certo que não ganharemos o mesmo dinheiro em remunerações e outros proveitos.

Mas somos poucos e temos tanto que fazer que facilmente se arranjará trabalho para os nossos homens e mulheres.

Em segundo lugar vocês já viram que dinheiro se pode tirar do nosso porto de águas profundas? Dinheiro fabuloso. Os nossos governantes é que querem dá-lo de borla.

Os portos do Golfo estão todos saturados, da Nigéria ao Congo, o nosso porto de água profundas é vital. Eles estão mais interessados em explorá-lo do que nós, não tenham dúvidas. Mas dá-lo de mão beijada como querem fazer os nossos dirigentes é que eu não aceito.

Dizem-me que nos comícios se tem falado na aplicação dos 5 biliões de dólares. Querem fazer crer ao povo que há absoluta necessidade de angariar esses fundos, mas não dizem toda a verdade, não dizem que isso nos acarretaria a completa subordinação à interesses estrangeiros.

Vocês podem crer se houver um governo que tiver amor ao seu país e à sua gente, podemos obter 50-50.

Esse grande lutador, pai da independência e defensor do seu povo que é o grande Robert Mugabe, mesmo quase asfixiado pela comunidade internacional ainda assim exige 51-49. É valente! Assim é que é. Digam vocês o que quiserem, mas é assim que eu entendo ser um patriota, defender com unhas e dentes os interesses do nosso povo e não vendê-lo como a maioria de nós o faz.

### **Nota n.º 33**

Chegou o grande dia, 21 de Abril de 2010. O dia em que entramos para a lista dos países com reservas consideráveis de petróleo. Eram 5 e tal da manhã quando, por acaso, ouvi a Rádio Dutchwella, Rádio da Alemanha em Português, que dizia que tinha sido descoberto petróleo nos quatro blocos da zona conjunta Nigéria – São Tomé e Príncipe, mesmo na fronteira.

Os nossos amigos nigerianos já o sabiam daí o alargamento acintoso da sua área em relação a nossa que passou a ser conjunta. Era de esperar de quem é.

Eu já vos tinha dito nas notas anteriores que toda a nossa zona económica era rica em petróleo. Até vos disse que me parecia que a Chevron afirmou que o petróleo encontrado no seu lote não era comerciável. Hoje como disse também a mesma rádio disse que essa companhia estava a quatro meses em negociações com a Total para a compra do referido lote. Aliás a Total explora na parte nigeriana 1 lote contíguo daí o seu interesse em explorar as duas partes.

Um amigo meu disse-me em Luanda que as grandes companhias mantinham em segredo as suas descobertas enganando deste modo os países possuidores destes lotes para que estes não elevassem o valor das licitações futuras.

Mas voltemos a nossa descoberta. Há petróleo na zona conjunta. O nosso Primeiro-ministro ouvido pela Dutchwella acerca da descoberta disse apenas ou quase apenas que era política do seu governo não basear a economia do país nas

receitas do petróleo, querendo provavelmente fazer crer que havia necessidade de recorrer a capitais estrangeiros provavelmente os 5 bilhões de que a tempo se falou.

Vejam vocês como é que pensam os outros países. Ontem mesmo à noite ouvi a Voz de América dizer que o Gana e o Uganda tinham descoberto petróleo e que os seus governos pretendiam utilizar esses recursos para o financiamento da economia.

Como vêm uns governos depositam o dinheiro das receitas petrolíferas em certos bancos estrangeiros seus amigos para proveito desses e dos bancos respectivos e outros querem contar com este dinheiro para o desenvolvimento do país, a melhoria do seu bem estar, da sua instrução, da sua saúde.

Agora se me permitem façam-vos a seguinte pergunta: Qual das duas formas de aplicação desse dinheiro melhor vos parece?

Numas das minhas notas recentes eu refiro-me expressamente à compra de obrigações das 3 Gs no valor de 50 milhões. Com a descoberta do petróleo esse dinheiro multiplicar-se-á vezes sem conta. Porque não aproveitá-lo em nosso benefício?

Não quero terminar esta nota sem me referir a um facto que eu achei vergonhoso e inadmissível. Encontro-me no país há três meses e tenho falado a inúmeras pessoas e nunca ouvi uma palavra contra o actual juiz do Tribunal de Contas. É pessoa minha conhecida de há muitos anos. A única pessoa que me deu provas de patriotismo e que ao meu ver enfrenta com destemor as investidas que contra ele são lançadas. Ouvi no outro dia com desgosto que uma Ordem ciosa da sua sapiência se lhe dirigia com menos respeito que ao meu ver lhe era devido, por uma insignificância. Até se propunha apresentar queixa à Assembleia Nacional. Primeiro fiquei indignado depois pus-me a rir. A Assembleia, vocês estão a brincar comigo!

Eu quero propor-vos um desafio. Vamos todos consolidar as instituições existentes.

Como disse acima e a rádio de São Tomé confirmou há petróleo em São Tomé e Príncipe. Agora não há dúvidas. É do vosso interesse, membros da Ordem e seus filhos e netos, e todo o povo em geral que a Comissão Fiscalizadora do Petróleo, organismo criado pela Assembleia Nacional para controlar toda a actividade petrolífera tenha força, tenha poder. Contribuamos pois, todos com os nossos recursos pecuniários e a nossa capacidade intelectual para que ela possa exercer condignamente o seu papel, para que a sua presidente não tenha que trabalhar na EMAE onde não recebe ninguém, se é que efectivamente é a pessoa que dirige a Comissão.

Antes de terminar quero-me referir a dois factos:

Na Nigéria a Comissão Fiscalizadora do Petróleo é um organismo muito poderoso e também muito respeitado. Na Nigéria ainda foi promulgada uma lei

sobre o petróleo que entre os seus artigos diz o seguinte: O Ministro das Finanças da Nigéria é responsável pela apresentação correcta das contas, sendo punido com a pena de três anos de prisão e 500 mil nairas no caso de alguma anomalia. Claro que sendo, suponho uma senhora Ministra das Finanças em São Tomé e Príncipe eu não quero de maneira nenhuma que ela possa vir a ser presa, longe de mim! Longe de mim! Coisas que até a Nigéria tem!!

### **Nota n.º 34**

Ocorreu-me passar em revista tudo que eu soube da evolução do mundo nestes últimos 70 anos. Tudo, porque, me enviaram um e-mail a criticar a minha apreciação do comportamento de Robert Mugabe. Não que eu dê algum valor, tal como disseram. É que me parece que neste mundo existem dois pesos e duas medidas. Os média foram criados para muitas vezes deturpar propositadamente a verdade. Quem como eu viveu os últimos 70 anos é que pode avaliar as mudanças que ocorreram neste período.

Lembra-me o entusiasmo dos anos 30 e princípios de 40, os espectadores dos cinemas vibravam com os massacres dos índios dos Estados Unidos no Far-Oeste. Quem não viu o incêndio e sacrifício dos negros nos bairros pobres às mãos dos KUKLUXKLAN, indivíduos americanos brancos que matavam famílias inteiras com a total indiferença das populações. Quem naqueles tempos não ouviu falar que chauffers de táxis em Lourenço Marques, deliberadamente atropelavam mortalmente os indivíduos negros e ficavam impunes? Quem como eu não viu e ouviu o tratamento que davam aos nossos irmãos de Moçambique e Angola nas roças de São Tomé e Príncipe!. Quem não ouviu falar naqueles tempos, nos linchamentos feitos nos EUA, na Rodésia, Africa do Sul e mesmo em Angola? Quem como eu em 1961 ouviu falar em atrocidades cometidas nas administrações públicas de Angola, para onde chamavam os pretos desprevenidos, que eram recebidos a balas pelas população branca? Quem não ouviu falar do massacre do Uíge? Quem não ouviu falar dos massacres de Argélia, Vietname, Coreia, e mesmo recentemente no Iraque?

Mas como disse isso tudo não é nada.

Há invasão no Iraque, e o morticínio que se lhe seguiu. Milhares e milhares de pessoas abatidas a sangue frio, com bombas incendiárias.

Tudo isso não é lamentável por se tratar de países não europeus. Quem não chora os três mil americanos mortos em Nova York? Porque os média promovem campanhas para o julgamento de pessoas que promoveram esses morticínios. Os judeus assassinados por Hitler foram vingados, os alemães julgados e condenados a morte. Mas os mesmos judeus bombardeiam os palestinianos causando inúmeras vítimas e ninguém se atreve á julgá-los. Bombardearam também as instalações da Síria e ninguém disse nada, esconderam este facto.

O meu primo Obama tem medo que se propaguem no mundo armas atómicas. Eu ouvi há dias na RFI, que Israel está disposto a bombardear as instalações atómicas do Irão, mas eu vos digo que isto vai custar caro.

Com a conferência de Bandung promovida em 1949 por N´Kruma, Nasser ambos de Africa, Chu-En-Lai, pela China de Mao Tsé Tung, Nerú da Índia e SuKarno da Indonésia, começou a viragem em Africa.

Em 1958, várias colónias inglesas ficaram independentes. Em 1960 foi a vez das colónias francesas. Só em 1975 com a derrota dos portugueses na Guiné-Bissau e Moçambique começou a descolonização portuguesa, aliás como disse há dias o coronel Vasco Lourenço desde Setembro de 1973 que a Guiné era um país independente reconhecido por 80 países estrangeiros. Portugal só confirmou a sua derrota em 1975 devido à Revolução dos Cravos de 1974.

Faltava libertar as restantes colónias no sul do continente africano, Rodésia, Africa do Sul e Namíbia.

Agora vejamos o que sucedeu em 4 países: São -Tomé e Príncipe, Rodésia do Sul, Africa do Sul e Angola.

Qual era a situação desses 4 países em 1980?

Como disse acima São -Tomé e Príncipe e Angola tornaram-se independentes em 1975. Africa do Sul que era quase independente passou a sê-lo entre 1975-1980. A Rodésia do Sul tornou-se independente em 1980. Fazemos uma análise comparativa destes quatros países, analisando a repartição da população em mais ricos e mais pobres e vendo a proporção da riqueza que caberia aos dois grupos. Suponhamos ainda que a população dos 4 países é toda negra.

Os factos ficam mais claros se nós utilizarmos um quadro peço-vos que o façam.

São Tomé e Príncipe tem uma população de 150 mil indivíduos, 5% da população possui 90% de toda a riqueza ou tem-na ao seu dispor. Em Angola 10% da população tem 90% ou tem-na ao seu dispor; em contrapartida 90% dispõe apenas de 10% de toda a riqueza. Vejamos o caso da Africa do Sul de Mandela. Depois da guerra de Angola com Africa do Sul, o ANC tomou conta do poder político. Podemos repartir a população com certa aproximação do seguinte modo: 5 milhões possuem todas as propriedades, todas as minas, toda a indústria, todo o comércio, todo o sistema bancário, todos os serviços e controla o exército. Os restantes 44 milhões não têm nada, vivem como trabalhadores dos primeiros. Vamos agora à Rodésia do Sul o actual Zimbabué. Aqui a população pode dividir-se do seguinte modo: 0,3% possuem todas as propriedades agrícolas, todo o comércio, toda a indústria, todo o sistema bancário. Os restantes 99,7% não possuem nada, vivem nas propriedades do primeiro grupo e são seus empregados.

Se confrontarmos esses valores quê que nós constatamos?

Há uma situação similar. Um número reduzido da população controla quase toda a riqueza. E a grande maioria vive pura e simplesmente na miséria, facto

com que eu não concordo. O país pertence a todos, todos temos os mesmos direitos. É a política que sempre defendi nas minhas notas.

Agora vejamos a realidade.

Em São Tomé e Príncipe a população é totalmente negra. Em Angola dos privilegiados.

50 mil são brancos, 200 mil são mestiços e 1.700.000 são negros. Que se passara na Rodésia que hoje é Zimbabué, e na Africa do Sul? Na Africa do Sul do meu primo Mandela os 5 milhões são todos brancos, eles possuem a totalidade das riquezas, possuem terras, minas, comércio, banca, a indústria e não querem partilhar com ninguém. Perguntem a Terri Blanche.

Há dias o meu primo Jacob Zuma lançou as mãos à cabeça. Assim estamos tramados. Mandou fazer alguns trabalhos para “o inglês ver” nos bairros e os tipos não o fizeram. Onde é que vamos parar?

Quanto ao meu primo Robert Mugabe esse, chegados a 1990, isto é, passados 10 anos sobre assinatura do acordo de Lacaster House em que a Grã-Bretanha se comprometia a comprar as terras na posse dos agricultores brancos para serem entregues a população negra, via que tinha sido ludibriado. Agora a Grã-Bretanha dizia que não tinha dinheiro para fazer este pagamento. Fora compromisso que a Grã - Bretanha tomara e não cumpria alegando que não tinha dinheiro para isso. É sempre a mesma coisa, vigarice, vigarice. Então o Robert Mugabe disse: eu vou nacionalizar as terras e não pago nada.

Então a Grã-Bretanha juntou-se aos EUA e outros países europeus para asfixiá-lo.

Você ou qualquer outro tem coragem de me dizer qualquer coisa?

### **Nota n.º 35**

Ontem dia 22 de Abril de 2010, alguns são-tomenses tomaram conhecimento através da rádio de São -Tomé que foi encontrado petróleo. Isso quer dizer que entramos na ***“era do petróleo”***.

Mas o que admira e espanta é o pouco relevo que as autoridades dão ao facto. Até parece que querem escondê-lo da população. Na véspera ouvi na rádio Dutchwella, a rádio alemã, passava pouco das 5 da manhã que noticiava o facto com grande relevo, tendo enviado o seu representante de Houston entrevistar o nosso Primeiro-ministro. Este quase indiferente ao que me pareceu minimizou o facto dizendo que não baseava a sua politica de desenvolvimento do país no petróleo. Pois que São -Tomé e Príncipe tinha outras possibilidades no campo do turismo, serviços, etc. Quase não falou no petróleo.

Numa entrevista dada no dia seguinte por um funcionário da Agência Nacional do Petróleo á RFI, pouco ou quase nada se falou sobre as consequências económicas da descoberta do petróleo na zona conjunta, e fez-se mesmo

referência à possibilidade de um consórcio São Tomé e Príncipe-Galp-Sonangol-Petrobrás.

A mesma pessoa disse logo que a Petrobrás tinha declinado o convite de participação.

Claro, claro, a Petrobrás tinha mais que fazer. Por quê juntar-se à empresas que não percebiam nada do assunto? É que salta aos olhos que foi uma manobra engendrada para sacar.

A Galp, toda gente sabe o que é. A Sonangol, Virgem-Maria! aquilo e um covil de ratos.

Ontem dia 22, a Voz da América no seu noticiário das 17-18:30 h, disse cobras e lagartos da Sonangol. Que o meu primo Manuel Vicente era proprietário de 1% do capital da Sonangol, por ser Presidente do Conselho de Administração, que o mesmo possuía uma fortuna fabulosa, biliões e biliões de dólares, falou de mais pessoas entre elas um ex -governador que tinha desviado biliões de dólares. É gente dessa que São Tomé e Príncipe quer para parceiros?

Mas precisamos nós São Tomé e Príncipe de parcerias? Portugal e Angola não dispõem de capacidade para isso. Podemos pagá-las aos brasileiros ou noruegueses, não precisamos de parcerias. Ela convém a certos governantes. Por quê, eu não sei, talvez vocês me possam explicar.

Outro assunto:

Quero fazer um balanço dos meus 104 dias cá em São Tomé e Príncipe.

Vi e ouvi coisas inacreditáveis. Disseram-me que um deputado licenciado em Direito só porque tivesse um diferendo com um ministro, encontrando-se com ele numa rua da cidade, não fez menos que isto, virou-lhe as costas, desapertou o cinto, desceu as calças desabotoou as cuecas e mostrou-lhe o rabo em plena cidade de São Tomé. É simplesmente inacreditável mas aconteceu.

No dia 20 de Janeiro, a rádio relatou uma sessão do parlamento, em que um deputado talvez receoso de ser preso, avisou os seus colegas publicamente de que se fosse preso, denunciaria todas as falcatruas que ele conhecia entre o seu partido e todos outros.

Um outro deputado, querendo mostrar a sua riqueza disse com desdém a um outro, seu colega, que aquela quantia a que se referia, para ele era uma insignificância, pois que tinha depositados no BISTP um milhão de Euros.

Num à parte vos digo que o homem não sabia o que falava, dispor um milhão de Euros com a sua idade era o mesmo que dizer que o tinha roubado.

Fiz inúmeros contactos, falei a numerosas pessoas e tudo deu em nada ou quase nada. Mas parece-me que tudo não foi em vão.

Vamos ver o que nos trará o futuro. Animado pelo exemplo do meu amigo Dr. Francisco Silva, vou prosseguir até aquele dia.

### Nota n.º 36

Hoje dia 28 de Abril, vou - me referir a diversos assuntos.

Começarei por me referir às homenagens que têm sido prestadas a Sra. D. Alda do Espírito Santo, até me apetece gritar, parem, parem, basta de cinismo e de hipocrisia.

Vocês estão convencidos que tem para ela algum valor o que estão a fazer?

Tive ocasião de ouvir alguém que esteve com ela pouco tempo antes de morrer.

Ela sabendo-se muito doente recusava-se obstinadamente a ser hospitalizada porque tinha medo de ficar ainda mais só.

Quando ela velhinha, doente, mais precisava do vosso carinho, ninguém a ajudou e só agora após a sua morte é que vêm com tantas manifestações desnecessárias.

Vocês lembram-me aqueles filhos degenerados que toda vida não olharam pelos seus pais e só após a sua morte é que fazem missas solenes e até banquetes para mostrar a sua amizade. Não exagerem por favor.

Eu gostaria que os nossos dirigentes todos sem excepção escutassem a Voz da América. Assim poupavam-me o trabalho imenso que eu tenho tido para convencer os nossos intelectuais de que num país democrático o povo é soberano. É o povo que manda. É ao povo que cabe á escolha daqueles que devem executar a proposta do governo que melhor lhes convém.

Evidentemente num país em que **banho** não seja coisa normal como é em São Tome e Príncipe, mas um país onde o banho é condenável, onde quem quer que o pratique, como quem o executa são condenados a penas severas, Oito anos de prisão e cinco anos de interdição. Um crime tão grave que não prescreve como os outros, o tempo de prescrição é mais largo. Tal a sua gravidade.

Ouvi no outro dia dizer, que 4 propostas de lei para terminar com o **“banho”** foram submetidas aos governantes e nada, ficaram na gaveta, é uma vergonha, é uma vergonha.

E vêm-me com todo desplante dizer que as eleições se fazem correctamente! Eu estou bem a ver a cara de espanto que os chefes dos nossos partidos fariam se alguém lhes propusesse que não dessem banho à população. Até um deles me disse com todo desplante que a população pela sua ignorância se predisponha a isso.

Ainda da Voz da América referindo-se às eleições que terão lugar em São Tomé e Príncipe, falava de gastos de milhões de dólares e outros tantos de milhões euros que os partidos de São Tomé e Príncipe irão gastar para o aliciamento dos votantes.

Uma rádio daquelas que eu ouço normalmente disse o seguinte: Que o governo de São Tomé e Príncipe tinha solicitado ao governo Japonês que lhe desse em dinheiro 12 milhões de dólares para o financiamento das eleições legislativas, dinheiro que deveria ser retirado das dádivas anuais dadas pelo Japão. E o nosso Primeiro-ministro ignora o facto pois que ele diz sempre a toda hora que o orçamento não contempla essa verba pois que o pouco dinheiro que há é para os partidos com assento parlamentar.

Eu que não quero ser indiscreto não lhe pergunto para onde é que vão os 12 milhões referidos atrás.

Como dizia atrás quem manda no país é o povo. Repito quem manda no país é o povo. Pois cabe-lhe a ele escolher os melhores para a governação do país.

Isto quer dizer, coisa que os nossos intelectuais infelizmente não compreendem que até os surpreende que os órgãos governamentais: a Presidência, Assembleia, o Governo são os nossos mandatários, somos nós que os pomos e os tiramos, eles não podem fazer o que entendem e sobretudo quando são acções que nos prejudiquem.

Eu compreendo a dificuldade do entendimento das pessoas, elas não querem perder as possíveis possibilidades que possam surgir e perder assim alguns cobres, jogam todas pelo seguro.

Na mesma rádio ouvi algo de que eu estava certo. O meu primo Obama não manda nada, ele só faz aquilo que os patrões querem que ele faça. Ele dificilmente conseguiu aprovação da nova lei de assistência médica, que os republicanos dizem que vão anular na primeira oportunidade, ele dificilmente conseguirá, se é que vai conseguir, a nova lei das finanças americanas e para ansiedade nossa quiseram matá-lo a pouco tempo. Eu desde há dois anos para cá que todos dias pergunto ansioso a cada manhã se ele ainda está vivo!

Eu sou fatalista, morreremos quando tivermos de morrer. Podem crer que eu daria tudo para que ele concluísse o seu mandato, será o que Deus quiser.

Eu tenho pensado muito em alternativas às minhas ideias sobre a escolha de um parceiro para a exploração do nosso petróleo. Hoje em dia a Índia é um país promissor. A Índia conseguiu superar todas as dificuldades e vai ser um dos 3 grandes países emergentes. Porque não negociar uma parceria com a Índia?

Eles fariam todo o financiamento pois que dispõem de recursos financeiros suficientes, dispõem de tecnologia e necessitam absolutamente de petróleo, pois que a sua produção é insuficiente. E segundo eu me apercebi até parece que eles estão interessados. De certeza que teríamos mais vantagens que o famigerado consórcio imaginado pelos nossos governantes.

Porquê que nós não procuramos forçar essa parceria se nos é favorável e nós é que mandamos?

O meu primo Lula da Silva é formidável. Quantos Lulas da Silva o mundo subdesenvolvido precisaria?

Lembrou-me do referido sobre a conferência do BRIC no Brasil. Referi-me ao encontro ao mais alto nível do Brasil, Rússia, Índia e China para concerto sobre as reformas das grandes instituições internacionais, do Fundo Monetário, Banco Mundial, etc. etc.

O Brasil ainda tomou a iniciativa de um encontro entre Brasil, Índia e a África do Sul, para concertarem em trabalhar em conjunto em vários campos no sul de África.

Eu fiquei com a impressão de que há um concerto entre o governo de São Tomé e Príncipe e as embaixadas para impedir que se possam estabelecer contactos entre a sociedade civil são-tomense e a desses países. É que me pedem sempre que faça os pedidos através do Ministério dos Negócios Estrangeiro, eu não vejo a razão dessa necessidade. Ou estaremos num estado policial que eu não saiba?

### **Nota n.º 37**

Hoje 3 de Maio é dia de liberdade de imprensa.

Todo o cidadão de um país tem o direito analienável de saber tudo que diga respeito ao seu país. Ele deve ser informado de tudo livremente. Daí que não deva ser nomeado para o lugar de Administrador Executivo do Gabinete do Registo de Informação Pública, um estrangeiro, um tipo que não saiba falar português e que entenda que a língua falada em São Tomé e Príncipe é o inglês. Um outro dia, isto é, nos dias 17-19 de Fevereiro último houve um Seminário de Intercâmbio promovido pela Comité são-tomense “International Alert” sobre a Transparência na Gestão de Recursos Petrolíferos, a que assiste apenas nos dias 18 e 19.

Tive a ocasião de pedir umas informações sobre alguns pontos. Fui informado na altura pelo representante do GRIP que deveria solicitar esses esclarecimentos por escrito. Passados mais de um mês fiz a carta que se segue:

**Excelentíssimo Senhor Administrador  
do Gabinete de Registo e Informação Pública**

**S. Tomé**

Cheguei a pouco tempo de Luanda e tive oportunidade de participar no Seminário de Intercâmbio sobre Transparência na Gestão de Recursos Petrolíferos realizado de 17-19 de Fevereiro último.

Pedi alguns esclarecimentos e relativamente à atribuição de 30.000 barris de petróleo diários à São Tomé e Príncipe, fui informado pelo representante do GRIP de que deveria solicitar por escrito tais informações o que venho fazer hoje.

Agradeço pois, que o GRIP me informe sobre os seguintes assuntos:

1º- O teor do contrato entre São Tomé e Príncipe e a empresa ERHC.

2º- Em que consiste a dívida de 30.000 barris oferecidos pela Nigéria a São Tomé e Príncipe, de que resulta para o país 1.000.000 de dólares por ano, quando o preço de petróleo está neste momento a 85 dólares o barril, visto que se nós multiplicarmos  $30.000 \times 365 \times 85$  obteríamos 930.750.000 de dólares. Ora não acredito que as despesas de comercialização sejam tão elevadas.

3º- Gostaria de conhecer os nomes dos dirigentes da Agência Nacional do Petróleo, dos dirigentes da Comissão Fiscalizadora de Petróleo e dos membros da Comissão de Gestão do Petróleo.

4º- Ficaria igualmente grato de saber que relatórios foram recentemente elaborados pela Agência Nacional do Petróleo, pela Comissão Fiscalizadora de Petróleo e pelo GRIP.

5º- Queria saber o nome do Banco onde se depositam os fundos permanentes do petróleo e se fazem as operações bancárias relativas aos mesmos fundos.

Agradeço o obséquio de me serem fornecidas outras informações complementares se Vossa Excelência assim o entender.

Peço que me desculpe o incómodo e apresento-lhe os meus melhores cumprimentos.

De Vossa Excelência

São Tomé, 13 de Abril de 2010.

Teotónio Torres  
Economista

Parece-me que a carta é suficientemente clara para alguém que saiba português que é, a nossa língua oficial.

Qual não foi o meu espanto quando passados 15 ou mais dias, mando alguém saber da resposta e me mandam o seguinte recado verbal com um contrato da ERHC em inglês. A pessoa que me transmitiu o recado disse-me o seguinte; que lhe disseram para me transmitir que me enviavam o contrato em inglês e que se tivesse dúvidas que pedisse explicações.

Quanto aos outros pontos referidos na carta acima iam pedir informações a Agência Nacional do Petróleo. É espantoso com um homem licenciado como dizem ouse mandar-me uma resposta dessas.

E o senhor Primeiro-ministro a dizer todos os dias que há uma Lei-quadro de petróleo das mais progressistas do mundo. De que serve a lei se põem pessoas incapazes de a fazer cumprir? Continuo a aguardar resposta da carta a que me referi acima. Voltarei.

### **Nota n.º 38**

Tenho-me cansado a explicar aos nossos intelectuais o que é democracia. Hoje dia 3 de Maio vou utilizar o dicionário.

Democracia segundo o dicionário Universal de Língua Portuguesa é: sistema político fundamentado no princípio de que a autoridade emana do povo (conjunto de cidadãos) e é exercida por ele ao investir o poder soberano através de eleições periódicas livres, e no princípio da distribuição equitativa do poder; país em que existe um governo democrático; governo da maioria; sociedade que garante a liberdade de associação e de expressão e na qual não existam distinções ou privilégios de classe hereditários ou arbitrários.

Contrariamente à Democracia o sistema de ditadura como nós todos conhecemos nos primeiros 15 anos de independência, em que um homem se arrogava o direito de mandar em todo o país como se fosse propriedade sua secundado pelos seus sequazes. Eram outros tempos que alguns saudosistas querem manter a viva força. Eu não aceito que os nossos governantes se convençam de que a coisa perdura e continuam a fazer o que eles quiserem. Eles são os nossos mandatários. É o povo que manda. É o povo que escolhe as pessoas que em seu nome vão governar o país.

Claro que os partidos todos querem que continue o **banho**, querem que através da compra de votos possam vir a exercer o poder.

Onde é que eles vão buscar o dinheiro?

A Voz da América disse há dias que as eleições em São Tomé e Príncipe vão custar milhões de dólares e milhões de euros. A RFI por sua vez disse que o governo, repito, o governo pediu ao Japão que por conta da dívida anual que disponibilize 12 milhões de dólares para o financiamento das eleições.

Vocês acham que as pessoas que dão esse dinheiro não recebem nada em troca? Recebem 10, 20, 30, e 40 vezes mais. Assim é que há convites à GALP, à Sonangol, convites às outras empresas para vir a São Tomé e Príncipe. Tudo se passa debaixo da mesa, o povo não sabe, é assim que o país é vendido.

Até me rio, essa gente até faz pacto regional: constrói lavandarias, faz estradas, faz o diabo, promessas que sabem que não vão cumprir. Ora meus caros isto tudo é corrupção punível por lei, nos países em que exista uma verdadeira democracia, onde este crime é punido severamente.

São oito anos de prisão tanto para o banhista como o banhado, como disse na minha nota anterior. Em São Tomé e Príncipe esta lei é absolutamente necessária, vamos procurar promulgá-la na próxima legislatura.

Disseram-me que ela foi proposta 4 vezes, e das 4 vezes foi guardada na gaveta, claro não convem a ninguém.

Oiço dizer que vão concorrer às próximas eleições 12 partidos políticos, mais um que está sendo constituído. Por vezes me lembra os meus tempos de menino em que me foi dado a conhecer uma planta chamada "mussandá". Eu por vezes julgo que muitas pessoas em São Tomé e Príncipe são comparáveis ao "mussanda" vigaristas, exploradores e parasitas. Como seria bom que os partidos se expurgassem dessa gente.

Os novos serão os melhores? Não creio, nem têm capacidade para governar. A busca de ganhos ilícitos leva cada grupo a constituir o seu partido; pois eles sabem que não têm capacidade para governar. Se os mais antigos não a têm! Porque é que cada partido, sobretudo os grandes não fazem o seu programa de governo? Expurguem-se os parasitas e todos ou cada um, apresente o seu programa de governo, de modo que aprovado pelo povo, este em coligação com os outros se necessário formem um governo de unidade nacional estável, digno e merecedor do respeito de todos pela sua honestidade. Nenhum partido por si tem gente capaz em quantidade suficiente para governar São Tomé e Príncipe. Um governo de união nacional estável é o que o país necessita, para aproveitar as possibilidades que se lhe abrem.

Daqui a um ano elejamos um presidente neutro.

Ao terminar esta nota quero pedir a todos os são-tomenses que aproveitam esta oportunidade para ver como gostariam de ver São tomé e Príncipe nos próximos anos. Voltarei

### **Nota n.º 39**

A minha incapacidade visual não me permite fazer um estudo detalhado e comparativo da evolução do mundo nos últimos 60 anos. Mesmo assim gostaria de deixar aqui o que me parece ter acontecido nos últimos 60 anos.

Como evoluíram os países ocidentais, os do dito mundo livre e ainda os países que saíram da descolonização ou quase descolonização? Refiro-me especialmente aos Estados Unidos, à Europa em geral, excluindo a Rússia, a China, a Índia, o Brasil, a Nigéria e a África do Sul.

Como evoluíram então estes países?

Começamos pelos Estados Unidos. Este país saído mais fortalecido da segunda guerra mundial, era o dono do mundo. Destronara a Grã-Bretanha.

Os Estados Unidos emergiram como o policia mor, ditava as suas leis. O sistema político era bi-partidário e pouco se diferenciavam. Os super ricos mandavam nos demais. Os pobres eram cada vez mais pobre.

Praticavam ao que dizem o liberalismo, liberalismo selvagem que cria diferenças inadmissíveis entre os homens. Os homens eram todos iguais mas verdadeiramente os não brancos eram menos iguais.

Estes de uma maneira geral eram explorados. Até hoje encontram-se facilmente bairros degradados nas grandes cidades, tal como ainda hoje se encontra nos bairros pobres africanos. Os Estados Unidos armaram-se até aos dentes para impor as suas leis, a do mais forte. Exploraram escandalosamente todo o mundo sempre que foi possível, mataram pelo mundo fora milhões de indivíduos impunemente.

Só cumpriam a lei quando esta era ao seu favor. Esta situação apenas foi modificada ligeiramente hoje. Fala-se em criar armas das mais potentes. Vão construir um foguetão capaz de transportar naves para além de Marte. Fala-se hoje em gastos superiores a três triliões de dólares. Que loucura! Os homens estão todos loucos. Com esse dinheiro podia-se beneficiar todo mundo e há gente com fome nos Estados Unidos! A Europa perdeu gradualmente a sua importância, perdeu o império colonial e hoje procura sobreviver através a União Europeia, como pode.

A China depois de expulsar os japoneses e após uma guerra civil sangrenta sob o comando de Mao Tsé Tung conseguiu implantar o comunismo em toda a China salvo na Formosa actual Taiwan.

Foi uma actuação feroz para implantar o comunismo. Mataram milhões e milhões de pessoas. O partido comunista praticou actos bárbaros. Assassinatos em massa. Não nos esqueçamos de Tian-men, tão violentamente reprimida e a todo momento recordada pelos os ocidentais.

Hoje surge uma China nova, não digo respeitada mas sim temida por todo o mundo, pelos Estados Unidos, por todos os países Europeus, com um poderio militar, industrial e financeiro capaz de a transformar no primeiro país do mundo nos próximos 20 anos.

Como se comportará essa nova China no futuro? Como é que ela vai condicionar a vida da Humanidade no futuro? Ninguém sabe. É certo que a “Fortune” disse que a China possui 147 bilionários. Que será deles nos próximos 20 anos. Ninguém sabe.

Temos agora á Índia. Essa Índia desdenhada por todos, essa Índia caótica, essa India de Neru e Ghandi que no meio dos seus imensos problemas de casta foi emergindo a pouco e pouco e nos surge com os seus 1 bilhão e 200 milhões de individuos a procura de um lugar ao sol.

Quem diria, quem diria, uma India ou melhor União Indiana que todos supunham adiada e sem perspectivas nos surge hoje como exemplo de

democracia capaz de gerar uma nação viável no nosso século XXI´ cuja voz deve ser ouvida por todos.

Temos hoje um Brasil novo. País que a pouco e pouco foi construindo com as suas diversas raças um país novo, coeso e com futuro promissor. Só a nossa África continua ainda explorada e espoliada dos seus bens.

No norte, países fracos; a Líbia país pouco populoso que não sabe o que fazer do seu dinheiro. Os países da zona sub-sariana neo -colonizados e ruídos pela corrupção dos seus governantes.

A Nigéria é um exemplo disso. Com uma população considerada, onde uma classe alta dominada pelos militares estrangula o resto absorvendo quase inteiramente toda a riqueza. A Nigéria é um país adiado.

Que falar do Congo democrático o antigo Zaire? Porquê que o Congo não forma estados que após negociação constituam novas nações, 2, 3, federadas ou não. O Congo é um país riquíssimo transformado em cobaia para o escárnio da África. A Europa mais concretamente a Bélgica faz dele uma coisa sem ter em conta a vida das pessoas. Mataram o Lumumba, utilizaram o Thombé e criaram o fantoche do Mobutu. Uma atitude repugnante.

Temos finalmente a África do Sul. Vejo este país mergulhado numa luta sem tréguas pela divisão da riqueza nos próximos 20 anos. Pode ser que a Africa do Sul venha a constituir 2 países se conseguirem chegar á isso.

Eu nas minhas divagações procuro ver qual o sistema mais conveniente para os homens. Será o do liberalismo selvagem? Ou o do comunismo atroz? Confesso-vos que não sei qual dos dois escolher.

#### **Nota n.º 40**

Esta nota é especial. Através dela desafio os 149.999 são-tomenses, isto é sou o único são-tomense excluído pois que ela é dirigida a todos os são-tomenes em todo o mundo.

Quero começar por me desculpar, por me ter excedido na sexta-feira última dia 7 de Maio ao falar a um pequeno número de comerciantes.

É que estava irritado por mais uma vez verificar que os são-tomenses não se interessam por coisas que lhes dizem respeito e que são a seu favor.

Depois de ouvir a gravação da minha intevenção confesso-vos que me excedi.

Lembra-me os meus tempos de menino quando a minha mãe farta de nos querer acordar resolve o problema a chibatada. Meu Deus! Essa gente não vê que eu só quero o seu bem!

Confesso-vos que tenho medo de morrer sem poder ter sido útil.

Deixemo-nos de sentimentalismo e vamos ao trabalho.

O meu desafio consiste na seguinte pergunta: ***Devemos ou não constituir uma empresa de seguros capaz de assegurar 40% dos 4 lotes da zona conjunta Nigéria- São Tomé e Príncipe e ainda os 12 lotes postos agora à concurso?***

Se a resposta for afirmativa, porquê? Se a resposta for negativa, também porquê?

O comentário deve ter pelos menos 20 linhas.

Em síntese o problema é este: Um grupo de são-tomenses me procurou para me perguntar o que eu achava sobre a criação de uma empresa de seguros em que alguns ou todos os são-tomenes tivessem uma participação de 80%. Quando me refiro a são-tomenses, refiro-me àqueles que ás 0 horas de 12 de Julho de 1975 foram considerados são-tomenes, isto é, os pretos, os brancos, os vermelhos, os azuis, toda a gente que vivia em São Tomé e Príncipe naquele momento. Isto quer dizer que ainda restam 20% para os portugueses, ingleses, franceses, nigerianos, togolezes, e outros, etc, etc.

O grosso do capital tende a pertencer para mim aos são-tomenses como acontece em todos os países desenvolvidos do mundo.

Caberá aos cocorrentes saber qual o valor dos bens a segurar.

Qual o valor do prémio a cobrar?

Qual o montante das receitas?

Haverá necessidade de resseguro?

Que outras despesas se farão?

Qual o resultado esperado?

Qual o benefício para o país?

Querendo eu com isso saber qual a justificação e que esta seja feita em 20 linhas pelo menos.

Fica ao critério do concorrente qualquer outra observação.

Mas antes de terminar e porque me dizem que os são-tomenes só vão as reuniões quando podem tirar qualquer proveito, entendi estabelecer um modesto prémio a altura das minhas posses. O prémio consistirá em dois valores.

Um para mim de valor incalculável que é o livro de Francisco da Silva, que para mim não tem preço e outra parte que é de ***1000 dólares americanos***.

Mas se querem que vos diga o prémio em si não é o mais importante. O mais importante é que a pessoa que responder acertadamente merecerá uma honra especial por ter sido aquele são-tomense que será por mim considerado, aquele que tem a melhor visão dos interesses de São Tomé e Príncipe e portanto dos são-tomenses.

O concurso decorrerá até 15 de Junho. Um júri cuja composição neste momento desconheço, apresentará o resultado do concurso no dia 11 de Julho, véspera de do dia da independência de São Tomé e Príncipe, às 11 horas no IUCAI.

É tudo por hoje.

### **Nota n.º 41**

Vou dedicar especial atenção ao decorrer da campanha eleitoral.

Eu sei que aqui em São Tomé e Príncipe pouca atenção se dá ao que eu possa dizer. Ao menos os que estão lá fora e recebem as notícias de São Tomé e Príncipe podem saber como vai este país. A corrupção é endémica. Até certo ponto eu compreendo os chefes dos partidos de São Tomé e Príncipe.

Até estou a ver a cara de estranheza deles se lhes dissesse que não banhassem os votantes.

Olhar-me-iam com uma cara de estranheza querendo dizer, você acha que eu sou tolo?

Perguntar-me-iam você é capaz de me dizer qual é o partido em São Tomé e Príncipe que não banha os seus prováveis votantes?

Seria uma loucura da minha parte, seria um suicídio, não o fazer.

Que acha você sobre um protocolo assinado entre um partido e a população do Príncipe?

Que acha você da promessa de um partido do fornecimento futuro de 2000 embarcações de fibra de vidro?

Que acha você das milhentas promessas que se fazem agora, das casas de diversão que os partidos criam para as populações se divertirem, tudo isso é corrupção.

Mas quem poderá deixar de fazê-lo? É a única maneira que temos para convencer a população, pois que ela não acredita nas promessas, nos nossos programas de governação aliás que não existem.

Mesmo nas coligações que por ventura haja a traição ninguém confia em ninguém, salve-se quem puder.

Eu concordo, disse eu! Mas não vejo outra maneira de sair dessa situação. As eleições devem ser o menos viciadas possível.

Porquê que os chefes de todos os partidos não se reúnem e fazem um pacto estabelecendo que todos os partidos entrarão, de acordo com a sua capacidade, num governo de ***União Nacional*** estável capaz de gerir o estado durante os próximos 4 à 8 anos.

É que eu acho que dos 300 a 500 ministros que tivemos nos últimos 35 anos poucos se podem escolher, verdadeiramente capazes; a prova está no facto que pouco ou nada evoluímos nestes anos todos.

Para não ferir susceptibilidades converia que o Primeiro-ministro fosse uma pessoa capaz e apartidario, haveria um programa de governo capaz de delinear um plano geral de desenvolvimento do país de curto, medio e longo prazo.

Um dos pontos que ao meu ver, é essencial é a formação de dirigentes, empresarios, e de toda a sorte de técnicos qualificados.

Os dinheiros que ja existem depositados nos EUA e Nigeria deviam ser transferidos para São Tomé e depositados num banco são-tomenses. Destes dinheiros sairiam imediatamente os 3 milhões e 6 milhões de euros em que fomos multados em processos internacionais por inépcia dos nossos dirigentes.

Porque não procurar aproveitar, repito o que disse nas notas anteriores, as possibilidades de financiamento dos EUA, União Europeia e da FAO?

Porque não recorrer a técnicos estrangeiros capazes, excluam-se as escolhas por afinidades ou outras razões. Façam-se as leis necessárias para desencorajar a corrupção.

Numa das minhas notas refiro-me a formação de 4 a 5 mil técnicos e digo a maneira como o país poderá fazê-lo sem de imediato despende qualquer soma, porque não melhorar as sugestões e aplicá-las?

Falo nas minhas notas na possibilidade de constituir empresas, porque não levar o sector privado a fazê-lo?

Falo na aplicação da legislação existente no sector petrolífero. Falo nelas e na necessidade de saneamento dos dirigentes desses órgãos fazendo com que os novos dirigentes sejam pessoas capazes e não indicadas simplesmente pelos partidos.

Lembra-me do partido da velha senhora nos nossos primeiros tempos de independência em que os deputados iletrados eram nomeados por laços de parentesco e aquele célebre caso, que de lenhador passou a dirigir uma das maiores empresas do país, coisas de loucos e desvairados desses tempos.

Claro, o país não podia aguentar tantas coisas más e é hoje o que é.

São coisas de velho, que alguns dizem que são da sabedoria, que só o tempo ensina.

Voltarei

## Nota n.º 42

Divagações.

Hoje vou deixar correr os meus pensamentos sobre vários assuntos. Estamos na era do petróleo quer o queiramos quer não. Que fazer?

A mim me parece que os chefes de todos os partidos nos seus programas de governo para a nova legislatura deviam traçar o que eles encarariam para os próximos anos de governação.

Mas não creio que o façam, pois me parece que vão para o governo para fazer o que lhe vem à cabeça, não importando a inconveniência disso pois têm outros interesses.

Faz-nos falta um líder, um chefe, um homem destemido e audaz. Onde ir buscá-lo? Eu conheço muitos gargantolas, fala barratos, mas nós precisamos de um homem destemido que tenha um ideal, um homem que não se vergue. Coisa rara. Como é difícil encontrá-lo. Seria o nosso salvador.

Onde encontrar esse homem raro que põe acima os seus interesses pessoais o bem do povo que ele ama. Já estou desenganado.

Há milhentos fundos por este mundo fora e não os aproveitamos. A União Europeia vai disponibilizar para o período 2010-2015, 9.900.000.000 Euros para os financiamentos das suas operações em África.

É certo que eu não acredito que eles venham a fazê-lo na totalidade. Indicam como intermediários a França para as suas antigas colónias e Portugal também para as suas.

Alguém me disse uma vez que isto era para que esses dois países pudessem tirar o maior proveito desses fundos.

Será que Portugal tem capacidade para ajudar qualquer país a desenvolver-se?  
Será que Portugal será um país desenvolvido?

Eu tenho as minhas dúvidas. O tempo o dirá.

Vocês já ouviram falar sobre a crise grega?

Já viram as dificuldades por que a Grécia passou para superar essas dificuldades?

Será que o fundo criados pela União Europeia de um trilhão de dólares vai resolver o problema?

Há, como disse muitos outros fundos que não aproveitamos porque nós nunca conseguimos preencher as condições estipuladas, nesses últimos 35 anos formaram-se em São Tomé e Príncipe dezena e meia de governos que não tiraram proveito nenhum desses fundos.

Peguem nas vossas esferográficas e vejam o seguinte: Um matreiro pôs-me o seguinte problema: O nosso Primeiro-ministro tem falado sempre nos comícios sobre o financiamento dos 5 bilhões de dólares para financiar serviços que permitiriam empregar milhares de são-tomenses.

Mas será esta a melhor opção? Creio que não.

Se não vejamos:

Hoje não restam dúvidas de que há petróleo. Encontramos petróleo nos 4 blocos da zona conjunta.

Os nossos vizinhos do Golfo exploram todos, o petróleo e é quase certo que na nossa zona económica exclusiva também exista petróleo. O nosso Primeiro-ministro estava ele próprio a fazer a divulgação do facto nos Estados Unidos. Assim se nós considerarmos o pessoal necessário aos 4 lotes em que temos 40% e ainda os 12 lotes postos à licitação a pouco tempo teremos necessidade de ter disponível cerca de 3.000 técnicos superiores. Aqui não importa o rigor das contas e valores. Há aqui apenas a inconveniência de realizar tais investimentos.

Admitindo-se que sejam 13,5 blocos e que cada um necessite de 200 técnicos teremos grosso modo arredondando 3.000 técnicos.

Suponhamos que pretendemos formar essa gente para que no primeiro dia do arranque da exploração do petróleo eles estejam disponíveis; e considerando que se lhes atribua uma bolsa 2.000 dólares o que é exagerado pois que ao nosso ver bastaria metade deste valor, teríamos um valor de 6.000.000 de dólares mensais que multiplicados por 60 meses dariam 360.000.000 dólares. Eu quero dizer com isso que para a formação de 3.000 técnicos para as nossas necessidades na exploração do petróleo gastaríamos apenas esse valor que poderia ser reduzido a metade.

Agora vejamos qual seria o dispêndio do governo pois que teria de pagar esse valor se nós recorrêssemos a mão-de-obra qualificada estrangeira. Sabe-se que em Angola o ordenado oscila entre 75 – 90 mil dólares mensais.

Admitamos só 80 mil que multiplicados por 3.000 prefazem 240 milhões mensais.

Se nós multiplicássemos esse valor por 12 meses teríamos a bonita soma de 2.880.000.000 dólares. Se esse valor for pago a trabalhadores estrangeiros ele sairá na sua maior parte de São Tomé e Príncipe, esse valor será pago às empresas que explorarem o nosso petróleo, portanto sairá do país. Ao passo que não sendo concebível pagar em média um ordenado desses em parte nenhuma a um nacional teremos que grande parte deste dinheiro ficará nas mãos do estado ou seja no país.

Eu quero dizer com isso que teremos dinheiro suficiente para fazer um financiamento de 5 biliões nos próximos 7 ou 8 anos com a vantagem de tudo ficar nas mãos dos são-tomenses.

Eu gostaria agora que os nossos amigos formados em França ou em qualquer outro país me viessem dizer o contrário.

Voltarei

### **Nota n.º 43**

Esta nota é muito especial. Nela me dirijo directamente em carta aberta ao actual Presidente dos Estados Unidos, meu caro amigo e primo Barack Hussein Obama.

Confesso-lhe meu caro amigo que fiquei decepcionado consigo e por mais que faça não consigo engolir a sua declaração em Acra capital do Gana, o único país africano que visitou oficialmente pois sei que estive no Quénia terra do seu pai.

Pelo que ouvi do noticiário, o meu amigo declarou que não visitava os outros países de África porque África tinham governo corruptos.

Eu estou convencido de que no mundo todo, poucos ou nenhuns mesmo não lhe desejam a si e sua família o melhor que mundo pode dar; mas também sou daqueles que não aceita qualquer justificação sobretudo quando ela não se baseia em dados verdadeiros.

Li com sofreguidão, ou melhor leram-me pois que sou quase completamente cego, as vossas biografias, sua e a da sua mulher e fiquei encantado com o vosso trabalho no Ilinoy e o esforço que fizeram para alcançar a vossa posição actual.

O vosso triunfo regozijou-me tanto como se fosse o dos meus filhos. Aliás toda a África sentiu-se orgulhosa de vós e deseja que exerçam o vosso mandato de modo que nos possamos orgulhar.

Mas eu não aceito, digo-lhe isso sinceramente meu caro que um homem professor de Direito casado com uma professora de Direito me venha dizer que os governantes africanos são corruptos e daí que não visite os países africanos excepto Gana.

Fiquei chocado pois vejo que o meu admirado Obama usa a linguagem referida pelo professor senegalês que escreveu um livro saído há dias das bancas de Paris que tinha como titulo mais ou menos o seguinte: “A justiça branca tem duas faces conforme a conveniência”.

Há dias numa conferência proferida em São Tomé e Príncipe por dois eminentes juristas, estes diziam que havia uma corrupção activa e outra passiva. E que ambas eram condenáveis e pela Legislação de República de Cabo-verde eram passíveis de 8 anos de prisão e que a prescrição destes crimes era de 15 anos.

Veja o meu amigo o que aconteceria se houvesse uma lei internacional que punisse os corruptores. Uma lei que tivesse em conta não a cor da pele nem fosse dúbia e que punisse exemplarmente todos os corruptores.

Quantos milhares de americanos seriam presos como corruptores?

Alguma vez já lhe passou isso pela cabeça? O senhor está convencido que esse flagelo tem solução? Alguma vez as grandes empresas americanas, franceses, alemãs, mesmo os portugueses deixarão de utilizar estes meios dando migalhas em troca de biliões?

Meu caro isto nunca vai acabar.

Por ventura não seria melhor que o Senhor em vez de fazer acusações de que são culpados os pobres governantes nossos, muitas vezes analfabetos, guindados por um bambúrio da sorte a governantes ávidos de tudo que é bom, que vêm nas televisões e cinemas todos os dias e que por isso são facilmente aliciáveis; seria bom que condenasse também os corruptores infames, isso sim, que utilizam este meio para saquiar as riquezas dos países mais pobres.

Meu caro amigo será que nunca ouviu falar do que Kissinger afirmou em Harvard, vou repetir-lhe: Ele disse que todos os meios serviriam para espoliar os países mais pobres. A corrupção, o fingimento, a hipocrisia e mesmo a guerra, eram méis de que os países ricos deveriam servir-se, como por exemplo foi o caso do Iraque, em que não existia nenhum perigo de construção de bombas atómicas, pretexto de que se serviram para invadir o país para matar milhares e milhares de pessoas só porque ali havia petróleo. E tudo ficou impune. O meu amigo pensou alguma vez em ajudar a punir este facto?

Todos nós esperamos em África que nos possibilite ou melhor convença os afro-americanos todos a aproveitar esta oportunidade única para promover o seu máximo desenvolvimento colaborando com a sociedade civil africana.

Ocorreu-me uma ideia. Porquê que os afro-americanos dos 52 estados americanos não se propõem a apadrinhar cada um dos 53 estados africanos, cabendo dois à Califórnia que é o estado mais rico. Garanto-lhe que ficaria na história do mundo como o promotor da ascensão da Africa ao lugar a que tem direito no mundo. É o que esperamos de si.

Aproveito a oportunidade para apresentar os meus respetos a Dra. Michael Obama e peço que lhe diga que em homenagem ao casal decidimos criar em São Tomé e Príncipe uma Académia para o ensino do inglês, francês, espanhol, e as línguas nativas do país para perpetuar este facto.

Bem hajam.

## Nota n.º 44

Portugal e eu.

Muita gente estranhará que eu me refira sempre a Portugal em termos não elogiosos. Até haverá quem atribua a isso um ódio a aquele país.

Eu confesso-vos que não me parece. Será a máguia dos colonizados que me leva a isso? Também creio que não.

A mim me parece que é o propósito de não ser fingido, hipócrita, porque não tenho terceiras intenções ou qualquer outra.

Muitos fazem-no a procura de oportunidades para tirar benefícios. Eu não preciso disso, não pretendo nada dos portugueses nem de qualquer outros americanos, franceses, ingleses, não quero nada de ninguém daí que fale com sinceridade de todos os países.

Numa notas anteriores eu contei que 1988 eu ouvi da BBC um comentário de que nunca mais me esquecerei. O de que Portugal não tinha capacidade para se desenvolver. Com a guerra colonial, Portugal exauriu a pouca capacidade que tinha para se desenvolver.

Haverá da minha parte ódio aos portugueses? Creio que não.

Tive alguns jovens amigos, digo mesmo sinceramente amigos portugueses. O Carlos Alberto Horta hoje provavelmente um grande senhor; O Gil Fernandes o filho daquele comerciante de Alvalade que me convidou, a mim e ao meu irmão para uma festa de carnaval em 1955 em casa do Travassos de Sporting, que não gostou muito da ideia. O Carlos Alberto, o jovem que me levou pela primeira vez ao teatro São Luis de Lisboa.

O meu grande amigo Jorge Rodrigues a quem devo grandes favores; o Herlander hoje grande senhor certamente.

Aquele assistente de estatística e econometria, com quem me dei excelentemente quer em Portugal quer em Angola: O meu colega Carlos Carvalhas que com espanto meu foi Secretário-geral do Partido Comunista de Portugal, meu colega e amigo. Mesmo o actual governador do Banco de Portugal que embora não fosse meu amigo pessoal, encontrei-me com ele várias vezes por causa do Carlos Alberto de quem era amigo.

O Dr. Deodato de Sousa Coutinho, Secretário-geral de Angola a quem devo imensos favores, de todos eles guardo gratas recordações e posso dizer mesmo maiores do que eu tenho de alguns são-tomenses.

Por tudo isso posso dizer de coração aberto que eu não odeio os portugueses. Mostrem-me um único caso em que eu manifestei esse ódio?

O que se passa comigo é que eu não sou hipócrita nem interesseiro, não finjo, digo sempre o que me parece mesmo que magoe.

Para mim os portugueses não têm capacidade para ajudar outros povos, deviam utilizar a escassa capacidade de que dispõem em proveito próprio.

As descobertas e todo o esforço a que o país foi forçado a submeter-se até aos nossos dias exauriu-o e pô-lo no estado actual. Há que ao meu ver escolher com coragem novos rumos para que o país deixe de ser um dos últimos da Europa. Será que eu trato com mais estima os americanos, ingleses, franceses, italianos, japoneses, chineses, não creio, eu trato todos os países do mesmo modo, eu não ofendo ninguém, trato a cada um segundo me parece, até quero referir-me a um facto que ouvi hoje dia 17 de Maio na rádio França Internacional RFI às 5 horas da manhã: que o chefe do governo português, o meu primo José Sócrates gostaria de patrocinar a candidatura do presidente do Brasil Luís Inácio Lula da Silva ao posto de Secretário-geral das Nações Unidas, pois que, a estrutura das Nações Unidas hoje não está adaptada aos tempos actuais, visto que a mesma foi instituída nos anos 50 e deve ser adaptada aos tempos actuais opinião com que eu concordo plenamente pois que os tempos modernos são outros.

Voltarei

#### **Nota n.º 45**

A única forma de poder romper o cerco em que o governo actual envolve os são-tomenses é dirigir-me ao mundo através das novas tecnologias, isto é a todas as pessoas e entidades fora de São Tomé e Príncipe.

É neste sentido que faço a presente carta aberta em que me dirijo ao presidente do Brasil o meu primo Luís Inácio Lula da Silva.

Eu comparo, digo-o sem ofensa a Madre Teresa de Calcutá; dirão pessoas que lerão esta nota que estou maluco. Ele, como ela têm um coração enorme. No dela cabia todo a Índia e no dele toda a humanidade.

Que cidadão de qualquer país do mundo não se sentiria feliz por ter um presidente como o meu primo Lula da Sila?

O meu primo José Sócrates primeiro-ministro de Portugal gostaria de ter a honra de o propor para o próximo Secretário-geral das Nações Unidas. Já estou a ver a cara dos brasileiros quase chorosos mas conformados ao verem que ele não pode fazer um terceiro, um quarto, ou um quinto, eu sei lá quantos mandatos que eles gostariam que ele fizesse.

O Presidente Lula da Silva é o maior de todos os presidentes do Brasil do século passado e deste. Ele é um homem do mundo.

A sua actuação nos congressos e organizações internacionais o tem demonstrado. Que dizer do BRIC, que dizer do BIA, que dizer da reunião recente África-Brasil, tudo acções para benefícios dos mais fracos.

Que dizer do encontro Brasil – Turquia - Irão em que talvez se tenha conseguido um acordo em que os mais fortes não farão prevalecer os seus interesses, mesmo à força de bombas contra o Irão, país largamente mais populoso e maior que Israel que não tem direito a possuir bombas atómicas, segundo os americanos e a União Europeia, que acham que Israel país minúsculo e pouco populoso pode possuir 4 submarinos nucleares e bombas atómicas.

Trascrevo abaixo a carta que escrevi ao Embaixador do Brasil em São Tomé e Príncipe.

Fundação Esperança  
Caixa Postal n.º693  
São Tomé e Príncipe

Exmo Senhor  
Embaixado do Brasil  
S Tomé e Príncipe

Escrevo a V.Excia para lhe pedir a colaboração do Brasil para a concretização do meu projecto.

Porquê o Brasil? Desde pequeno sempre em minha casa se falou do Brasil. A minha avó orgulhosa dos seus ascendentes vindos do Brasil. Eu desde pequeno, assíduo leitor de escritores brasileiros, José de Alencár, Machado de Assis que para espanto meu era negro, considerado o mais vernáculo escritor brasileiro, pois tinha uma linguagem mais próxima do português; o grande Jorge Amado e tantos outros; das figuras como o Rei Pélé orgulho de todos os africanos Gilberto Gil grande intelectual, cantor e ex-ministro da Cultura do Brasil; lembra-me ainda das minhas leituras da juventude sobre o Brasil, que com espanto li, que um preto brasileiro conseguiu de simples escravo elevar-se ao comando de tropas negras, como general, tendo o mesmo se distinguido pela sua bravura na batalha de Guararapes.,

Mas o que mais me entusiasma é a desenvoltura e a arrogância do meu primo Lula da Silva. Primo unicamente porque descendemos de Adão e Eva e o sem preconceitos, Charles Darwin diz termos todos a mesma origem.

Estou mesmo a ver a cara de Gordon Brown, Sarcozy, do Sílvio Berlusconi quando o meu primo Lula da Silva dá um murro em cima da mesa e diz: o Brasil está aqui, vocês já não farão o que quiserem. Nós os brasileiros, portanto o Brasil, a Índia e a China já não permitiremos que suponham que isto é da Joana. O senhor dirá, certamente, este é um louco. Aliás, há um ditado que diz” que de médico e louco, todos temos um pouco”

Quem sou eu afinal ? Chamo-me Teotónio Ângelo d’Alva Torres. Aos 26 anos comecei os estudos liceais. Depois de muita luta e muito sacrifício fiz a

licenciatura em Economia em Lisboa. Trabalhei em vários serviços Públicos quer em S. Tomé e Príncipe quer em Angola. Fui Secretário de Estado e Ministro de Economia e Finanças em S. Tomé, trabalhei como assessor do Ministro de Comércio em Angola onde exerci vários cargos de chefia. Fui Presidente da Administração de um banco e Administrador de outro. Corri o Mundo. Estive em serviço na China, nos Estados Unidos, Rússia, Brasil, etc, conheço a África Central pois trabalhei três anos como Agent Comptable da CEAC, Comunidade dos Estados da África Central. Mas acima de tudo considero-me um homem sério, um homem digno e desafio quem quer que seja a dizer o contrário. Informe-se, Senhor Embaixador, se quiser de quem eu sou.

Cheguei a S. Tomé no dia 9 de Janeiro onde estive a aguardar que a minha mulher atingisse a idade de reforma pois não conseguimos juntar nada que garantisse o seu futuro depois da minha morte.

De a vários anos para cá que venho pensando, reflectindo como eu gostaria de ver o meu país. Pus essas reflexões nas folhas que junto, mas encontrei em S. Tomé coisas bem piores que eu imaginava. Uma imoralidade total. A juventude sem um propósito, perdida, desanimada, sem rumo. Pergunto a mim mesmo o que se poderá fazer. Ao menos tentemos. Não fazer nada é criminoso. Cada um de nós, deve dar o melhor de si mesmo para que as coisas melhorem.

Para mim o fundamental é educar a juventude. Criar um homem novo e nisso estou todo empenhado e venho pedir a sua ajuda. Mais do que dinheiro, pretendo que me recomende a uma Fundação brasileira similar que me possa dar toda ajuda para consecução do meu ideal.

Que tal conseguir do Brasil a formação de mil técnicos nos próximos dez anos. Eles serão certamente mil são-tomenses /brasileiros. Serão certamente a projecção do Brasil no Golfo. Ganhará S. Tomé e também o Brasil.Outras pequenas ajudas como livros, computadores, material de transporte que permita o contacto com a juventude nos diferentes distritos. Porque não o próprio edifício da Fundação e uma clínica. Até aqui como viu não entrou dinheiro que se possa roubar. A mim me parece que a colaboração pode ser frutuosa para as duas partes.

Aproveito a oportunidade para informar V.Excia que estou a sua disposição para qualquer informação adicional que julgar conveniente.

Apresento-lhes os meus melhores cumprimentos e subscrevo-me ao dispor.

Teotónio Torres

P.S: Já enviei a sete fundações brasileiras uma carta similar a que se segue:

**Fundação Esperança**  
Caixa Postal n.º693  
S.Tomé e Príncipe

Exmo. Senhor  
Presidente da Fundação Getúlio Vargas  
Brasil

Escrevo a V.Excia para lhe pedir a colaboração da sua Fundação para a concretização do meu projecto.

Porquê uma Fundação no Brasil? Pelas mesmas razões acima indicadas.

E hoje que muito se fala da acção do Brasil no Golfo da Guiné ao ponto de se prever fazer uma homenagem especial ao Presidente Lula da Silva.

Pretende-se fundamentalmente constituir uma Fundação denominada **Fundação Esperança** a qual abarcaria quatro áreas: uma organização juvenil, **Voluntários de S. Tomé e Príncipe**, que compreenderia todos os jovens são-tomenses dos 10 aos 35 anos; uma Rádio e Televisão denominada **RTV União**, cuja finalidade principal seria a de instruir a população cívica e culturalmente; uma academia de línguas denominada **Academia de Línguas Michel Obama** em homenagem ao casal Obama, para o ensino das línguas inglesa, espanhola, eventualmente francesa; uma área de **Assistência Social** com o propósito de acudir os velhos, os doentes, as crianças, sobretudo as desamparadas e também as grávidas pois estas trazem no seu seio os futuros voluntários. Haveria também serviços administrativos que geririam toda a estrutura.

A Fundação Esperança teria um Conselho Geral tendo a presidi-la o seu Promotor, cinco membros escolhidos, entre os melhores são-tomenses dois dos quais saídos do povo e um Administrador Geral. Só este último teria uma remuneração pelos serviços prestados. Todos os outros membros do Conselho não receberiam qualquer remuneração. O Administrador Geral dirigiria o conselho de administração e toda a estrutura seria coadjuvada pelo Promotor a quem caberia sempre a última palavra.

Poderiam ser admitidos desde já os seguintes funcionários; um administrador geral, um coordenador da rádio e televisão e da academia de línguas, um mestre, uma coordenadora geral, uma secretária administrativa, um jurista, um contabilista, um radialista, uma professora de língua inglesa, uma assistente social, um assistente, um chauffeur, um contínuo. Para além disso havia necessidade do aluguer de um edifício com pelo menos cinco quartos. Haveria ainda despesas com o expediente, combustível, higiene, telefone.

Este pessoal seria para estudar o funcionamento da fundação e seus órgãos, estabelecer regulamentos necessários ao seu funcionamento.

Esperamos que V. Excia possa contribuir para o arranque e funcionamento sustentável da Fundação Esperança.

Aproveitamos a oportunidade para agradecer antecipadamente todo o acolhimento favorável e pomo-nos a disposição de V. Excia para qualquer esclarecimento adicional.

Teotónio Torres  
Economista

Como seria bom que Vossa excelência me pudesse emparceirar com uma fundação brasileira de modo a podermos fazer em conjunto um trabalho digno e útil para os nossos dois países.

Apresento-lhe Senhor Presidente Lula da Silva os meus melhores cumprimentos com grande desejo que continue a ter enormes êxitos na vida.

Teotónio Torres.

#### **Nota n.º 46**

Eu sempre tive para mim que há no mundo um direito humano internacional, aplicado conforme as conveniências. Será que estou enganado? Creio que não pois que há pessoas, eminentes juristas que partilham da mesma opinião.

Um massacre perpetrado em Argel em que morreram segundo uns 45.000 pessoas e segundo outros apenas 8.000 é completamente esquecido.

Um massacre perpetrado em 1947 por Israel em que morreram 100.000 pessoas assassinadas por militares é completamente esquecido.

Mas um massacre muito inferior perpetrado em Nova York ou em Tiemen é considerado a coisa mais horrível do mundo. Lembrada a cada passo como um acto inconcebível.

Bem tinha razão aquele eminente jurista que ouvi duas vezes, sexta e sábado últimos, referindo-se a um livro que escreveu e foi publicado ultimamente em Paris que dizia que: “A justiça do branco tem sempre duas interpretações”. Isto vem a propósito da corrupção em África. Fala-se muito e constantemente do corrupto, daquele que é corrompido e nunca do corruptor, como se fosse possível haver um corrompido sem um corruptor.

Ouvi há dias que a Daimeler alemã produtora de Mercedes Benz foi condenada na Alemanha por ser corruptora.

Como é que se explica então que nos relatórios da Secretária de Estado dos Estados Unidos se fale sempre dos governos africanos corruptos e nunca ouvi

uma vez, sequer mencionar qualquer firma ou indivíduo americano, que são os corruptores. Um exemplo: Uma firma americana estabelecida em São Tomé e Príncipe, diz-se que financiou uma campanha eleitoral presidencial com 100.000 dólares, diz-se ainda que a mesma firma custeou bolsas de estudos avultadas á filhos de ministros nossos. É boca pequena como se diz, pois digovos meus caros não há fumo sem fogo.

Numa conferência recente realizada em São Tomé e Príncipe falou-se da corrupção onde os intervenientes afirmaram que era um crime muito difícil de provar, daí até o alongamento do seu prazo de prescrição.

Vocês acham que a minha prima Hilary Clinton teria a coragem de se referir aos corruptores? Vocês querem me dizer que ela não os conhece?

Acontecer-lhe-ia o mesmo que aos três irmãos Kennedy, matavam-na ou imobilizavam-na.

Se é assim, não é falta de decoro, cinismo e hipocrisia, fazer declarações de corrupções relativas aos governantes, quando se sabe que eles pobres coitados estão ou são levados a tentação por ofertas irrecusáveis que os levam a receber uma migalha dando em troca biliões por vezes?

Não é que eu os desculpe; mas eles são humanos daí que devam ser encarados com certa complacência.

É sempre o mesmo. Bem o disse Kissinger: Utilizar todos os meios para tirar proveito dos países mais pobres. Tirar-lhes mesmo a camisa; África é um país tão quente, porque não tirar-lhes a camisa ou o kimono; até ficam com menos acalorados.

Vocês são uns finórios! Vocês são uns finórios, meus caros!

#### **Nota n.º 47**

Suponhamos que alguém me diz: como é que você gostaria de deixar o seu país?

Entendo esta frase como querendo dizer como gostaria de ver o meu país no dia da minha morte.

Primeiramente fico-lhe agradecido pois isto quer dizer que eu teria ainda oportunidade de viver o tempo necessário para ver isso.

Portanto implicitamente ele está a desejar-me mais algum tempo de vida.

Isto é, ainda terei tempo para ver o meu país de um modo como eu gostaria que ele estivesse no momento da minha morte.

Então como eu gostaria de ver o meu país?

Desde já ou pelos menos a partir do dia seguinte ao das eleições legislativas e presidenciais pois só a partir daí é que as coisas começariam verdadeiramente como eu pretendo.

Vejamos então como eu gostaria de ver o meu país.

Um S. Tomé e Príncipe novo, renovado como a fenix, um S. Tomé e Príncipe irreconhecível. Onde todos os seus habitantes se sentissem irmãos, solidários, felizes por estarem juntos e poderem usufruir tudo o que o país possa oferecer sem discriminações nem egoísmos. Sentir-se cada são-tomense numa planície imensa coberta de flores e luz onde ele pudesse dizer, vale a pena viver esta vida. Um país de que ele, o são-tomense se orgulhasse.

Hoje S. Tomé e Príncipe é o contrário de tudo isso.

Venho com lágrimas nos olhos dizer isso. Mas não será possível S. Tomé e Príncipe que eu sonho poder transformar-se nisso?

Imaginemos um S. Tomé e Príncipe novo, um S. Tomé e Príncipe em que um génio tivesse podido fazer esquecer aos seus habitantes todos os males ocorridos nestes 35 anos e se propusesse ser o novo homem que eu sonho.

Que deveríamos então fazer?

Em primeiro lugar deveríamos escolher uns governantes que tivessem como propósito acabar definitivamente com a corrupção, estabelecendo leis dissuasoras para o efeito. Educar a juventude de modo a criar um novo cidadão respeitador do seus deveres e direitos, fraterno, solidário sempre pronto em tudo que diga respeito ao povo.

Eleger os governantes mais honestos, capazes e amigos do povo. Um governo que defenda todos os interesses do país, políticos, económicos e sociais.

Um governo de que o povo se possa orgulhar. Um governo que respeite as leis locais, as internacionais e exija reciprocidade dos outros governos.

Perguntar-me-iam se isso é possível, eu digo que sim.

Se nós todos estivermos de acordo podemos dizer o seguinte: Vamos sanear este país. Vamos criar instituições credíveis.

O povo hoje sujeito ao banho não pode fazê-lo, não pode escolher os governantes mais capazes.

Os velhos partidos políticos que terão uma grande actuação nessas mudanças deverão começar por reorganizar-se. Os novos deverão dissolver-se e procurar novas formas de ganhar a vida, pois a política não deve transformar-se em profissão. É um meio de escolha dos governantes e não um meio de vida como muita gente julga.

Nenhum país necessita de muitos políticos mas só dos necessários. Expurgados os partidos e reduzidos os seus membros ao menor número possível deveriam apresentar ao público os seus programas de governação. Deveriam dizer ao povo o que eles se propõem fazer se alguma vez forem governo.

É que eu estou convencido, aliás nem existe lei contra isso que possa fazer com que o banho não venha existir nas próximas eleições. Daí que eu julgue que os partidos que já receberam dinheiro por conta do que eles darão de volta aos seus corruptores, não deixarão certamente de praticar o banho.

Quero com isso dizer que ainda nas próximas eleições os deputados não serão eleitos como resultado das propostas de governação dos seus partidos mas sim por maior ou menor valor com que eles banharem os eleitores. Porque estes estarão abertos a isso visto que ainda não existe uma lei que os puna.

Os partidos devem todos constituir um governo de ***União Nacional***. E para que nenhum deles tenha protagonismo devem ser dirigidos por um Primeiro-ministro que seja apartidário.

O governo deve ter como prioridade referendar uma nova Constituição de modo a que possa haver governos mais estáveis.

O governo saído da próxima eleição deve começar por arrumar a casa, sanear tudo, fazer leis novas, reorganizar a justiça, pô-la funcional de modo a torná-la credível, reestruturar todos os órgãos da função pública tendo em atenção especialmente o sector petrolífero. Preparar os quadros quer para o petróleo quer para outros sectores.

Proceder em tudo que julgar necessário para uma governação sadia. Feito tudo isso, estudar as reformas necessárias para o futuro.

Quem devem ser a meu ver, o Presidente da República, o Presidente da Assembleia e o Primeiro-ministro?

Das conversas que eu tenho tido nestes 4 meses e meio, quem são ao meu ver os indivíduos que poderiam ocupar estes lugares?

Hoje se tal me perguntassem confesso que hesitava, mas em todo o caso é meu dever fazê-lo, pois que isso a meu ver vai melhorar a conduta desses indivíduos. Nós todos devemos merecer a confiança do povo para exercermos certas funções e devemos ganhá-la pelo amor demonstrado ao povo e pela confiança que ele tem em nós.

O meu candidato para as eleições que se realizarão no próximo ano para a Presidência da República é o Senhor Dr. Arzermiro dos Prazeres.

É pessoa que eu mal conheço. É novo ao que me parece. E, para mim além de conhecer já os meandros da política tem um factor que em meu entender é primordial pois é natural do Príncipe. Acho que já é tempo do Príncipe ter um Presidente da República.

Para mim é importante que os são-tomenses do Príncipe sintam que todos nós temos os mesmos direitos.

Para o Presidente da Assembleia Nacional escolheria o meu amigo Dr. Francisco Fortunato Pires. Pessoas que colaboram comigo e conhecem a minha apreciação do seu desempenho, estranharam a escolha pois que pelo que me têm ouvido, achariam que eu escolhê-lo-ia para candidato a Presidente da República. Mas não se trata aqui de amizades. Trata-se sim da escolha da pessoa mais capaz por mim considerada para exercer o lugar de Presidente da Assembleia Nacional. É para mim, lamento dizer a única pessoa com o perfil que eu julgo necessário para nestes próximos oito anos ajudar a dotar o país de leis que possibilitem no futuro uma boa governação para S.Tomé. Para mim ele é o melhor homem para este lugar. Ele certamente será Presidente da República. Merece-o.

E quem escolheria eu para Primeiro-ministro?

O meu candidato para Primeiro-ministro é, se eu bem percebi o que disse o meu falecido amigo Francisco da Silva, na sua proposta para o próximo Presidente da República o Senhor Dr. Filinto Costa Alegre, mas não estando em discordância com aquele meu amigo, entendo que seria melhor para o país que antes disso, ele exerça o cargo de Primeiro-ministro.

Eu julgo que São Tomé e Príncipe ganharia e ele também, pois que me parece que o lugar de Primeiro-ministro tem uma acção muito mais incisiva que a do Presidente da República.

Quero dizer-vos que ele é parente próximo meu, amigo e muito da minha estima, mas eu faço as minhas escolhas, da pessoa mais capaz a cada momento, sem ter isso em conta.

Eu quero confessar-vos a puridade, no ouvido que estes três lugares que tanta gente cobiça, para mim não valem nada. Apenas servem para muita presunção e água benta. Quantas amarguras neste S. Tomé têm causado. Quantos homens desiludidos e infelizes. A mim não me dizem nada.

Voltarei

### **Nota n.º 48**

Como eu já tive ocasião de dizer, passado algum tempo depois de ter ouvido uma conversa em minha casa, em Angola, o meu sobrinho António Torres e Silva telefonou-me a perguntar se eu lhe permitia difundir as minha notas no Forum.

Disse-lhe que podia fazê-lo se ele o quisesse, que me era indiferente. Perguntou-me se eu não quereria retirar alguns dados pessoais. Respondi-lhe prontamente que não. E disse-lhe mais que a minha vida não tinha nada de que me pudesse envergonhar. Referi-lhe que eu não queria que alguém acrescentasse uma

vírgula que fosse às minhas notas, pois que queria ser o único responsável por elas. Foi pois, por um acaso que as minhas notas surgiram no Fórum.

Alguém que para mim merece o meu máximo respeito pelo seu nível intelectual me perguntou onde iria encontrar os 1500 candidatos que pretendia enviar para o Brasil, para fazer estudos superiores, pois que havia apenas no IDF 78 estudantes matriculados na 12.<sup>a</sup> classe.

Confesso-vos que fiquei admirado. Tenho vários netos que entraram para Faculdade com a 11.<sup>a</sup> classe. Um deles chegou há dias á França. Eu não compreendo.

Hoje qualquer estudante são-tomense que vá para Portugal, França, Brasil, posso dizer mesmo para qualquer país do mundo, o que lhes podem exigir é que façam o ano zero. É aliás o que tem acontecido aos nossos estudantes.

Vejamos agora se eu poderei juntar 1500 candidatos para formação superior; acho que sim e é fácil como vamos ver.

No ano 2003 foram seleccionados dentre mil rapazes e raparigas com a 11.<sup>a</sup> classe, 200 que seguiram para Cuba onde se licenciaram em vários cursos e donde regressaram há poucos meses. Admitindo que dos restantes 800, outros duzentos se tenham formado o que não é verdade, os 600 poderiam estar disponíveis. Quantos rapazes teriam terminado a 11.<sup>a</sup> classe nos 6 anos seguintes ou seja até 2009? Outros 600? Se fosse teríamos já 1200 indivíduos com a 11.<sup>a</sup> classe.

Vejamos agora o Liceu. Quantos rapazes se formaram no ano 2008-2009? 200? Dizem-me que o Instituto Superior Politécnico terá cerca de 400 alunos. O IDF terá ao todo 150, e provavelmente mais, incluindo os actuais 78 estudantes da 12.<sup>a</sup> classe. Falta incluir cerca de 400 alunos ou mais que estudam a 11.<sup>a</sup> classe no Liceu, que neste momento tem cerca de 5.000 alunos segundo me dizem da 7.<sup>a</sup>- 11.<sup>a</sup> classe.

Quantos alunos com a 11.<sup>a</sup> classe ou mesmo 12.<sup>a</sup> eu não poderei recrutar em Portugal?

Quantos outros não poderei fazê-lo em Angola onde temos cerca de 10.000 emigrados?

Aliás em Angola há um ditado que diz:”quem não tem cão caça com o gato”. É o “debrueiez-vous” de Mobutu. É o “desencasta-te” dos portugueses. É o procura resolver o problema de qualquer maneira. E neste caso eu resolveria o problema enviando alunos de 9.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup> classes.

No Brasil arranjar-lhes-ia professores que os acompanhariam de modo que o aproveitamento fosse de longe superior ao que eles obteriam em S. Tomé e Príncipe. Assim estaria resolvido o problema.

Uma coisa que eu recomendaria a um governo que estivesse interessado nisso, era que descongestionasse o Liceu, arranjasse mais salas de aulas, mais professores para que os alunos pudessem ter um melhor aproveitamento.

Algumas pessoas que se têm dado ao trabalho de ler as minhas notas não aceitam o meu ponto de vista relativamente ao Hugo Chaves e Mugabe, e referem-se com elogios à presidente do Chile Michelete, ao meu primo Lula da Silva e também muito elogiosamente do meu amigo Mandela.

Pessoas estas que me merecem todo o respeito.

Mas será que essas pessoas que teorizam tanto e mostram tanto saber, sabem o que é ser colonizado?

Será que essas pessoas avaliam em justa medida o que é o sofrimento que causa ser cidadão de segunda e terceira, sem direitos nenhuns e só com obrigações no próprio país?

Será que essas pessoas têm a mínima noção de como é ser tratado como animal?

Vocês alguma vez ouviram falar do que é ter uma nota negativa num concurso?

Vecês que frequentaram as Universidades já viram alguma nota abaixo de zero? **Menos seis (-6)**? São coisas que só acontecem com homens que são considerados sub-humanos e faz-se isso às claras sem pejo.

Gordon Brawn e Silvio Berlusconi enxovalharam o presidente Barac Obama por ser afro-americano disse-o a Euronews. E vêm-me falar de investimentos. Que importam os investimentos se o ser humano não é considerado?

Vocês acham que eu alguma vez aceitaria qualquer que seja o valor do investimento, que pagassem a 100 técnicos estrangeiros, mais ou igual a 15.000 trabalhadores braçais são-tomenses? E porquê que eles não estão incluídos nos 100? Não têm capacidade ou é o lugar deles.

Não me façam perder a cabeça e começar já a dizer disparates.

Agora comparemos Mugabe – Mandela.

Bem dizia o outro quando afirmou que a justiça no ocidente, ou como ele diz, a justiça dos brancos, tem dois pesos e duas medidas. Em todas as minhas notas dei a entender sempre, suponho, que para mim não importa a categoria social do homem; para mim todos são iguais não importa a sua posição na sociedade.

Não importa o filho de pescador ou filho de ministro, todos têm os mesmos direitos constitucionais.

Todos aqueles que tirarem proveito da sua situação em detrimento de outrem são corruptos.

Os zimbabueanos são todos iguais pela constituição, mas, a constituição é mentirosa. O governo britânico é um vigarista. Assinou um acordo que já tinha em mente não cumprir, os políticos eram homens sem carácter.

O acordo de Lancaster-House, leiam-no por favor, diz textualmente que as terras naquele momento na posse dos zimbabueanos brancos seriam resgatadas em favor dos zimbabueanos pretos que nada possuíam. Isto quer dizer que cada zimbabueano branco ficaria com o valor em dinheiro das terras que possuía. É a meu ver uma situação de privilégio e de disparidade porque ele recebeu as terras quase de borla e ficaria numa situação económica de longe superior a dos zimbabueanos pretos. Mesmo Robert Mugabe ficaria numa situação de subordinação económica pois que além das terras os bancos possuíam, as indústrias, o comércio e tudo mais. Uma minoria da população zimbabueana ficara dona de todo a riqueza.

E vocês querem me fazer crer que Mugabe aceitaria alguma vez ser ludibriado desta maneira? Ele que deu a sua vida pela independência aceitaria alguma vez uma situação dessas? Como é que ele deveria reagir? Nacionalizou as terras como o fez e muito bem.

O porco do Tony Blair, homem sem escrúpulos e como todos os governos que se lhe anteciparam, juntaram-se aos EUA e a toda a União Europeia para asfixiá-lo, e o sem vergonha do Tchivangerai colaborou nisso.

Meus amigos não me façam perder a cabeça, por favor não me façam perder a cabeça. Oxalá tudo fique assim.

Vejamos agora o caso do meu amigo Mandela por quem tenho respeito, mas que não concordo com o seu procedimento.

Mandela opôs-se ao regime de Apartheid e esteve preso durante 27 anos. Depois chegou a acordo com o regime do Apartheid aceitando a independência contra a entrega do poder político aos sul-africanos negros.

Há uma constituição que diz que todos os sul-africanos, não importa a cor são iguais. Mas pergunto-vos são iguais efectivamente? Ou a constituição mente, ou é uma farsa.

A sociedade sul-africana está estratificada em três tipos de homens:

- Homens brancos, que são 5.000.000 que possuíam toda a riqueza e continuam a possuí-la e que reservaram para si o exercito para reprimir os outros.
- Os mestiços ou mulatos que representam 1/50 da população que tem uma migalha;
- A população negra que é de cerca de 4/5, isto é, cerca de 44.000.000 de homens que não possuem nada, vivem em extrema miséria e que tem de

trabalhar com dureza para enriquecer cada vez mais os dois grupos anteriores. Para ela não há nada.

Vocês acham que alguém aceitaria uma situação dessas? Em meu entender ninguém aceitará isso.

África do Sul é um barril de pólvora prestes a explodir, vai ser uma hecatombe. Mandela só adiou as coisas, isso vai acontecer, é absolutamente certo. Ninguém atura uma situação dessas indefinidamente, é preferível a morte. Milhões de sul-africanos estão dispostos a sacrificar as suas vidas, não vão continuar a suportar indefinidamente uma situação destas. É preferível a morte.

Não se iludam meus caros. Foi assim sempre, assim sempre será.

Em 1939 com a invasão da Europa pelos Nazis a população levantou-se e expulsou-os. Porque tem de ser diferente nos outros casos. Vocês querem me dizer que há povos que estão dispostos a ser capachos dos outros?

Não, a dignidade dos seres humanos está acima de tudo, está acima da sua própria vida, se esta não tem valor.

Como vêm foi tempo perdido, vocês verão.

Eu sempre defendi a igualdade dos homens dentro do mesmo país. Fi-lo em relação a Angola, em relação ao Brasil e faço em relação a S. Tomé e Príncipe.

Ninguém me provou até hoje que é superior a mim em inteligência ou de qualquer outra maneira.

Ombrei com qualquer um apesar das discriminações que sofri até hoje.

Vou terminar dizendo que esta é a primeira e última nota que faço respondendo aos comentários.

Obrigado.

### **Nota n.º 49**

Ultimamente tenho pensado muito sobre a maneira de como levar a classe política a propor-se em conjunto conduzir São Tomé e Príncipe.

Na minha nota n.º 47 eu esboço em linhas gerais como eu gostaria de ver o meu país.

Porque tenho laços de amizade e até de parentesco com todos os dirigentes dos quatro partidos de São Tomé e Príncipe mais importantes, tenho perguntado a mim mesmo se não seria oportuno que eu utilizasse essas duas coisas (amizade e parentesco) para dizer a minha visão do que poderia ser São Tomé e Príncipe

nos próximos anos, muito embora, me pareça que eu não tenha a lucidez e a clarividência necessárias para o fazer, devo reconhecê-lo.

Anima-me a justeza do meu propósito. Ninguém me pode negar o imenso desejo que tenho de que todos os são-tomenses sem exceção tenham uma vida boa. Quero frisar bem que os são-tomenses são todos os homens e mulheres nascidos ou não em São Tomé e Príncipe e que são considerados são-tomenses sobretudo aqueles que se encontram na situação mais desfavorável.

Como me parece quase impossível reunir numa mesma mesa todos os dirigentes dos principais partidos políticos para que em conjunto pudéssemos estudar a situação de São Tomé e Príncipe, pois é quase absolutamente certo que eles se negariam a isso; alguns por presunção e outros até por falta de disponibilidade de tempo. Daí que resolvi escrever esta nota na qual vou sumariar os pontos que me parecem mais importantes e que deveriam constar do programa comum, de um **Governo de União Nacional** para São Tomé e Príncipe.

Quanto a mim são os seguintes os pontos focais:

1º - Como constituir um Governo estável?

2º- Qual deve ser a contribuição do sector privado para o desenvolvimento do país?

3º- Vejamos um exemplo da vantagem económica da criação de uma empresa privada nacional.

4º- Qual é a vantagem da preparação prévia do pessoal necessário para São Tomé e Príncipe?

5º- Quanto ao petróleo qual é a vantagem e a conveniência de parcerias com países emergentes?

6º- Diversos:

- O investimento dos 5 biliões de dólares.

- O porto de águas profundas.

-As energias

- A criação de uma nova cidade

- O turismo

- Os temas do relatório da estratégia de redução da pobreza

- Os temas do relatório da Universidade de Colúmbia

- A cooperação Sul -Sul

- Os 50 anos da independência de África francófona e anglófona

### **1º - Como constituir um Governo estável?**

A primeira coisa a meu ver, é que constituído o governo de União Nacional, com um Primeiro-ministro apartidário, este deveria escolher os seus ministros, independentemente dos partidos, com o único propósito de escolher com isenção as pessoas mais capazes para cada lugar. Vejam bem, eu não quero dizer que teriam de sair necessariamente dos partidos.

O Governo deve ser constituído por pessoas mais capazes dentre os são-tomenses. Eu quero dizer com isso que mesmo qualquer indivíduo da sociedade civil poderá fazer parte do governo.

Uma coisa a meu ver muito importante é que tenhamos uma visão a curto, médio e longo prazos do desenvolvimento do país. Há que fazer pois um estudo global de modo a que possamos saber o que vamos fazer agora, daqui a algum tempo e no futuro. Que devemos fazer? E com que eficiência?

Há que primeiramente rever a constituição, isto é, logo que possível de modo a que não fique ao livre arbítrio do Presidente da República admitir ou demitir os governos ao seu belo prazer ou conveniência.

Deve este governo procurar por todos os meios tornar a justiça eficaz e célere. Até sugiro tal como se procede na Índia e em Moçambique, a criação de tribunais populares para julgamento de casos de somenos importância. Chamo especial atenção para casos de litígio de âmbito comercial, para facilitar a vida dos negócios como é o caso da Alemanha, onde estes tribunais são expeditos e resolvem os processos com rapidez.

O governo de União Nacional deve reorganizar a Administração de todos os serviços públicos. Deve promover a criação do sector privado reservando-lhe exclusividade e preferência tais, aliás, como se sugere na Lei -Quadro sobre petróleo.

Chamo especial atenção para a nossa ZEE que nos poderia proporcionar receitas extraordinárias, da ordem dos 70-100 milhões anuais, o que certamente o governo não conseguiria.

O novo Governo deveria procurar promover o mini - crédito, o ensino agrícola, estudar como levar os são-tomenses a dedicarem-se à terra, ao fomento dos produtos biológicos, à maior diversificação da agricultura e produção alimentar, reflorestação, produção de frutos, flores exóticas, especiarias, fomento da pesca artesanal, fortalecimento do pequeno comércio, construção de infra - estruturas necessárias como aeroportos, portos, hospitais e escolas diversas.

## **2º- Qual deve ser a contribuição do sector privado para o desenvolvimento do país?**

Li há dias pela primeira vez o relatório do ano 2008 sobre a Estratégia Nacional de Redução da Pobreza (ENRP). Até se poderia dizer que colhi dali ensinamentos para as minhas notas. Confesso que tanto se me dá que suponham ou não. Gostei de ver a coincidência dos nossos pontos de vista. Tive no entanto a desilusão de ouvir dizer que relatório idêntico não seria elaborado relativamente ao ano 2009, pois que o programa deve ser renovado. Ali colhem-se dados muito úteis para o conhecimento do país.

Todos os Governos mesmo os comunistas propõem-se fomentar o sector privado. O nosso também deveria fazê-lo.

Eu sugeri nas minhas primeiras notas a criação de uma empresa constituída unicamente por são-tomenses. Uma empresa mãe, suficientemente forte para poder destacar-se sobretudo através das suas principais afilhadas, o Banco do

Comércio para todas as actividades em concorrência com os bancos existentes, ao qual seria reservado o privilégio de ser o único a tratar de todas as operações relativas ao petróleo.

Todos os recursos do Fundo de petróleo devem ser nele guardados. O nosso dinheiro não deve financiar as economias mundiais e nós, para o utilizarmos, termos de pagar juros; isto é um absurdo!

Dizem-me que os nossos dinheiros actuais estão nos bancos estrangeiros (EUA e na Nigéria) e não lhes são atribuídos nenhuma remuneração. Porquê?

Vimos no caso da Grécia, que ela paga pelos empréstimos contraídos agora 5% com juros bonificados.

A utilização desses recursos para o financiamento da economia, facilitaria o nosso desenvolvimento como aliás o afirmaram os dirigentes políticos do Gana e do Uganda, países que recentemente descobriram petróleo.

Porquê que os nossos engenheiros e até o Governo só falam em serviços.

E que serviços? Estivadores? Doqueiros? Limpadores de sanitas?

Porque é que não falam em engenheiros e outros quadros superiores; não poderíamos exercê-los? Eles são mais difíceis que o dos governantes? A mim me parece que não.

Dizem-me que o Banco Africano de Desenvolvimento sugeriu ao Governo, mas não posso confirmá-lo, que antes de tomar qualquer decisão solicitasse o parecer dos economistas do país. Porque é que não o fizeram antes de assinarem contratos e acordos sem conhecimento do povo?

Quero uma vez mais dizer-vos que o povo é que é dono deste país e que em meu entender, sendo um país democrático nenhum Governo pode resolver qualquer coisa sem a sua autorização e sem o seu conhecimento. É abuso do poder, portanto crime punível.

Foi uma simples observação para as pessoas que não sabem disso.

A colaboração entre Governo e o sector privado é um factor vital para o desenvolvimento do país.

Veja nota anexa # 1 a esse respeito.

O simples facto do Banco Comercial ser depositário dos recursos do petróleo dá-lhe uma projecção e poder extraordinários.

Ele pode substituir em parte a insuficiência do sector privado e tomar o seu lugar enquanto este não o faz. Ele poderá garantir no futuro, empréstimos ou qualquer coisa semelhante.

### **3º- Vejamos um exemplo da vantagem económica da criação de uma empresa privada nacional.**

Ao que me parece, muitos de nós mesmo sendo economistas não nos apercebemos da vantagem económica que advém para o país de sermos donos ou parcialmente donos de empresas existentes ou constituídas por nós no nosso país.

Andam todos “afobados” atrás de migalhas, vendendo o país, quando podiam ter dez vezes mais, trabalhando honestamente.

Tomei uns números ao acaso para dar exemplo de uma empresa de Seguros.

Evidentemente que uma empresa como as que nós conhecemos ávidas de lucros e utilizando todos os meios mesmos os ilícitos para os obter, como fazem as empresas estrangeiras, não pagariam ou melhor não exigiriam de São Tomé e Príncipe um prémio de 1% sobre qualquer bem, mas sim de 4, 5 e se possível 10%.

Quando digo que é o mesmo quero dizer que esse dinheiro fica no país, na mão de privados ou nos cofres do governo.

Vamos a um exemplo:

Admitamos que o governo atribui a uma empresa estrangeira a exploração do porto de águas profundas. Admitamos ainda que o número de trabalhadores braçais e outros é de 15.000 e que o vencimento médio seja de 300 dólares mensais. Mensalmente o salário seria de  $15.000 \times 300 = 4.500.000$  que multiplicados por 12 meses daria 54.000.000 dólares anualmente.

Admitamos ainda que há 100 quadros superiores com vencimento de 60 mil dólares mensais; são 6.000.000 mensais. Num ano seriam 72.000.000 de dólares.

Que se gastem com outras despesas de exploração 20.000.000 temos como despesa total anual 146.000.000 de dólares provavelmente.

Qual seria o montante da remuneração do capital? Uma importância inferior à soma de todas outras? Não creio. Admitamos que é igual. Qual deve ser o valor das receitas para cobrir esse montante?

É portanto de 292.000.000 de dólares. Isto quer dizer que o valor das receitas deve ser pelos menos de 292.000.000 de dólares por ano.

Gostaria que me dissessem que parte deste valor ficará em São Tomé e Príncipe? Uma insignificância.

Fica a pergunta para os engenheiros e para aqueles meus colegas que ainda não fizeram as contas.

Agora vejam o que resultaria para o país da criação de uma empresa de seguros referida no anexo # 2.

#### **4º- Qual é a vantagem da preparação prévia de quadros para São Tomé e Príncipe.**

Para mim o principal factor para o desenvolvimento económico de um país é a instrução. Como eu já tive ocasião de referir em uma das minhas notas anteriores, São Tomé e Príncipe deve apostar na elevação da capacidade intelectual dos seus homens e mulheres.

Na minha nota anterior eu referia-me à possibilidade de encontrar 1 500 candidatos para formação superior. Ao ler ontem dia 27 de Maio, o relatório sobre a Estratégia Nacional de Redução da Pobreza, constatei com espanto que em 2008 havia no ISP 2.955 estudantes dos quais nenhum tinha acabado o curso e que ainda no mesmo ano o Liceu dispunha de cerca de 7 000 estudantes diurnos e nocturnos, sem contar com os estudantes dos outros Institutos e escolas secundárias existentes. E eu que estava preocupado e não sabia como arranjar os 5 000 candidatos que gostaria de ver formados para São Tomé e Príncipe, fiquei maravilhado!

São Tomé e Príncipe tinha em 2008 cerca de 150 000 habitantes dos quais 11000 a frequentar o Liceu e cursos superiores. Isto quer dizer que em média havia 1 em cada 15 são-tomenses a frequentar o liceu ou curso superior. A única ressalva que eu tenho a isso é a pergunta: essa gente está suficientemente bem formada?

Posso dizer que não, pois que como já tive ocasião de referir as turmas são enormes e a eficiência do aproveitamento deve ser muito baixo. Pois convém criar novas escolas e admitir mais professores.

Ontem dia 27 de Maio, a rádio e a televisão são-tomenses disseram que o governo tinha instituído a 12.<sup>a</sup> classe, para mim não é suficiente. A 12.<sup>a</sup> classe deve ser a classe de escolaridade mínima obrigatória. Evidentemente que eu não pretendo que todos tirem a 12.<sup>a</sup> classe no liceu, mas sim que se criem cursos médios equivalentes.

Veja a nota anexa # 3.

#### **5º- Quanto ao petróleo qual é a vantagem e a conveniência de parcerias com países emergentes?**

Hoje o mundo é diferente. O ministro das finanças do Brasil propõe-se financiar a União Europeia de maneira a facilitar a recuperação económica da Europa.

Os países emergentes, a China, Índia e o Brasil serão certamente os grandes países do século XXI. O peso da economia desses 3 países será tão grande na economia mundial que a Europa e os Estados Unidos não poderão deixar de reconhecê-lo, embora o façam a contra gosto.

Hoje a Coreia do Norte com as suas bombas atómicas não permite sequer que a China lhe imponha regras de conduta.

O mesmo se passa com Netanyahu e Israel que faz orelhas de mercador às conversas do meu primo Obama, escudado pelos seus 4 submarinos e suas bombas atómicas.

Os tempos das grandes potências passou e o meu primo Lula da Silva disse-o claramente a pouco tempo, quando afirmou que as antigas potências do mundo entendem que devem estragar o ambiente para depois procurar concertá-lo. Eu que vivo neste mundo há 80 anos digo-vos que o Irão não vai ceder, preferem morrer de armas na mão. É mais digno. Voltemos ao petróleo.

É mais que evidente que as grandes companhias como a BP, Total, Shell, Exxon Mobil e outras já estão tão empedernidas que elas explorarão até à medula qualquer país. Vimo-lo no Golfo do México onde a BP quer descartar-se das suas responsabilidades.

O que seria um derrame destes no Golfo da Guiné?

Um desastre ecológico com prejuízos incalculáveis. Vocês julgam que alguma vez essas companhias ou os seus países se responsabilizariam por um desastre destes? Nunca. Fariam a guerra ou fomentá-la-iam.

Tenho medo que isso possa ocorrer na nossa zona económica, onde eles entendem que podem fazer o que eles bem entenderem.

Daí que eu proponha que exploremos apenas a Zona de Exploração Conjunta e os 12 lotes actuais da nossa Zona Económica Exclusiva.

As 7 devem ser exploradas como sugeri na nota anterior com o regime de partilha de produção com a Índia pois que esta tem mais precisão de petróleo do que a China e neste caso não a China Popular mas sim com a China Taiwan, é mais seguro.

Veja a nota anexa # 4.

## **6º- Diversos:**

### O investimento dos 5 biliões de dólares.

No outro dia ouvi o senhor Primeiro-ministro a queixar-se de que a interferência de um seu correligionário poderia ter levado um grupo de financiadores a desistir da sua pretensão de investir em São Tomé e Príncipe 5 biliões de dólares, que se eu bem me apercebi, só depois das duas partes o governo de São Tomé e Príncipe e o financiador chegarem a acordo é que dariam conhecimento deste acordo ao país.

Confesso-vos que nunca achei que fosse possível uma coisa dessas.

Um governo composto por meia dúzia de indivíduos sentir-se no direito de comprometer o futuro de 150 000 indivíduos sem o conhecimento destes.

E é um país democrático. É um autêntico absurdo.

Quem pode estar mais interessado o povo ou os governantes?

Um gerente, ou melhor um conselho de administração pode resolver qualquer coisa sem o conhecimento dos accionistas?

Mas ponhamos tudo isso de lado.

Ainda não se realizou o acordo por sorte nossa e ele deve ser anulado se foi efectuado entretanto.

Haverá alguma vantagem para o país num acordo desses?

Quais são as condições do acordo?

Por quanto tempo o capital manterá a exploração?

Reverterá tudo depois para o país?

Se é assim tão vantajosa para o país, qual é a razão do medo de trazê-lo ao público?

Os investidores têm medo que o povo conheça os termos do acordo antes dele ser assinado?

Cheira-me a esturro.

Uma coisa vos quero dizer, o capitalista não tem coração, ele não quer saber, o que quer é o seu ganho, o resto não lhe importa. Ele é assim na Europa e nos Estados Unidos e muito pior ainda em África.

Já agora eu gostaria que o senhor ministro nos apresentasse a razão da sua preferência, assim todos ficaríamos a conhecer as vantagens que adviriam para o país.

### O porto de aguas profundas

Ainda hoje 28 de Maio, se falou na RFI da grande empresa francesa de exploração dos portos africanos. Não foi em termos elogiosos quero vos dizer.

Eu pergunto a mim mesmo não é possível anular qualquer contrato ou acordo que já se tenha feito? Seria óptimo o Porto de Águas Profundas em São Tomé.

É uma mina de diamantes.

Todos os portos do Golfo da Guiné estão saturados.

Há neste momento um novo porto que possa dar escoamento? Não.

Se houver um novo porto como o nosso, situado na zona mais central do Golfo da Guiné, será uma bênção.

O novo porto de São Tomé e Príncipe pode ser uma fonte de recursos, tal como é o de Singapura na Ásia. Este país de pescadores passou em 25 anos de um rendimento per capita de 550 dólares para 35 000 dólares, 70 vezes mais.

Leiam por favor a minha nota n.º 30 e vejam por favor a maneira e em quanto tempo esse país o conseguiu.

Se nós tivermos uma chefia idêntica podemos fazer o mesmo passando de 430 dólares actuais para cerca de 30 000 dólares anuais sem mais nada.

Podem perguntar-me onde podemos buscar o dinheiro dir-vos-ei ao BAD (Banco Africano de Desenvolvimento) ou qualquer outro país emergente porque São Tomé e Príncipe tem crédito ou vai passar a ter crédito. Se eventualmente não o conseguirmos já, então o porto não se fará já, porque é preferível não o fazer já para não entregarmos o porto e todo o seu rendimento possível aos capitalistas. O prejuízo maior será o deles.

Chamem cá técnicos singapurianos ou brasileiros que eles dirão o que fazer e não entreguem de mão beijada um porto que pode gerar biliões e biliões.

### As energias

Ainda hoje ouvi que sem energia nenhum país se desenvolve. Nós situados no Golfo da Guiné temos 4 fontes de energias: a eólica, a solar, a hídrica e a marítima. Hoje é tudo possível.

Estas 4 fontes de energias estão disponíveis, é só ter capacidade para explorá-las. Talvez a de mais fácil uso seja a hídrica, se nós utilizarmos como a Suíça os nossos cursos de água, com as mini centrais hidroeléctricas podemos conseguir muita e muita energia. Porque não fazê-lo?

O banco de comércio como depositária dos recursos petrolíferos poderá dispor de muito dinheiro para o investimento.

Não que eu queira dizer que nós não precisamos recorrer a parcerias, ajudas, é preciso que tenhamos bem em mente que o dinheiro não é coisa difícil de conseguir, que as ajudas e os apoios são necessários mas não indispensáveis. Que o mais importante é escolher prioridades e ir ejectando paulatinamente o que foi priorizado, certo de que nós não podemos fazer tudo ao mesmo tempo, tanto mais que não temos capacidade para isso, daí que devamos priorizar e ir fazendo segundo este escalonamento pois que nem sequer temos a capacidade necessária para isso.

### A criação de uma nova cidade em São Tomé

O distrito de Água Grande no qual se situa a cidade de S. Tomé compara-se ao do Rio do Janeiro, São Paulo, Pequim, guardadas as proporções; já está excessivamente povoado, pois que nele vivem 60.000 pessoas o que corresponde à 2/5 da população do país. Toda a população de São Tomé e Príncipe na ânsia de melhorar as suas condições de vida tem afluído à cidade de São Tomé sublotando-a.

Que tal a ideia de criar uma cidade nova com condições que possa atrair parte da população da cidade de São Tomé para um ponto central que ficaria equidistante do cruzamento do maior comprimento e sua maior largura. Eu quero dizer com isso, um lugar central com um clima ameno, a meio caminho do cruzamento dos pontos cardeais.

Assim poderíamos dispersar a população para o seu melhor aproveitamento e bem-estar.

Deste modo nesta nova cidade ficariam os serviços Administrativos do Governo, a Presidência da República e eventualmente a Assembleia Nacional.

Teríamos uma mini -Brasília que nos permitiria uma melhor distribuição da nossa população. Convém estudar maneiras de fixar as populações onde elas se encontrem, criando para isso as infra-estruturas necessárias.

### O Turismo

Como já tive ocasião de me referir numa das minhas notas anteriores o turismo é uma fonte quase inesgotável, sobretudo se ele for acompanhado de desportos náuticos. Para mim é uma actividade lucrativa. Por exemplo, vejam o que acontece no Quénia. Este país espera receber durante este ano um milhão de turistas contando que as receitas do turismo ultrapassem um bilião de dólares. Mas eu entendo que este negócio deve ser reservado quase exclusivamente aos são-tomenses. Há que ter em conta a sua pequenez e a sua pequena população. Nós não devemos precipitarmos, São Tomé e Príncipe tem múltiplas possibilidades. Desenvolvamos cada uma a seu tempo.

### Os temas do relatório da Estratégia Nacional de Redução da Pobreza (ENRP).

Eu queria sugerir que qualquer que fosse o governo que estivesse a seguir este país a seguir às eleições desse atenção a tudo relacionado com a Estratégia Nacional de Redução da pobreza. É preciso elaborar anualmente o relatório respectivo e colmatar todas as insuficiências que forem detectadas, pois que só assim poderíamos contribuir para melhoria de vida das populações mais pobres, o que para mim é a primeira obrigação nossa.

### Temas do relatório da Universidade de Colúmbia

Uma coisa que me estranhou e estranha ainda é que tenho falado com muita gente e quase todas me dizem o seu desconhecimento desse relatório. Talvez por

ele se referir com dureza a corrupção dos governantes de São Tomé e Príncipe. Isto não deveria ser motivo de repulsa porque de uma maneira geral todos os governos africanos são considerados corruptos excepto Cabo-verde. Pelos menos é o que dizem as rádios todos os dias.

Como dizia, quero referir-me a dois temas mencionados no relatório: os juros praticados pela banca e os preços dos combustíveis.

Comecemos pelos juros. Diz o referido relatório que os juros praticados pelos bancos em São Tomé e Príncipe são o triplo, repito, são três vezes superiores aos praticados nos países do Golfo da Guiné, isto é, os juros praticados em São Tomé e Príncipe são três vezes superiores aos da Nigéria, Camarões, Guiné Equatorial, Gabão e Congo. Porquê?

Evidentemente que isso vem de trás, do tempo colonial. Só assim se percebe da razão da existência de tantos bancos em São Tomé e Príncipe tanto mais que a actividade económica se deve ter reduzido substancialmente com a baixa produção do cacau. Que impulso que se poderia dar à economia se os juros fossem reduzidos a 1/3?

Fala-se nesse relatório da insuficiência do financiamento da agricultura e outros sectores.

Quanto aos combustíveis há dois problemas:

1º- É o do preço de petróleo, isto é dos combustíveis gerais que são 5 vezes superiores aos praticados nos países do Golfo da Guiné.

Extraordinário! E nenhum dos 15 governos que nós tivemos se preocupou com este facto, isso não importa agora. Isto é obra, um roubo.

Agora que vendemos a Enco certamente que a coisa não vai mudar, nem pode mudar.

Devemos continuar com essa situação? Acho que não.

A Sonangol não vai permitir que este maná deixe de correr. Há que arranjar uma solução. Nós precisamos de uma nova gasoleira cuja fonte de abastecimento não seja de Angola mas sim a Nigéria onde neste momento se constroem 3 refinarias financiadas pela China Popular. Assim teríamos, tomado os valores que foram de importação de combustíveis, reduzidos de 24,5% á 4,9%, uma redução total de 19,6% do valor das importações. Eu quero dizer com isso que se admitirmos que tivesse sido de 80.000.000 o custo das importações teríamos poupado 15 680 000 dólares, para além da redução substancial do preço do combustível que passaria de 5 para 1.

#### A cooperação Sul -Sul

Hoje em dia fala-se muito da cooperação Sul -Sul e já tive ocasião de referir-me a ela. A China, a Índia mesmo os países do Asian voltaram-se para África e

propõem-se colaborar com ela. Eu talvez por medo ao Comunismo prefiro os dois, a Índia e os Asian. Estes últimos sobretudo Singapura tem prestado a sua colaboração e apoio ao desenvolvimento do Ruanda e do Botsuana e querem estender esta colaboração a outros países mais pequenos da África. A China já está em Angola, Nigéria, Moçambique e noutros países da África oriental.

### Os 50 anos da independência da África francófona e anglófona.

Em todo o mês se tem falado muito da África. No último domingo dia 23 de Maio, houve uma conferência sobre a África na RFI na qual participaram vários economistas entre os quais um francês que tinha passado grande parte da sua vida em África. Todos foram unânimes em reconhecer que a pouca, ou quase nenhuma evolução da África se deveu em grande medida a corrupção, má governação e sobretudo aos ditames errados das organizações internacionais dos Bretton-Wood, tais como: banco mundial, fundo monetário internacional que impuseram nos últimos 20 anos seus pontos de vista sem ter em conta o dos governos beneficiados. Eles é que sabiam e só eles é que davam ordens, em proveito dos países europeus e americano.

Os nossos governos não tinham opiniões; até deram como exemplo o caso actual da Grécia em que o FMI se limitou a entregar milhões sem se atrever a estabelecer regras, a exigir nada, ao contrário do que aconteceria se se tratasse de um país africano. É sempre o que tenho ouvido ultimamente, dois pesos e duas medidas. O que interessa é utilizar algum dinheiro que dêem em proveito da Europa e dos Estados Unidos de América.

Um exemplo:

O Senegal foi induzido a produzir amendoim. A Costa do Marfim foi induzida a produzir o cacau. Foi política do PNUD e outras agências das Nações Unidas dissuadir os países de diversificar a agricultura, e hoje o arroz que é a base da alimentação desses países tem de ser importado a preços elevados quando justamente os preços dos seus produtos de exportação estão nos seus mais baixos níveis.

Na esteira disso sempre preconizaram a subordinação das antigas colónias aos seus colonizadores. Fazem-no até hoje.

Qual dos 53 países africanos ficou verdadeiramente independente? Nenhum.

Pequenos países da Ásia, Coreia do Norte, Singapura, China Taiwan são hoje mais desenvolvidos do que alguns países da Europa sem ajuda das organizações internacionais Bretton-Wood.

Concluindo:

Como conclusão quero convidar todos os economistas, gestores, contabilistas e licenciados em finanças existentes em São Tomé e Príncipe a examinar e rever esta minha nota propondo-me discutir com eles qualquer desses pontos se assim o entenderem.

**Anexo # 1: Qual deve ser a contribuição do sector privado para o desenvolvimento do país.**

<b>Empresa</b>	<b>Companhia Geral do Golfo da Guiné STP</b>
Sociedade	Anónima
Capital Social	20.000.000 Euros
Número de Acções	160.000
Valor de cada Acção	125 Euros
<b>Empresa Mãe</b>	<b>3 Gs</b>
Empresas afilhadas	Banco de Comércio de S. Tomé e Príncipe Banco Popular de S. Tomé e Príncipe A Seguradora Empresa de Equipamentos e Serviços
<b>Empresas com capital assim distribuído:</b>	
<b>80% capital são-tomense e 20% capital estrangeiro</b>	
Outras afilhadas de todos os sectores	Agro-pecuário Pesca Comércio Energia Indústria Transportes (aviação, terrestre, marítimo) Seguro Serviços Petrolíferos Porto de Águas Profundas Turismo Outras

<b>Companhia Geral do Golfo da Guiné</b>	
Capital Social	20.000.000 Euros
Número de Acções	160.000
Valor de cada Acção	125 Euros
<b>Accionistas</b>	
Grupo A	20% do capital
Grupo B	15% do capital
Grupo C (comerciantes)	15% do capital
Grupo D	15% do capital
Grupo X (empregados)	20% do capital
Grupo Y (Fundação)	10% do capital
Grupo Z (Promotor)/ Mulher	5% do capital

	<b>Capital</b>	<b>N.º de accionistas</b>
Grupo A	4.000.000	20/40
Grupo B	3.000.000	100/150
Grupo C	3.000.000	300/600
Grupo D	3.000.000	1500/3000
Grupo X (empregados)	4.000.000	
Grupo Y (Fundação)	2.000.000	
Grupo Z (Promotor)	1.000.000	
Total	20.000.000 Euros	

<b>Divisão de Capital</b>		
<b>Empresas</b>	<b>Capital</b>	<b>Caixa</b>
3 Gs	20.000.000	500.000
Banco do Comércio STP	8.000.000	
Banco Popular STP	1.500.000	
A Seguradora	5.000.000	
Empresa de equipamentos e serviços	5.000.000	
<b>Os restantes sectores (80% - 20%)</b>		
Empresas	Financiamento pelo BC STP	Privado (estrangeiro ou nacional)
Agro-pecuários	Banco de Comércio +	Privado
Pescas	Banco de Comércio +	Privado
Comércio	Banco de Comércio +	Privado
Energias	Banco de Comércio +	Privado
Indústrias	Banco de Comércio +	Privado
Transportes	Banco de Comércio +	Privado
Outros Seguros	Banco de Comércio +	Privado
Serviços Petrolíferos	Banco de Comércio +	Privado
Outros	Banco de Comércio +	Privado

**Anexo # 2: Vejamos um exemplo da vantagem económica da criação de uma empresa privada nacional**

<b>Empresa</b>	<b>Financiamento</b>	<b>Capital</b>
A seguradora	Banco de Comércio= 3 Gs	80% do capital= 5.000.000
Empresa Estrangeira	Empresa Estrangeira	20% do capital= 1.250 000
Total		6. 250.000 Euros

**Capital da Seguradora**

Empresas	% a que corresponde
Banco-3 Gs	50%
Fundação	10%
Funcionários	10%
Promotor	10%
Estrangeiros	20%
Total	100%

**Resultado da utilização de quadros nacionais**

O número de poços da zona conjunta é de 4.

A percentagem que nos corresponde é de 40%, portanto:

$$4 * 40\% = 1,6$$

Atribuídos à ERHC são 5 poços, então seriam  $5 + 1,6 = 6,6$  poços.

Se o investimento em média feito em cada poço for igual a 500. 000.000 de dólares aproximadamente.

O total dos investimentos seria de  $500. 000.000 * 6,6 = 3.300.000.000$  dólares

O valor do investimento nos 6,6 poços é de mais ou menos 3.300.000.000 dólares.

Admitindo-se que o prémio provável seja de 1% o prémio seria de 33.000.000 de dólares.

Resseguro? Sim. Admitamos que o prémio é de 0,5 %\*33.000.000 seria igual a mais ou menos 16.500.000 dólares.

Será este o lucro provável da empresa de seguros?

Mesmo que se crie um Fundo de Reserva de 50% ainda sobram 8. 250.000 dólares.

Um lucro fabuloso.

### **Anexo # 3: Qual a vantagem da preparação prévia de quadros para São Tomé e Príncipe**

Suponhamos que o governo pretende preparar pessoal para as empresas petrolíferas como é seu dever. Suponhamos que acha boa ideia e decide formar 2.000 indivíduos. A formação de 2.000 indivíduos (quadros), quanto custará?

Admitamos que vamos dar bolsas de 2.000 dólares mensais que é exagerado no meu entender.

Para candidatos que tenham a 11.<sup>a</sup> classe e tenham de fazer o ano zero, são 5 ou 6 anos na pior das hipóteses. Tomemos 6 anos que multiplicados por 12 meses, por 2.000 estudantes multiplicados por 2.000 dólares teríamos portanto 288.000.000 dólares.

Se admitirmos, o que é um facto, que em Angola um técnico estrangeiro ganha em média 75-90 mil dólares mensais, podemos considerar 80 mil como ordenado em São Tomé e Príncipe, multiplicados por 2.000 técnicos necessários por 12 meses teríamos o seguinte valor:

$$2.000 * 80.000 = 160.000.000 * 12 = 1.920.000.000 \text{ dólares}$$

Este seria o valor que gastaríamos se nós estivessemos a utilizar a mão-de-obra estrangeira.

Isto quer dizer que não sairia do país essa importância, se utilizássemos quadros nacionais; a mesma seria repartida entre vencimentos do pessoal e outras despesas.

Se tomarmos como ordenado mínimo 5.000 dólares que acho exagerado teríamos anualmente como valor de ordenados o seguinte:

$$5.000 * 12 * 2.000 = 120.000.000 \text{ se deduzirmos de } 1.920.000.000 \text{ que é o valor dos ordenados anuais dos estrangeiros que são de } 120.000.000 \text{ teríamos } 1.800.000.000 \text{ de poupança.}$$

Interessará a São Tomé e Príncipe entregar todo o país por 5 biliões como pretende o Rafael Branco?

Aqui há marosca. Porquê que não se fala no petróleo?

Porque razão quererá São Tomé e Príncipe fazer um consórcio com a Sonangol - Galp de Portugal e a Petrobrás do Brasil? Convite que o Brasil rejeitou?

Será que o Primeiro-ministro está no seu pleno juízo? Ou está comprometido com alguém?

#### **Anexo # 4: Quanto ao petróleo qual é a vantagem de parceria com países emergentes.**

O petróleo pode ser uma maldição ou uma bênção, dependendo um ou outro caso dos governantes, pois deles depende a utilização em seu proveito do benefício que o petróleo pode trazer.

Em meu entender conviria o seguinte:

- 1º- A zona conjunta com a Nigéria continua como está.
- 2º - A ERHC deve ser seguida para se necessário anular o contrato.
- 3º- O leilão dos restantes sete blocos deve ser anulado.

A partir de agora todas as operações com o petróleo devem ser na base de partilha de produção, que é a modalidade mais rentosa utilizada no Médio Oriente.

Devemos ter como parceiros em 1º- lugar a União Indiana, 2º- lugar China Taiwan.

O Fundo do Petróleo deve ser depositado no Banco de Comércio de S. Tomé e Príncipe. Todas as operações bancárias relativas ao petróleo devem ser também realizadas neste banco.

A preparação de 2.000 técnicos, que podem sair dos alunos com a 11.<sup>a</sup> classe ou mesmo a partir da 10.<sup>a</sup> custará aproximadamente 288.000.000 de dólares. Uma insignificância.

Esse montante pode ser financiado pelas empresas adjudicatárias dos blocos como está previsto no decreto das receitas petrolíferas. Há que reformular as leis sobre o petróleo, Lei -quadro e outras.

Há que admitir gente capaz para a *Agência Nacional de Petróleo, Gabinete de Registo de Informação Pública, a Comissão de Fiscalização do Petróleo*, de dar conta do recado, nem que se tenha que recorrer a técnicos brasileiros competentes.

O petróleo pode dar biliões a S. Tomé e Príncipe, sem que tenhamos que gastar um tostão das receitas petrolíferas. Só na diferença do valor dos salários que se pouparia, utilizando a nossa gente, daria para desenvolver o país conforme se viu na nota anterior. Aliás com este valor o rendimento per capita do país passaria de 430 dólares anuais hoje, para catorze mil, sem contar outros rendimentos que se poderiam obter e toda outra actividade privada como seja: seguros, indústria, pesca, etc, etc o que não é nada mau.

Isto quer dizer que o rendimento actual de 430 dólares, passaria a mais de 24.000 dólares, 60 vezes superior, em 6-7 anos.